

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAÍRA PEDRON

A EXPERIÊNCIA DOS TURISTAS NOS PARQUES DE CURITIBA/PR

CURITIBA

2013

MAÍRA PEDRON

A EXPERIÊNCIA DOS TURISTAS NOS PARQUES DE CURITIBA/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. José Manoel Gonçalves Gândara

CURITIBA

2013

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo (a) candidato (a) **MAÍRA PEDRON** intitulada "**A EXPERIÊNCIA DOS TURISTAS NOS PARQUES DE CURITIBA-PR**", para obtenção do grau de Mestre em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Produção e Transformação do Espaço Urbano e Regional**.

Após haver analisado o referido trabalho e argüido o (a) candidato (a), são de parecer pela *aprovação* da Dissertação.

Curitiba, 04 de abril de 2013.

Nome e Assinatura da Banca Examinadora:

José Manoel Gonçalves Gândara
Prof. Dr. José Manoel Gonçalves Gândara (Orientador)

Marcello Barros Tomé Machado
Prof. Dr. Marcello Barros Tomé Machado (UFRRJ)

Leticia Härdt
Profa. Dra. Leticia Härdt (PUCPR)

Vander Valduga
Prof. Dr. Vander Valduga (UFPR)

Dedico este trabalho às pessoas mais especiais na minha vida: Fernando, mãe, pai e Maikon.

AGRADECIMENTOS

Certamente essa é uma das partes mais difíceis da dissertação. Foram muitas pessoas que cruzaram e interferiram no meu caminho. Talvez devesse agradecer primeiro a quem foi o contraponto essencial da minha vida, aquele que esteve ao meu lado em todas as horas, a você, Fernando, todo meu carinho e amor, muito obrigada por me aguentar e acreditar em mim.

Aos meus pais, por me darem a base e a confiança para seguir em frente. Ao meu irmãozinho também agradeço por nossos momentos.

Ao meu orientador, professor Gândara, por sempre estar disposto a ajudar e me cobrar o melhor cada vez mais.

Aos professores do programa de pós-graduação em Geografia da UFPR pelos conhecimentos transmitidos, assim como aos funcionários, sempre tão atenciosos e prestativos.

Aos professores da graduação que despertaram em mim o interesse na carreira acadêmica.

Aos professores Letícia Hardt e Vander Valduga pela participação na banca de qualificação e relevantes contribuições para o encaminhamento deste trabalho.

À minha família.

Aos colegas desta jornada, por colaborarem e deixá-la mais divertida.

Aos meus amigos que me apoiaram desde o início e me ajudaram sempre que precisei: Tiago, Patrícia, Cris, Carla, Tayene e tantos outros. Aos apoios 'técnicos' dos estatísticos Marcelo e Maykel, de informática da Patrícia K., de tradução da Helo e de revisão do André.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

Com a ocupação do espaço urbano surgiu a necessidade de ordenamento desse espaço. A cidade é uma organização viva e o que melhor representa essa vivacidade são seus espaços públicos, como os parques. Os parques urbanos surgiram no final do século XIX, em decorrência das modificações sociais e econômicas provenientes da industrialização. A evolução destes, principalmente nos dois últimos séculos, acompanha as mudanças urbanísticas e eles podem ser considerados como importantes testemunhos dos valores sociais, econômicos e culturais do espaço urbano. A visita aos parques de uma cidade pode ser uma atividade turística. Explicar o turismo implica estudar o espaço geográfico, visto que os turistas viajam para conhecer os lugares, o que faz com que a relação entre a Geografia e o Turismo seja próxima. A concorrência entre os destinos turísticos tem gerado a necessidade de diferenciação da oferta de produtos e serviços, que se torna cada vez mais personalizada. Para tanto, neste estudo são utilizados os conceitos da Economia da Experiência, de Pine II e Gilmore (1999), na qual são apontadas quatro dimensões da experiência: entretenimento, evasão, contemplação e aprendizado, que são utilizadas para embasar a experiência dos turistas nos parques da cidade brasileira Curitiba, estado do Paraná. Assim sendo, tem-se como objetivo deste trabalho analisar a atividade turística nos parques de Curitiba sob a abordagem da economia da experiência. Os objetivos específicos pretendem caracterizar os parques da cidade constantes na Linha Turismo, analisar a relação entre o planejamento urbano e turístico com os parques, analisar o perfil dos turistas que visitam esses espaços, analisar como eles percebem os parques curitibanos e analisar qual a função dos parques de Curitiba para os turistas. A problemática da pesquisa é analisar como os turistas experienciam os parques públicos da cidade. A hipótese trabalhada é a de que o planejamento urbano de Curitiba delimitou espaços verdes, os parques, que hoje são atrativos turísticos que geram experiências positivas aos turistas que os visitam. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, pesquisa documental e pesquisa de campo com os turistas nos parques urbanos que integram o roteiro do ônibus da Linha Turismo na cidade de Curitiba. Os principais resultados identificaram que os turistas que visitam esses parques vivenciam principalmente experiências de contemplação e entretenimento. Eles consideram que o mais importante nesses locais é a história e sociedade representadas no parque e que estes são espaços de conservação da natureza e de aproveitá-la no meio urbano. Assim identificou-se que para um parque urbano possuir atratividade turística precisa apresentar relevantes elementos da natureza, assim como representar a história, a cultura e a sociedade na qual está inserido. Além disso, deve construir elementos que propiciem a contemplação e o entretenimento, fortalecendo aspectos de aprendizagem, seja em espaços culturais ou em educação ambiental e atividades mais ativas, nas quais os turistas possam estar imersos na experiência.

Palavras-chave: Turismo. Parques urbanos. Espaço. Economia da Experiência. Curitiba.

ABSTRACT

With the occupation of urban space emerged the need of a planning for this space. The city is a living organization and what best represents this liveliness is the public spaces such as parks. The urban parks emerged in the late nineteenth century as a result of social and economic changes from industrialization. The evolution of the parks followed the changes in the city and they can be considered as important evidence of the social, economic and cultural aspects of urban space. The visitation to the parks of a city can be a tourist activity. Explain tourism involves studying the geographic space, seen that tourists travel to see the places, which makes the relationship between geography and tourism very close to each other. The competition between tourist destinations has generated the need for differentiated product offerings and services, it becomes increasingly personalized. For this study is use the Experience Economy, by Pine II and Gilmore (1999), in this theory are pointed four dimensions of experience: entertainment, escape, contemplation and learning. The objective of this paper is to analyze the tourist activity in the parks of Curitiba in the approach of the experience economy. Specific objectives aim to characterize the parks of Curitiba/PR listed on Tourism Line, analyze the relationship between urban planning and tourism, analyze which is the profile of the tourists who visit these parks, how they perceive the Curitiba's parks and what is the park's role for the tourists. The research problem is how tourists experience the city's public parks. The hypothesis worked is that the urban planning of Curitiba delimited green spaces, parks, which are now tourist attractions that generate positive experiences for tourists who have visited them. Therefore, was accomplished a bibliographic review about the subject, a documental research and a field survey with visitors from municipal parks listed in the Tourism Line itinerary. The main results showed that tourists who visited those parks mostly live experiences of musing and entertainment. They consider that the most important thing in these places are the history and the society that are represented in the parks. And that those are natural preservation locals and places to enjoy the nature in the urban space. That way, was identified that an urban park that has appeal to tourist needs to present relevant elements, notably landscape and conservation areas, as well as represent the history, culture and society in which it is inserted, and developed elements that provide contemplation and entertainment, strengthening aspects of learning, either in cultural or environmental education and more active activities, which tourists can be immersed in the experience.

Key-words: Tourism. Urban Parks. Space. Experience economy. Curitiba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – ESPAÇO GEOGRÁFICO: FORMA, FUNÇÃO, ESTRUTURA, PROCESSO.....	20
FIGURA 2 – ESPAÇO TURÍSTICO BASEADO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO	21
FIGURA 3 – FUNÇÕES DOS PARQUES URBANOS	26
FIGURA 4 – OS DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA.....	39
FIGURA 5 – PARQUES E LINHA TURISMO	56
FIGURA 6 – LINHA DO TEMPO PARQUES TURÍSTICOS DE CURITIBA	63
FIGURA 7 – JARDIM BOTÂNICO.....	66
FIGURA 8 – CROQUI JARDIM BOTÂNICO.....	68
FIGURA 9 – PASSEIO PÚBLICO	68
FIGURA 10 – CROQUI PASSEIO PÚBLICO	71
FIGURA 11 – BOSQUE JOÃO PAULO II.....	71
FIGURA 12 – CROQUI BOSQUE JOÃO PAULO II	74
FIGURA 13 – BOSQUE ALEMÃO.....	74
FIGURA 14 – CROQUI BOSQUE ALEMÃO	76
FIGURA 15 – UNILIVRE/BOSQUE ZANINELLI	76
FIGURA 16 – CROQUI BOSQUE ZANINELLI/UNILIVRE.....	78
FIGURA 17 – PARQUE SÃO LOURENÇO	78
FIGURA 18 – CROQUI PARQUE SÃO LOURENÇO.....	80
FIGURA 19 – PARQUE DAS PEDREIRAS.....	80
FIGURA 20 – CROQUI PARQUE DAS PEDREIRAS	82
FIGURA 21 – PARQUE TANGUÁ.....	82
FIGURA 22 – CROQUI PARQUE TANGUÁ.....	85
FIGURA 23 – PARQUE TINGUI.....	85
FIGURA 24 – CROQUI PARQUE TINGUI	87
FIGURA 25 – PARQUE BARIGUI	87
FIGURA 26 – CROQUI PARQUE BARIGUI.....	89
FIGURA 27 – DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA NOS PARQUES DE CURITIBA	90
FIGURA 28 – ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA POR PARQUE PELOS TURISTAS.....	135

FIGURA 29 – COMPARAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DA EXPERIÊNCIA POR PARQUE	137
GRÁFICO 1 – PASSAGEIROS TRANSPORTADOS NA LINHA TURISMO	55
GRÁFICO 2 – FAIXA ETÁRIA.....	94
GRÁFICO 3 – ESCOLARIDADE	94
GRÁFICO 4 – PRIMEIRA VEZ NA CIDADE, PRIMEIRA VEZ NO PARQUE...	95
GRÁFICO 5 – EXPERIÊNCIA	100
GRÁFICO 6 – EXPERIÊNCIA DOS TURISTAS POR PARQUE.....	101
GRÁFICO 7 – ESPAÇO	105
GRÁFICO 8 – ESPAÇO POR PARQUE	107
GRÁFICO 9 – FUNÇÃO DO PARQUE	109
GRÁFICO 10 – FUNÇÃO POR PARQUE	111
QUADRO 1 – FUNÇÕES DOS PARQUES URBANOS	26
QUADRO 2 – DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA	40

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – TRABALHOS CIENTÍFICOS SOBRE PARQUES DE CURITIBA	15
TABELA 2 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS DURANTE A VIAGEM.....	53
TABELA 3 – OPINIÃO COM RELAÇÃO À QUALIFICAÇÃO DA CIDADE	55
TABELA 4 – PESQUISA DE DEMANDA TURÍSTICA NA LINHA TURISMO...	57
TABELA 5 – VALORES CÁLCULO DA AMOSTRA	60
TABELA 6 – PESQUISA DE DEMANDA TURÍSTICA NA LINHA TURISMO - PARQUES VISITADOS.....	61
TABELA 7 – AMOSTRA DA PESQUISA.....	61
TABELA 8 – CARACTERIZAÇÃO JARDIM BOTANICO.....	67
TABELA 9 – CARACTERIZAÇÃO PASSEIO PÚBLICO	70
TABELA 10 – CARACTERIZAÇÃO BOSQUE JOAO PAULO II.....	73
TABELA 11 – CARACTERIZAÇÃO BOSQUE ALEMÃO	75
TABELA 12 – CARACTERIZAÇÃO BOSQUE ZANINELLI/UNILIVRE.....	77
TABELA 13 – CARACTERIZAÇÃO SÃO LOURENÇO.....	79
TABELA 14 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE DAS PEDREIRAS.....	81
TABELA 15 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE TANGUÁ.....	84
TABELA 16 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE TINGUI	86
TABELA 17 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE BARIGUI.....	88
TABELA 18 – FUNÇÃO DOS PARQUES X DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA...	91
TABELA 19 – PROCEDÊNCIA DOS VISITANTES DOS PARQUES DE CURITIBA.....	93
TABELA 20 – ATIVIDADES REALIZADAS	96
TABELA 21 – O QUE TURISTA MAIS GOSTOU NO PARQUE VISITADO	96
TABELA 22 – O QUE O TURISTA MENOS GOSTOU NO PARQUE	98
TABELA 23 – EXPERIÊNCIA CONTEMPLAÇÃO E ATIVIDADES.....	114
TABELA 24 – EXPERIÊNCIA CONTEMPLAÇÃO E PONTOS POSITIVOS..	114
TABELA 25 – EXPERIÊNCIA CONTEMPLAÇÃO E PONTOS NEGATIVOS	115
TABELA 26 – EXPERIÊNCIA ENTRETENIMENTO E ATIVIDADES.....	116
TABELA 27 – EXPERIÊNCIA ENTRETENIMENTO E PONTOS POSITIVOS	116
TABELA 28 – EXPERIÊNCIA ENTRETENIMENTO E PONTOS NEGATIVOS	117

TABELA 29 – EXPERIÊNCIA APRENDIZAGEM E ATIVIDADES	117
TABELA 30 – EXPERIÊNCIA APRENDIZAGEM E PONTOS POSITIVOS ...	118
TABELA 31 – EXPERIÊNCIA APRENDIZAGEM E PONTOS NEGATIVOS..	118
TABELA 32 – EXPERIÊNCIA EVASÃO E ATIVIDADES	119
TABELA 33 – EXPERIÊNCIA EVASÃO E PONTOS POSITIVOS	119
TABELA 34 – EXPERIÊNCIA EVASÃO E PONTOS NEGATIVOS.....	120
TABELA 35 – ESPAÇO – PROCESSO – E ATIVIDADES.....	121
TABELA 36 – ESPAÇO – PROCESSO – E PONTOS POSITIVOS.....	121
TABELA 37 – ESPAÇO – PROCESSO – E PONTOS NEGATIVOS	122
TABELA 38 – ESPAÇO – ESTRUTURA – E ATIVIDADES	123
TABELA 39 – ESPAÇO – ESTRUTURA – E PONTOS POSITIVOS	123
TABELA 40 – ESPAÇO – ESTRUTURA – E PONTOS NEGATIVOS.....	124
TABELA 41 – ESPAÇO – FUNÇÃO – E ATIVIDADES.....	124
TABELA 42 – ESPAÇO – FUNÇÃO – E PONTOS POSITIVOS.....	125
TABELA 43 – ESPAÇO – FUNÇÃO – E PONTOS NEGATIVOS	126
TABELA 44 – ESPAÇO – FORMA – E ATIVIDADES	126
TABELA 45 – ESPAÇO – FORMA – E PONTOS POSITIVOS	126
TABELA 46 – ESPAÇO – FORMA – E PONTOS NEGATIVOS.....	127
TABELA 47 – FUNÇÃO – CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – E ATIVIDADES	128
TABELA 48 – FUNÇÃO – CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – E PONTOS POSITIVOS.....	128
TABELA 49 – FUNÇÃO – CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – E PONTOS NEGATIVOS	129
TABELA 50 – FUNÇÃO – METÁFORA DA NATUREZA – E ATIVIDADES...	129
TABELA 51 – FUNÇÃO – METÁFORA DA NATUREZA – E PONTOS POSITIVOS.....	130
TABELA 52 – FUNÇÃO – METÁFORA DA NATUREZA – E PONTOS NEGATIVOS	131
TABELA 53 – FUNÇÃO – SOCIALIZAÇÃO – E ATIVIDADES.....	132
TABELA 54 – FUNÇÃO – SOCIALIZAÇÃO – E PONTOS POSITIVOS	132
TABELA 55 – FUNÇÃO – SOCIALIZAÇÃO – E PONTOS NEGATIVOS.....	133
TABELA 56 – FUNÇÃO – ESPAÇO DE CONFLITOS – E ATIVIDADES.....	133

TABELA 57 – FUNÇÃO – ESPAÇO DE CONFLITOS – E PONTOS POSITIVOS.....	133
TABELA 58 – FUNÇÃO – ESPAÇO DE CONFLITOS – E PONTOS NEGATIVOS	134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CIDADE, SEUS ESPAÇOS E O PLANEJAMENTO	18
1.1 O ESPAÇO PÚBLICO, O ESPAÇO URBANO E O ESPAÇO TURÍSTICO	19
1.2 PLANEJAMENTO URBANO E PLANEJAMENTO TURÍSTICO.....	22
2 PARQUES URBANOS: FUNÇÕES, GESTÃO E TURISMO	25
2.1 FUNÇÕES DOS PARQUES URBANOS.....	25
2.2 PARQUES: CARACTERÍSTICAS E ATIVIDADES.....	28
2.3 TURISMO EM PARQUES URBANOS	33
2.4 GESTÃO DE PARQUES URBANOS	35
3 ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA E TURISMO	38
4 CURITIBA, A CIDADE E SEUS PARQUES	43
4.1 PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA.....	43
4.2 PARQUES DE CURITIBA	46
4.2.1 Legislação das Unidades de Conservação de Curitiba	48
4.2.2 Gestão dos Parques de Curitiba	50
4.3 TURISMO EM CURITIBA.....	52
5 METODOLOGIA DE PESQUISA	58
6 CARACTERIZAÇÃO DOS PARQUES DE CURITIBA	63
6.1 JARDIM BOTÂNICO FRANCISCA MARIA GARFUNKEL RISCHBIETER.	66
6.2 PASSEIO PÚBLICO	68
6.3 BOSQUE JOÃO PAULO II	71
6.4 BOSQUE ALEMÃO	74
6.5 BOSQUE ZANINELLI / UNIVERSIDADE LIVRE DO MEIO AMBIENTE	76
6.6 PARQUE SÃO LOURENÇO	78
6.7 PARQUE DAS PEDREIRAS	80
6.8 PARQUE TANGUÁ	82
6.9 PARQUE TINGUI	85
6.10 PARQUE BARIGUI	87
6.11 ANÁLISE DOS PARQUES SOB A ÓTICA DA ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA	90
7 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	92
7.1 PERFIL DOS VISITANTES	92

7.1.1 Questão sobre a experiência.....	99
7.1.2 Questão sobre o espaço	104
7.1.3 Questão sobre a função do parque	108
7.2 CRUZAMENTOS ENTRE AS QUESTÕES DE IMPORTÂNCIA E AS QUESTÕES REFERENTES AO PARQUE	113
7.2.1 Questão sobre a experiência.....	113
7.2.2 Questão sobre o espaço	120
7.2.3 Questão sobre a função	127
7.3 ANÁLISE DOS PARQUES SOB A ÓTICA DA ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA NA VISÃO DOS TURISTAS.....	135
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS.....	143
APÊNDICES	157

INTRODUÇÃO

A ocupação do espaço urbano tem se tornado uma preocupação constante nos últimos anos, quando da intensificação da população nessas áreas pode fazer com que a qualidade de vida dependa mais fortemente do ordenamento do espaço urbano.

A cidade é uma organização viva e o que melhor representa essa vitalidade são seus espaços públicos, ou seja, parques, praças, logradouros, entre outros. Os espaços públicos procedem da necessidade de contato, comunicação, relação e troca entre as pessoas. (RECHIA, 2003).

Ao analisar a localidade a partir das relações com o espaço urbano, pode-se utilizar conceitos da Geografia Urbana trabalhados por alguns autores. (LEFEBVRE, 2001; SANTOS, 2006; 2008).

O espaço e suas representações são objetos de estudo da Geografia Humanista-Cultural, na temática das relações entre homem e espaço. A Geografia Humanista aparece no início dos anos 70, com vários autores que reconheceram que a forma e o conteúdo da ciência geográfica até ali eram insuficientes e inadequados. (NIGRO, 2010). Esta deixou de acreditar em uma via metodológica única e reconheceu a importância e a riqueza de outras condutas possíveis para a geografia. Corrêa e Rosendahl (2008) pontuam que a diversidade metodológica que caracteriza a Geografia Cultural renovada é um grande ganho para a ciência geográfica.

Para compreensão do espaço são utilizados conceitos de autores da geografia como Corrêa (2004), Lefebvre (2001) e Santos (1985; 2006; 2008). Já o estudo das dimensões espaciais do turismo tem sido analisado por diversos autores da geografia (CARLOS, 1996; CORIOLANO; SILVA, 2005; CRUZ, 2007; RODRIGUES, 1996) que relatam a complexidade do fenômeno turístico como transformador do território.

Os estudos a respeito da percepção do espaço buscam publicar a relação do homem com o espaço por meio do entendimento das experiências e vivências que ele realiza no mesmo. (TUAN, 1980).

Um dos elementos do espaço público que congrega vários aspectos como lazer, recreação, contato com a natureza e fuga do cotidiano é o parque público urbano. (KLIASS, 1993; MACEDO; SAKATA, 2003; RECHIA, 2003).

Os parques urbanos surgiram no final do século XIX em decorrência das modificações sociais e econômicas provenientes da industrialização. A evolução dos parques, principalmente nos dois últimos séculos, acompanha as mudanças urbanísticas e eles podem ser considerados como importantes testemunhos dos valores sociais, econômicos e culturais do espaço urbano. (KLIASS, 1993; RECHIA, 2003; SILVA, EGLER, 2002).

A visitação aos parques de uma cidade pode ser uma atividade turística, quando observada a presença de turistas, não apenas da comunidade local. (CRUZ, 2003). O turismo é uma atividade que diz respeito essencialmente a pessoas e lugares. (PEARCE, 2003). Explicar o turismo implica estudar o espaço geográfico, visto que os turistas viajam para conhecer os lugares, o que faz com que a relação entre a geografia e o turismo seja próxima. (CORIOLANO; SILVA, 2005).

A concorrência entre os destinos turísticos tem gerado a necessidade de diferenciação da oferta de produtos e serviços, que se torna cada vez mais personalizada. Neste contexto, entende-se que a economia da experiência, proposta por Pine II e Gilmore (1999) pode auxiliar na reflexão e no desenvolvimento de produtos turísticos diferenciados, visando sua requalificação no mercado, a partir das quatro dimensões da experiência propostas pelos autores: entretenimento, evasão, contemplação e aprendizado.

Assim, este trabalho tem o objetivo de analisar a atividade turística nos parques de Curitiba sob a abordagem da economia da experiência. Este é um estudo de caso, que tem como recorte espacial os parques urbanos que integram o roteiro do ônibus da Linha Turismo na cidade de Curitiba/PR. Buscando facilitar a leitura é utilizado no trabalho o termo parques para todas

as áreas estudadas, sendo que posteriormente há a caracterização de cada uma delas.

Os objetivos específicos pretendem caracterizar os parques de Curitiba constantes na Linha Turismo, analisar a relação entre o planejamento urbano e turístico com os parques da cidade, analisar o perfil dos turistas que visitam esses parques, analisar como eles percebem os parques de Curitiba e analisar qual a função dos parques de Curitiba para os turistas.

Assim pretende-se evitar o que alguns estudos sobre turismo fazem ao se concentrarem apenas na questão econômica, ignorando os turistas e suas práticas. (KNAFOU, 1999).

A problemática da pesquisa surgiu da constatação de que Curitiba recebe, todos os anos, mais de três milhões de turistas (CURITIBA TURISMO, 2010). Mas como estes turistas experienciam os parques públicos da cidade? Esta indagação surge da constatação de que os órgãos públicos responsáveis pela administração dos parques municipais não realizaram pesquisas sobre o público que visita esses espaços. De acordo com o Diretor de Bosques e Parques da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, apenas o Parque Barigui teve uma pesquisa realizada em decorrência da elaboração do seu Plano de Manejo (SANTOS, 2012). No entanto foram encontradas pesquisas realizadas em outros parques – Tingui, São Lourenço e Bacacheri, decorrentes da elaboração dos respectivos Planos de Manejo, mas foram pesquisas realizadas com a população local, tendo poucas referências sobre os turistas.

Contudo, há outros trabalhos, não realizados pela administração pública, que analisam os parques de Curitiba (ALMEIDA, 2012; ANDRADE, 2001b; BETAT, 2009; BOBROWSKI *et al.*, 2010; CASSOU, 2009; CASTELNOU NETO, 2005; CUSTÓDIO, 2006; FEIBER, 2004; GÂNDARA, 2001; HARDT, 2000; HILDEBRAND *et al.*, 2001; KAICK, 2007; KAICK *et al.*, 2006; MENEZES, 1996; NAMISAKI, 2012; OLIVEIRA, 2000; OLIVEIRA, RECHIA, 2009; PACE, 2011; RAMOS *et al.*, 2008; RECHIA, 2003; RIBEIRO, 2005; SILVA, 2012; SOUZA, 2010; SZEREMETA, 2007; TORRES, 2007; TRINDADE *et al.*, 1997; VALENTIN, 2009) e servem de base para esta pesquisa.

A fim de identificar pesquisas similares nas áreas de Geografia, Turismo e Arquitetura e Urbanismo foi realizada uma busca nos principais programas de pós-graduação por teses e dissertações que complementassem este estudo. Notadamente, nos programas de Gestão Urbana da PUCPR, Engenharia Florestal, Geografia e Educação Física da UFPR, entre vários outros. Também buscou-se artigos científicos nos principais periódicos e trabalhos de eventos que abordassem o assunto, além de livros sobre o tema. Na sequência serão apresentados os títulos de alguns trabalhos relacionados à Curitiba:

TABELA 1 – TRABALHOS CIENTÍFICOS SOBRE PARQUES DE CURITIBA

Autor, Ano	Título
ALMEIDA, 2012	A Paisagem do Parque Tingui - Curitiba-PR – e a Presença de Capivara (<i>Hydrochoerushydrochaeris</i> , Linnaeus, 1766)
ANDRADE, 2001b	O Processo de Produção de Parques e Bosques de Curitiba
BETAT, 2009	Apropriação dos espaços urbanos pelo turismo. Estudo do Parque Tanguá Curitiba / Paraná
BOBROWSKI <i>et al.</i> , 2010	Qualidade Visual da Paisagem do Parque Natural Municipal Tanguá, Curitiba – PR
CASSOU, 2009	Características Ambientais, Frequência de Utilização e Nível de Atividade Física dos Usuários de Parques e Praças de Curitiba, PR
CASTELNOU NETO, 2005	Ecotopias Urbanas Imagem e consumo dos parques curitibanos
CUSTÓDIO, 2006	A Influência das Intervenções Urbanísticas na Atividade Turística da Cidade de Curitiba
FEIBER, 2004	Áreas Verdes Urbanas Imagem e Uso- O Caso do Passeio Público de Curitiba-PR
GÂNDARA, 2001	La imagen de calidad ambiental urbana como recurso turístico: el caso de Curitiba, Paraná – Brasil.
HARDT, 2000	Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana: aplicação a Curitiba – Paraná
HILDEBRAND <i>et al.</i> , 2001	Distância de deslocamento dos visitantes dos parques urbanos em Curitiba-PR
KAICK, 2007	Percepção de Parques e Áreas Similares para a Atratividade do Turismo em Curitiba/PR
KAICK <i>et al.</i> , 2006	Contribuição dos Parques Urbanos e Áreas Verdes como Atrativos Turísticos em Curitiba – Paraná
MENEZES, C.	Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente: A experiência de Curitiba.
NAMISAKI, 2012	Contribuição do pavilhão de eventos do Parque Barigui e suas atividades para o espaço turístico de Curitiba – Paraná
OLIVEIRA, 2000	Curitiba e o mito da cidade modelo
OLIVEIRA, RECHIA, 2009	O Espaço Cidade: Uma Opção de Lazer em Curitiba (PR)

PACE, 2011	Paisagem como recurso de desenvolvimento do turismo no âmbito da gestão urbana: estudo de caso em Curitiba, Paraná
RAMOS <i>et al.</i> , 2008	Turismo e planejamento urbano: uma análise sobre o caso de Curitiba
RECHIA, 2003	Parques Públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer
RIBEIRO, 2005	Planejamento Urbano, espaços públicos de lazer e turismo no bairro Uberaba em Curitiba-PR
SILVA, 2012	Avaliação Paisagística e Turística do Jardim Botânico de Curitiba, Paraná, Brasil
SOUZA, 2010	Funções sociais e ambientais de parque urbano constituído como unidade de conservação: percepção dos usuários do parque natural municipal Barigui em Curitiba, Paraná
SZEREMETA, 2007	Avaliação e Percepção da Paisagem Sonora de Parques Públicos de Curitiba – Paraná
TORRES, 2007	Gestão do Patrimônio Histórico e Desenvolvimento Urbano Sustentável: Políticas Públicas para o incremento do Turismo em Curitiba
TRINDADE, 1997	Cidade Homem Natureza: Uma história das políticas ambientais de Curitiba.
VALENTIN, 2009	Sobre lazer das tribos urbanas: o final de semana no Parque Barigui

FONTE: Elaborada pela autora (2012).

Pode-se verificar (TABELA 1) a grande variedade de temas tratados referentes aos parques de Curitiba. Na pesquisa que se apresenta, busca-se como diferencial do estudo a análise da experiência dos turistas nos parques da cidade.

A hipótese trabalhada é a de que o planejamento urbano de Curitiba delimitou espaços verdes, dentre os quais os parques, que hoje também são atrativos turísticos que geram experiências positivas aos turistas que os visitam.

Para tanto, neste trabalho foi realizada uma pesquisa de forma aleatória com os visitantes dos parques municipais que constam no roteiro da Linha Turismo, utilizando questionários estruturados. As questões foram referentes à experiência vivida no parque, as considerações do visitante a respeito do espaço e função do local, além do perfil do usuário, para que se possa conhecer o turista que visita os parques de Curitiba. Também se pretendeu investigar quais são os pontos fracos e fortes de cada atrativo na visão do visitante e quais atividades eles realizam nestes locais. Esta pesquisa teve por

finalidade descobrir quais os aspectos necessários para que um parque seja considerado de atratividade turística, além de conhecer o perfil dos visitantes destes espaços.

Para se entender o objeto de estudo, faz-se necessário considerar a dinâmica do que o precedeu, como o pensamento científico se desenvolveu para que chegasse nesse método de análise.

Para tanto, nesse estudo, são trabalhados temas da geografia e do turismo, além de conceitos de espaço público, espaço turístico, planejamento urbano e turístico, parques urbanos e a economia da experiência visando a compreensão de como ocorre a interação entre estes elementos.

O primeiro capítulo apresenta conceituações a respeito de um dos temas principais deste estudo, a cidade, seus espaços e o planejamento. Em seguida, fala-se sobre os parques urbanos, um breve relato histórico, quais são suas funções, além das características e atividades realizáveis nestes espaços. Também se apresenta o turismo e a gestão em parques urbanos.

Na sequência é estudada a Economia da Experiência e o turismo, para no quarto capítulo, ser apresentado o objeto de estudo, a cidade de Curitiba e seus parques. Para tanto, apresenta-se como ocorreu o planejamento urbano da cidade, a delimitação de seus parques, qual a legislação e como acontece a gestão destes, assim como foi feito um relato sobre o turismo em Curitiba, com dados e informações relevantes da atividade turística na cidade, para então, no capítulo sete, serem apresentados os dez parques da cidade trabalhados neste estudo.

Por último são expostos os resultados da pesquisa de campo, o perfil do visitante dos parques, as análises e considerações a respeito das experiências que eles tiveram no parque, quais componentes são considerados mais importantes e quais funções são as principais na visão do turista. Para, então, serem colocadas as considerações finais e os encaminhamentos e sugestões para possíveis próximas pesquisas.

1 A CIDADE, SEUS ESPAÇOS E O PLANEJAMENTO

O tema 'cidade' é complexo, principalmente na atualidade, quando se verifica a maior parte da população vivendo em áreas urbanas. (IBGE, 2010). Para Santos (2006), as cidades converteram-se no maior e mais complexo objeto geográfico produzido pelo homem.

Lefebvre (2001), a respeito da problemática urbana, considera como o ponto inicial o estudo do processo de industrialização. Para ele, ao se distinguir o indutor e o induzido, tem-se que o processo de industrialização é o indutor e que entre os induzidos estão os problemas do crescimento e planificação, além das “questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas à ‘cultura’”. (LEFEBVRE, 2001, p. 03).

De acordo com Lamas (2000), a cidade, assim como outros organismos vivos, está em constante modificação. A “cidade é um ambiente artificial inventado e construído pelo homem, cujo principal objetivo prático é viver em sociedade”. (BOULLÓN, 2002, p. 189). Este autor ressalta que pessoas diferentes formam cidades diferentes, que refletem a economia e a sociedade do período histórico no qual se originaram. (BOULLÓN, 2002). Rechia (2003) acrescenta que o estudo sobre a cidade também sofre constantes transformações, pelo fato de seu objeto ser uma organização viva e dinâmica, e inclusive com o surgimento de novos conceitos da dinâmica urbana.

Para Castrogiovanni (2000), as cidades concentram atrações, serviços, simbolismos e produções culturais. Têm como marca a singularidade, sendo que cada uma apresenta um espetáculo diferente e dinâmico. Ainda para este autor, as cidades são o espaço territorializado que é apropriado pelas sociedades. (CASTROGIOVANNI, 2000).

Os ambientes, principalmente as cidades, “devem ser vistos como um enigma a ser desvendado pela exploração, como um texto a ser interpretado pelo explorador”. (MURTA; ALBANO, 2002 p. 09).

Na sequência serão apresentadas temáticas referentes à cidade, como espaço público, urbano e turístico, além do planejamento urbano e turístico.

1.1 O ESPAÇO PÚBLICO, O ESPAÇO URBANO E O ESPAÇO TURÍSTICO

O espaço é um conjunto dinâmico de elementos materiais e sociais em constante movimento. (SANTOS, 2006).

Os espaços públicos são os locais onde as pessoas se encontram, onde fatos marcantes ocorreram. Serpa (2007) afirma, ao analisar o espaço público conforme Lefebvre, que é este espaço que, por ser social, possui as representações de relações de produção e poder.

O espaço público é considerado como aquele espaço pertencente à coletividade, ao poder público. Serpa (2007) refere-se ao conceito de espaço público como sendo em si mesmo o espaço da ação política ou, pelo menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade.

Para Yázigi (2001), o espaço público é a representação da harmonia da comunidade, pois desempenha uma função de peso na eficácia dos símbolos, sendo que reúne em si um grande número de pessoas que compartilham dos mesmos códigos.

Para Negt¹ (2002, citado por RECHIA, p. 22, 2003) é "no espaço público que se desenvolve a cultura e o contato com o estranho". Tem-se ainda que a dinâmica constituída dentro dos espaços públicos urbanos pode confundir-se com as práticas sociais da própria cidade. (OLIVEIRA; RECHIA, 2009).

Santos (1985) afirma que o espaço deve ser considerado não só como uma condição, mas também como um fator da evolução social. Este autor assegura que o espaço deve ser analisado como um todo e o divide em quatro categorias analíticas: forma, função, estrutura e processo (FIGURA 1). A *forma* seria o aspecto visível de alguma coisa, o arranjo ordenado de objetos; a

¹NEGT. O. Espaço Público e experiência. In PALLAMIN, V. M.; LUDEMANN, M. (coord.) **Cidade e cultura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

função a tarefa ou atividade esperada de uma forma; a *estrutura* a inter-relação de todas as partes de um todo, o modo de organização ou construção e o *processo* a ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer. (SANTOS, 1985).



FIGURA 1 – ESPAÇO GEOGRÁFICO: FORMA, FUNÇÃO, ESTRUTURA, PROCESSO
FONTE: Adaptado de Santos (1985).

O espaço urbano é um reflexo da sociedade: ele é social e fragmentado, além de mutável. (CORREIA, 2004). Assim como Côrrea, Lopes Júnior e Santos consideram o espaço urbano fragmentado, e também articulado e marcado por diferentes formas de uso da terra, a cidade é uma forma espacial, produto de dinâmicas urbanas. (LOPES JUNIOR; SANTOS, 2010).

Sendo assim, o turismo usufrui do espaço e também é responsável pela sua produção e transformação. (CARA, 1999; CORIOLANO; SILVA, 2005; SILVA, 2004; SIVIERO, 2006). Portanto, é necessária a compreensão do conceito de espaço turístico, que será apresentado a seguir.

Segundo Boullón (2002), o espaço turístico é a consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos. Para este autor, os elementos do patrimônio turístico, somados aos empreendimentos e as infraestruturas turísticas, definem o espaço turístico em uma cidade. (BOULLÓN, 2002). Cruz (1998) analisa o espaço turístico como sendo a parte do espaço geográfico onde a produção é determinada pela maior participação do turismo do que de outras atividades.

Para Knafo (1999) o espaço turístico é formado por três fontes: a presença do turista, que segundo o autor pode parecer óbvio, mas muitas vezes eles são esquecidos ou minimizados; o mercado, com a concepção e

colocação de produtos turísticos; e os planejadores e promotores territoriais, que muitas vezes não estão presentes nos lugares que criam, fazendo com que o processo de turistificação não venha do próprio lugar. Este mesmo autor coloca que muitas vezes, os conflitos nos lugares turísticos são oriundos das diferenças de territorialidade. (KNAFOU, 1999).

Para Valduga (2012), o espaço turístico pode produzir um sistema de imagens e representações capaz de defini-lo. Assim como Knafo (1999), Valduga (2012) ressalta a importância do turista, sendo que um território turístico sem a presença do “sujeito turístico”, se torna um fragmento do espaço geográfico que coexiste com outras atividades.

Albach (2010) utiliza o modelo de Santos sobre o espaço, apresentado anteriormente, e faz uma adaptação para o turismo, conforme figura 2.

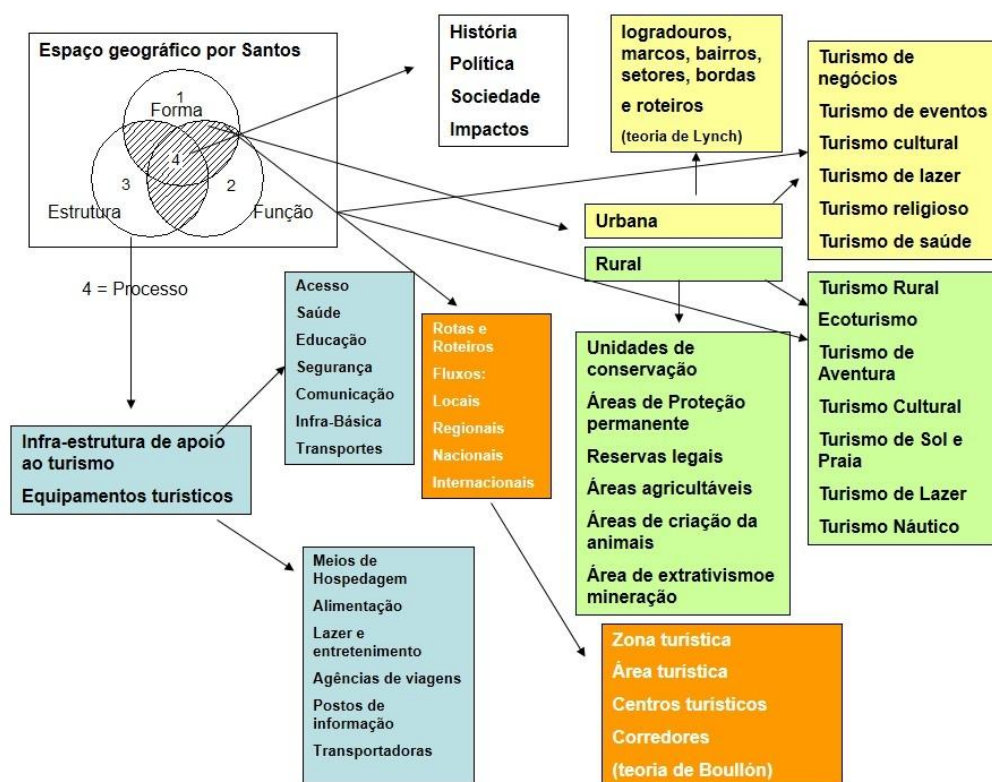


FIGURA 2 – ESPAÇO TURÍSTICO BASEADO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO
FONTE: Adaptado de Albach (2010), baseado em Santos (1985).

Assim é possível verificar como a *forma* no ambiente urbano pode ser voltada aos elementos do espaço, a *função* à tipologia do turismo, a *estrutura* aos equipamentos e serviços turísticos e infraestrutura de apoio ao turismo, e o

processo a aspectos relacionados a história, política, sociedade e impactos. (ALBACH, 2010).

Se direcionar esses componentes para o espaço de um parque pode-se ter como *forma*, a percepção visual dos elementos do parque ou a distribuição destes elementos, a *função* seria qual o papel o parque exerce: conservação, ser um local de encontro, prática de esportes ou outros, a *estrutura* pode-se considerar os equipamentos do parque e o *processo* a história, o meio ambiente e a sociedade representados no parque.

Conforme Siviero (2005), o espaço turístico se constitui em suporte e também atrativo para o turismo. Para Acerenza (2002, p. 140), “os centros urbanos são os espaços nos quais o turismo se mostra mais ativo”.

Essa relação entre turismo e espaço público urbano é intrínseca na maioria das cidades, pois não se pode mais dissociá-los. Por esses fatores, nota-se a importância do planejamento urbano com conhecimento da atividade turística, buscando a harmonização entre o turismo e as atividades realizadas pela comunidade local.

1.2 PLANEJAMENTO URBANO E PLANEJAMENTO TURÍSTICO

Com a concepção das cidades, surgiu a necessidade da criação de regras para se viver em comunidade, inclusive do desenvolvimento do planejamento do espaço urbano, que tem por finalidade o ordenamento das ações do homem sobre o território, antecipando os efeitos da exploração dos recursos naturais. Para Lamas (2000), o controle das transformações nas cidades é algo essencial. No entanto, Lynch (1997) afirma que é possível apenas controlar uma parte do crescimento e da forma da cidade, não o todo.

A alçada do planejamento é organizar as forças – sociais, econômicas, geográficas, políticas, culturais, administrativas, entre outras – com o objetivo de transformar o território. (LAMAS, 2000).

Para Acerenza (2002), o planejamento público se torna um processo indispensável e também racionalizador, feito pela administração pública

visando organizar e coordenar os recursos para o bem-estar e satisfação dos cidadãos.

Segundo Lefebvre (1999, p. 51), o “fenômeno urbano surpreende por sua enormidade; sua complexidade ultrapassa os meios do conhecimento e os instrumentos da ação prática”. Reconhecendo-se a difícil tarefa de trabalhar esse fenômeno urbano, por todas as conexões que ocorrem nos mais variados meios, faz-se necessário que ações preventivas sejam tomadas, visando a diminuição dos impactos causados pelas diversas atividades que ocorrem na localidade. (BOULLON, 2002; RUSCHMANN, 1997).

Entretanto, o planejamento deve ocorrer de acordo com as características de cada local, buscando não utilizar fórmulas prontas que, na maioria das vezes, foram criadas para realidades distintas, pois como coloca Santos (2008), a urbanização nos países ditos subdesenvolvidos ocorreu mais tardiamente e de forma mais rápida que nos países desenvolvidos, ela também ocorre em contextos político e econômico diferentes, com características originais.

Então como trabalhar essas realidades diferentes com um único modelo? Neste ponto percebe-se a necessidade de que sejam elaboradas ferramentas para o planejamento baseadas na realidade dos diferentes espaços. Serpa (2007, p. 138) aponta que “a busca de soluções para o planejamento dos espaços públicos em grandes cidades exige, porém, uma linguagem comum, de conciliação de interesses”.

Uma das atividades que ocorrem nas cidades é o turismo e com ele surge a necessidade do planejamento turístico. O planejamento “é uma atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos”. (RUSCHMANN, 1997, p. 83). O planejamento turístico busca adequar os espaços para a população local e para os turistas, de forma harmoniosa com o meio ambiente, visando ao desenvolvimento da atividade. (RUSCHMANN, 1997).

Para Boullón (2002, p. 08), “planejar bem o espaço é descobrir sem erro como é a realidade [...] e ser capaz de imaginar aquilo que devemos agregar-

lhe, para que, sem que perca seus atributos, adapte-se a nossas necessidades”. Este autor também ressalta que uma estrutura coerente é aquela que se adapta a um organismo preexistente, ofertado pela natureza. (BOULLÓN, 2002).

A atividade turística em uma cidade se apropria do espaço urbano para que possa existir (SIVIERO, 2006) e essa apropriação pode ser benéfica ou, caso não haja um planejamento adequado, pode acarretar prejuízos de ordem social, cultural e econômica.

Para que o turismo seja uma atividade sustentável, que possa existir em uma localidade por um longo período, é necessário um planejamento que vise a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da localidade, agregando a visitação dos turistas. A atividade turística pode trazer para a comunidade local, além dos benefícios econômicos, uma nova maneira de mostrar o que é seu, suas memórias e identidades. Para tanto, é importante utilizar no planejamento turístico também a interpretação do patrimônio, buscando revelar significados e provocar emoções. (MURTA; ALBANO, 2002).

O turismo é uma das poucas atividades econômicas que podem coexistir com o patrimônio cultural e natural. De acordo com Almirón *et al.* (2004), pode-se dizer que a relação entre turismo e patrimônio é positiva e que, muitas vezes, é por meio do turismo que os objetivos da conservação relacionam-se com o incentivo ao desenvolvimento e a criação de empregos. Há muitas formas de turismo que ocorrem nos espaços urbanos, sendo uma delas é em áreas de conservação, como os parques urbanos.

E o planejamento destes espaços também se torna relevante. Como visto sobre o planejamento turístico, é possível considerar para os parques, que o planejamento é necessário para adequar os espaços para a população local e para os turistas, em harmonia com o meio ambiente, visando ao desenvolvimento da atividade (RUSCHMANN, 1997), considerando a relação entre os visitantes e anfitriões, o que pode incluir representações da história, da vida e do cotidiano da comunidade nesses espaços.

2 PARQUES URBANOS: FUNÇÕES, GESTÃO E TURISMO

Evolutivamente, o ser humano tem se afastado do meio natural, no entanto sente falta deste contato. De acordo com Almeida (2012), o surgimento de áreas verdes na cidade aparece para suprir a necessidade do contato do homem com a natureza.

2.1 FUNÇÕES DOS PARQUES URBANOS

Os parques urbanos surgiram no século XIX em decorrência das modificações econômicas e sociais oriundas da industrialização. Apesar de os espaços verdes terem sido importantes desde a Grécia Antiga, os parques como se conhece hoje advêm de um ideário burguês de contato com a natureza. (SILVA; EGLER, 2002).

Kliass (1993) expõe que os parques urbanos surgem na Europa e aparecem nas Américas com o Movimento de Parques Americanos, liderado por Frederick Law Olmsted nos Estados Unidos, cujo modelo inspirou inclusive os parques criados na América do Sul. A finalidade destes era atender as necessidades de lazer e recreação e serem espaços amenizadores das estruturas urbanas. (KLIASS, 1993).

A autora ainda apresenta o caso do Brasil, sendo possível dizer que foi no Rio de Janeiro onde começou a história dos parques urbanos no país. Com a vinda da família real, a cidade recebeu cuidados especiais na sua paisagem urbana, sendo um dos instrumentos para isso a criação de parques e do Jardim Botânico. (KLIASS, 1993).

A evolução dos parques nos últimos séculos acompanhou as transformações das cidades e, logo, eles podem ser considerados testemunhos dos valores sociais, econômicos e culturais do espaço urbano. (SIVIERO, 2006).

Para Kliass (1993, p. 19), é possível conceituar parques urbanos como sendo “espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação”.

Scalise (2002), afirma que o parque urbano é um grande espaço público aberto, ocupando uma área de ao menos um quarteirão urbano (mas normalmente vários), localizado próximo de acidentes naturais, fazendo divisa com diversos bairros.

Segundo Silva (2003), os parques urbanos assumiram várias funções (FIGURA 3) ao longo do processo histórico.



FIGURA 3 – FUNÇÕES DOS PARQUES URBANOS

FONTE: Adaptado de Silva (2003).

De acordo com esta autora, essas funções podem ser resumidamente descritas da seguinte maneira:

Função dos parques	Descrição
Espaço de conservação	Os parques auxiliam no processo de conservação dos elementos da natureza, prevenindo danos ambientais e mantendo esses elementos pode embelezar o ambiente, melhorar o microclima quanto à umidade e insolação, abafar ruídos, controlar a erosão, melhorar a qualidade do ar, proteger mananciais e outros.
Espaço de Socialização	Os parques sendo espaços de socialização da vida cotidiana, locais onde as pessoas podem caminhar, se encontrar, se relacionar. Os parques poderiam auxiliar no bem-estar psicológico da população.
Espaço de conflitos	Os parques são uma escolha de uso do espaço urbano, que poderiam ser áreas de residência, comércio, indústria ou outras. Essas áreas, muitas vezes, disputam espaço para existirem e essas escolhas geram os conflitos. Ou os conflitos gerados por grupos de usuários distintos.
Metáfora da Natureza	Os parques são fragmentos da natureza no meio urbano, refletem a natureza como um espetáculo.

QUADRO 1 – FUNÇÕES DOS PARQUES URBANOS

FONTE: Adaptado de Silva (2003).

Macedo e Sakata (2002) colocam que a procura por lazer em diversos segmentos, como esportivos e culturais, gera novas funções aos parques, diferentes das antigas que eram voltadas basicamente para a contemplação.

Além das atividades de lazer e recreação, os parques possibilitam o desenvolvimento de atividades educativas, culturais e de descanso, que são funções ligadas às necessidades físicas, psíquicas e sociais dos indivíduos. Em relação aos elementos bióticos, representam refúgio da vida silvestre. (FUREGATO, 2004).

Feiber (2004), ao analisar o parque urbano de acordo com Kliass, afirma que foi da necessidade de espaços adequados para a nova demanda do lazer, do tempo do ócio e para ser um local a contrapor-se ao ambiente urbano que os parques surgiram, além de que eles conseguem manter suas características principais, mesmo diante das transformações ocorridas ao seu redor.

As vantagens de áreas verdes, nas quais os parques estão incluídos, de acordo com Guzzo (1999) são *ecológica*, com a minimização dos impactos causados pela industrialização; *estética*, com a integração entre os espaços construídos e destinados à circulação e *social*, com o lazer da população.

Loboda e De Angelis (2005) resumem os benefícios destes locais em: atenuar os níveis de ruídos; melhoria da estética urbana; equilíbrio solo-clima-vegetação; composição atmosférica urbana.

Os parques são espaços públicos de conservação, entretenimento, convivência da população local e dos turistas no meio urbano. Atualmente, os parques também são considerados como patrimônio de uma cidade e o patrimônio natural faz parte da memória social. (SCIFONI, 2010). Assim sendo, a área verde citadina também faz parte da vida, do cotidiano e da história da população e sua identidade cultural (KAICK, 2007), pois, por vezes, foi nesses espaços que aconteceram momentos marcantes da vida dos indivíduos.

Entretanto, os parques e outros espaços públicos precisam ser apropriados pela população local para que tenham vitalidade, pois, do contrário, podem se tornar um fracasso, pois são as pessoas que dão utilidade aos parques. (JACOBS, 2000).

De acordo com Silva e Souza (2011), os parques no meio urbano têm sido utilizados por pessoas de comunidades diversas. Segundo Scalise (2002), pode-se afirmar que os parques chegam a assumir uma função cívica. Em contrapartida, Serpa expõe que na cidade contemporânea, o parque público passa a ser um meio de controle social, especialmente das novas classes médias, que são o destino das políticas públicas que buscam aumentar o consumo e valorizar o solo urbano. (SERPA, 2007). Conforme exposto por Toledo e Santos (2012) o parque urbano pode ser considerado um dos ícones do urbanismo moderno.

Do ponto de vista turístico, os parques podem viabilizar e incentivar o turismo, pois agregam vários elementos em um mesmo espaço. Segundo Serpa (2006, p. 15), “o parque confere ‘identidade’ ao espaço urbano, é uma ‘imagem’ a ser exibida e consumida como qualquer outra mercadoria”.

Para se entender os parques na cidade, faz-se necessário um breve relato sobre alguns aspectos que remetem a eles, como paisagem, percepção, imagem, gestão e lazer, aqui incluído atividade física, cultural e educação ambiental, que serão apresentados na sequência.

2.2 PARQUES: CARACTERÍSTICAS E ATIVIDADES

O lazer consiste em ações desenvolvidas durante o tempo livre. (SILVA, 2004). Ele possui diversidade de tipos, formas e modalidades, é dinâmico e é capaz de valorizar as pessoas que o praticam. (ANDRADE, 2001a).

Para Dumazedier (1976) o lazer consiste em um conjunto de ocupações nas quais a pessoa se entrega, seja para repousar, divertir-se, recrear-se, entreter-se, ou desenvolver sua informação ou formação desinteressada, entre outras, depois de livrar-se das obrigações profissionais, familiares, sociais.

De acordo com Lefebvre² (1991 citado por RECHIA, 2003), no interior das práticas de lazer e por meio delas, os indivíduos, tendo consciência ou não, podem realizar a crítica de sua vida cotidiana, conforme suas possibilidades.

² LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

Ao relacionar o lazer e o turismo em espaços públicos como os parques, é possível afirmar que ambos os fenômenos “não são simplesmente acontecimentos, mas constituem-se em atos humanos que envolvem o psicossomatismo, a opção por alternativas e as conclusões”. (ANDRADE, 2001a, p.27).

O espaço de lazer urbano é democrático e sua significação social é diversa, cada qual com sua particularidade. (SILVA, 2004). Há muitas atividades passíveis de serem realizadas nos parques urbanos, como atividades físicas, atividades culturais e educação ambiental.

Como coloca Dumazedier (1976), o lazer, longe de compensar as atividades do trabalho, acaba refundando a própria sociedade, em novas sociabilidades, valores e modos de produzir, e até espacialidades.

A paisagem é outro aspecto relevante nos parques. Conforme Hardt (2000, p. 15) é possível afirmar que paisagem é a combinação de elementos naturais e antrópicos, que estão inter-relacionados e são interdependentes, que formam um conjunto singular e indissociável, em permanente evolução, “produzindo percepções mentais e sensações estéticas como um ‘ecossistema visto’”.

De acordo com Biondi³ (1990 citado por SILVA, 2012, p. 25), a paisagem é “um conjunto de cenários naturais ou artificiais onde o homem é, além de observador, um de uma gama de elementos que compõem qualquer panorama”.

O termo paisagem sempre esteve relacionado a aspectos artísticos e estéticos. (KAICK, 2007). Para Lamas (2000) as paisagens foram carregadas de atributos de beleza, capazes de provocar emoção estética. Ainda segundo este autor, a paisagem atual pode ser considerada resultado da ação do homem sobre uma base física pré-existente. (LAMAS, 2000).

³BIONDI, D. **Paisagismo**. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 1990.

Neste contexto, Lamas (2000) apresenta que é possível dividir a paisagem em natural e humanizada, sendo esta construída sobre a primeira mostrando a ação do homem sobre o território.

Santos (2006) define paisagem como sendo o conjunto dos elementos naturais e artificiais que caracterizam fisicamente uma área. Para ele, a paisagem é a porção do território que é possível abranger com a visão (SANTOS, 2006) e a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente. (SANTOS, 1985).

A paisagem urbana é capaz de relatar a história de cada sociedade, sendo que o espaço novo está conectado com o espaço existente. (SCHERER, 2002).

Cruz (2002) sobre a relação turismo e paisagem, afirma que no turismo, a paisagem é o primeiro contato do indivíduo com o lugar visitado estando ela, por esta razão, no centro da atratividade dos lugares para o turismo. Nessa linha, pode-se dizer que paisagem e turismo estão intimamente relacionados. (BOBROWSKI; VASHCHENKO; BIONDI, 2010).

Neste contexto, onde a paisagem é um elemento essencial na oferta turística, faz-se necessária a análise desta em relação ao espaço estudado, os parques urbanos, pois como afirma Kaick (2007), como toda intervenção espacial, os parques participam do processo de criação da paisagem da cidade. E eles podem ser considerados como referenciais da paisagem urbana.

A percepção é fundamental para a apreensão da paisagem e outros elementos do espaço. Lamas (2000) apresenta que o indivíduo urbano recebe vários estímulos – calor, sons, cheiros, luz, entre outros – que atuam sobre seu sistema perceptivo e produzem o conhecimento do meio urbano, portanto os aspectos sensoriais são essenciais para a percepção.

Tuan (1980) apresenta que o espaço construído aguça a percepção humana, e que sem as construções os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos. Esse espaço construído tem uma simbologia para a sociedade. O mesmo autor relata que a percepção do turista geralmente se reduz a usar seus olhos para a composição de quadros. (TUAN, 1980).

Serpa (2007) mostra que na geografia a percepção compreende vários aspectos como memórias, atitudes, preferências humanas, entre outros. De acordo com este autor são as “vivências e experiências pessoais que conferem valor e qualidade às formas urbanas visíveis. Assim, numa mesma paisagem, diferentes observadores encontrarão material de percepção adaptado ao seu modo individual de olhar o mundo”. (SERPA, 2007, p. 177).

A percepção é uma simplificação das informações e experiências que o turista tem com relação ao destino. (GÂNDARA, 2007). Para Lynch (1997) a percepção da cidade não é integral, mas parcial e fragmentária envolvida em outras referências. Assim sendo, a percepção dos parques urbanos pode ser entendida nesse sentido também.

E qual a imagem que se obtém destes espaços? A imagem é o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio e para o cidadão está carregada de memórias e significações. (LYNCH, 1997).

A imagem urbana passa por permanente processo de alteração e reciclagem ao longo do tempo, assim como os elementos que a compõem se modificam e incorporam novos significados. Lamas (2000) aponta que para a existência da imagem é necessário que haja a relação entre o objeto e o observador. A imagem é determinante para o comportamento social e psicológico dos moradores de uma cidade. (LYNCH, 1997; LAMAS, 2000).

Ferrara (2000, p. 58) apresenta que a imagem é polissensorial e que “enquanto visibilidade, a imagem representa uma percepção mais complexa da realidade”.

Pela percepção da imagem os cidadãos associam certos espaços dentro do ambiente urbano, e de acordo com cada pessoa a imagem é carregada de significados conforme a lógica da vivência cotidiana particular. (FEIBER, 2004).

Conforme Ferrara (2000) é preciso relacionar a imagem física com a imagem produzida através do imaginário onde se atrelam os significados para compreender um cenário urbano.

Tarnowski (2007) ressalta que a imagem urbana é essencial para a identificação do indivíduo com o ambiente e também para sua orientação no município, pois pode tornar-se um ponto de referência. Como apresenta Lynch (1997), a pessoa se sente mais segura com uma imagem adequada, e quando tem uma imagem desconhecida se sente desorientada.

Sánchez (2003, p. 87) expõe que “as imagens construídas constituem um discurso sobre a cidade, são sínteses de representações ordenadas em linguagem visual e verbal”. A autora também comenta que para os cidadãos e turistas a experiência da cidade é medida pelo consumo de imagens. (SÁNCHEZ, 2003).

Já para Almeida (2010, p. 07), a acumulação das imagens da cidade, reais e imaginadas, atraem e geram a vontade de “experimentar o seu charme, de penetrar e de descobrir os seus mistérios. Este poder de atração da cidade predispõe o turismo”.

De acordo com Lynch (1997), a imagem tem capacidade de ser suficientemente forte para se impor na percepção e memória do observador. E assim, as cidades, buscando atrair novos investimentos e mais turistas, começaram a tomar mais cuidado com sua imagem, especialmente referente à organização de espaços urbanos espetaculares. (OLIVEIRA, 2000).

Segundo Gândara (2007), para entender a imagem de um destino turístico, é preciso unir os produtos que são oferecidos mais a soma de ações comunicativas a respeito deste destino.

Ainda de acordo com Gândara (2001), as cidades tem se convertido em produtos a serem comercializados. A imagem projetada por elas adquire um importante papel nesta comercialização.

Tuan (1980, p. 74) ressalta que “a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza”. E este é um aspecto que pode ser observado nos parques urbanos, pois a imagem para o visitante vai ser estética, ele está ali de passagem. É essa imagem que ele levará consigo do local visitado.

2.3 TURISMO EM PARQUES URBANOS

A conceituação de turismo é algo que gera muita controvérsia, pois há diferentes interpretações sobre este fenômeno. (ACERENZA, 2002; IGNARRA, 2003). Acerenza (2002) ressalta que, de acordo com cada área da ciência e cada corrente de pensamento, o turismo possui uma definição, que não são completas para se estudar o fenômeno como um todo. Knafo (1999) vai mais longe e afirma que muitas pessoas pensam que entendem o turismo, já que em alguma ocasião foram turistas.

Para citar alguns conceitos tem-se que para Ignarra (2003, p. 14) o turismo é o “deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados e não motivados por razões de exercício profissional constante”.

Já para Cooper e outros autores (2001, p. 40) “o turismo pode ser pensado como sendo uma ampla gama de indivíduos, empresas, organizações e lugares, que se combinam de alguma forma para proporcionar uma experiência de viagem”.

O turismo é uma atividade que necessariamente envolve pessoas, durante o ato de deslocar-se e visitar um lugar que não seja o de residência do viajante. Há várias segmentações desta atividade, mas neste trabalho serão apresentadas apenas as que corroboram com o estudo.

Pode-se considerar que o turismo nas áreas urbanas se desenvolveu em resposta à demanda gerada pelas outras funções da cidade. “Como resultado, a estrutura do turismo na cidade tende a seguir a forma geral induzida por essas outras funções (e por outros fatores, como as características do lugar), em vez de formá-las”. (PEARCE, 2003, p. 332).

Como já apresentado, os seres humanos necessitam do contato com a natureza e desde a Revolução Industrial, que transformou as cidades, os espaços naturais são mais valorizados. Simmel (2005) escreveu em 1903 que a cidade grande possui uma forte oposição à cidade pequena e à vida no campo, que possuem “ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais

uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida.” Se isso ocorria no começo do século passado, com o crescimento das cidades é de se supor que estes sentimentos sejam mais fortemente vividos atualmente.

As pessoas passaram a buscar por locais que tivessem aspectos da natureza, como uma forma de compensação dos malefícios causados pelas cidades. Aliando o turismo e esses dados, têm-se a visita a áreas naturais que se tornou um produto turístico.

Sobre destino turístico tem-se a definição de Sancho e outros autores (2001, p. 48) na qual este é “um produto de base territorial, suscetível de englobar outros produtos, que necessariamente deve estar comercializado nos mercados através dos operadores do mesmo, e deve possuir uma imagem de marca que o identifique”.

Mais especificamente sobre o turismo em parques urbanos, não se tem muitos trabalhos na bibliografia. Não se pode considerá-lo apenas ecoturismo, que é um segmento que utiliza o patrimônio natural e cultural de maneira sustentável, em busca de sua conservação e a concepção de uma consciência ambiental (MTUR, 2011), pois não são todos os parques urbanos que abrangem estes aspectos e muitas vezes os turistas não estão dispostos a fazer as atividades de ecoturismo quando visitam um parque urbano.

Entretanto, o turismo em parques urbanos também não se encaixa apenas em turismo urbano, que é atividade turística que se desenvolve em cidades e envolve diversas características como história, cultura, paisagens populares entre outras (CARRERAS, 1999), visto que o turismo em parques urbanos também está relacionado aos ambientes naturais. Portanto, é possível afirmar que o turismo em parques urbanos pode ser considerado uma composição dos dois conceitos trabalhados anteriormente.

Em um estudo realizado na cidade de Curitiba, Gândara e demais autores (2003), estabeleceram que um dos produtos da cidade seria o “Turismo de ambiente urbano”, no qual os parques da cidade foram considerados produtos periféricos. Nesta tipologia se consideram os turistas que se deslocam buscando as características que conformam o espaço urbano, sendo este o

lugar onde se concentra a maior quantidade de alternativas de negócios e lazer. (GÂNDARA; SANCHO *et al.*, 2003). Esta pode ser considerada uma forma de colocar o turismo em parques urbanos.

Sabe-se que o turismo em áreas verdes requer cuidados como a consideração de sua capacidade de carga, como a “quantidade de uso que pode ser mantida em um tempo específico, em área desenvolvida a um certo nível, sem causar prejuízo nem ao ambiente nem à experiência dos visitantes”. (HARDT, 2007, p. 85⁴ citado por VIEIRA, 2010). E isso é um dos papéis dos gestores desses espaços, que serão apresentados a seguir.

2.4 GESTÃO DE PARQUES URBANOS

O planejamento urbano necessita seguir uma política de integração das variadas funções urbanas, inclusive as referentes à conservação da natureza e ao lazer.

Em áreas urbanas, o manejo de unidades de conservação tem características que destacam a importância de estudos direcionados para a integração da área protegida com as áreas urbanizadas. (MAZZEI *et al.*, 2007).

Um dos instrumentos de planejamento e gestão das Unidades de Conservação são os Planos de Manejo, haja vista que eles estabelecem, por meio do zoneamento, as áreas possíveis de visitação e uso público. (MAZZEI *et al.*, 2007).

Segundo a lei nº 9.985 (BRASIL, 2000), o plano de manejo é

documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade.

⁴ HARDT, L. P. A. Planejamento de unidades de conservação. In: Curso de Planejamento e Manejo de Áreas Naturais Protegidas, 2007, Guaraqueçaba. **Apostila...** Guaraqueçaba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2007.

Os Planos de Manejo também podem ser implantados nos parques urbanos que não são Unidades de Conservação, a fim de aprimorar a gestão destes espaços.

A gestão de ambientes naturais no meio urbano ainda é um conceito em construção, que objetiva a formulação de diretrizes, a estruturação de sistemas gerenciais e tomadas de decisão, para que sejam definidos os usos, a conservação, a preservação, a proteção e o monitoramento dos recursos naturais. (OLIVEIRA, 2004). Para que esta gestão seja eficaz, é necessário que haja a participação efetiva da sociedade, e um modo de incluí-la pode ser com a implantação de conselhos e comitês.

Os conselhos gestores ou comitês, segundo Alegria e Silva (2006), têm possibilitado a construção da concordância e a gestão dos conflitos que envolvem a proteção, a conservação, e o uso dos recursos naturais de uma unidade de conservação e seu entorno. É por intermédio do conselho gestor que se consolida a participação organizada e responsável da população que interage nas áreas protegidas. (ALEGRIA; SILVA, 2006).

Para Telles (2007) as práticas do planejamento participativo têm evoluído a partir do surgimento de novos problemas, expressados pelos conselhos ou comitês. As barreiras para a realização de projetos e debates construtivos em prol do interesse comum podem ser justificadas por meio da geografia ao considerar as áreas legalmente protegidas como territórios repletos de relações de poder e conflitos.

A maioria dos parques urbanos ainda é administrada por prefeituras municipais, no entanto destaca-se uma tendência para adoção de novas formas de gestão, incluindo as parcerias entre o poder público e a iniciativa privada, a exemplo da permissão de uso, concessão de uso e terceirização. (KAICK, 2007).

Os parques e áreas verdes em um município podem ser responsáveis pela melhoria da qualidade de vida da população, podem ser espaços de encontro, lazer e descanso. Portanto é relevante que os planos e as ações municipais estejam voltados para a melhoria e o aumento destas áreas.

A partir do que foi discutido, entende-se que o desenvolvimento turístico em um determinado destino requer o aprimoramento de produtos e serviços adequados à demanda, cada vez mais exigente quanto à oferta de bens personalizados, e que gerem experiências, como apresenta a seção a seguir.

3 ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA E TURISMO

Os consumidores contemporâneos não buscam apenas produtos ou serviços, mas também experiências que os façam viver emoções e experimentar sensações e situações que complementem seus cotidianos. O novo diferencial econômico não é baseado na informação, mas na capacidade de criar e oferecer experiência (PINE II; GILMORE, 1999) e isso é relevante para a atividade turística. Conforme Trigo (2010, p. 23), “a viagem não é apenas um deslocamento geográfico, cultural ou social, mas uma jornada interior, o que justifica ser uma experiência fundamental na vida das pessoas”.

Há outros autores que trabalham com essa temática, como O’Sullivan e Spangler (1998), que conceituam a experiência como algo que abrange a “participação e o envolvimento do indivíduo no consumo; uma mudança no conhecimento, habilidade, memória ou emoção; e esforços direcionados para enfrentar uma necessidade psicológica ou interna do participante”. (O’SULLIVAN; SPANGLER⁵, 1998, p. 2-3 citado por LOPES, 2009).

Diversas são as experiências envolvidas quando se realiza uma atividade turística, que podem ser abordadas por meio da Economia da Experiência, de Pine II e Gilmore (1999). Para estes autores, as eras da economia passaram de agrícola e industrial, à de serviços para, atualmente, chegar à era das sensações, denominada por eles de Economia da Experiência. A partir dessa teoria, Pine II e Gilmore (1999) alegam que a prestação de serviço em si não é mais suficiente num mercado global, no qual os consumidores procuram experiências sensoriais e aspectos ligados ao imaginário, com expectativas e percepções individuais e de caráter subjetivo. Para Tonini (2011, p.28), a economia de experiência, no contexto do turismo, “é caracterizada por momentos da viagem que supõem inúmeras sensações e emoções vivenciadas pelo turista”.

Pine II e Gilmore (1999) esclarecem que as experiências realmente envolventes e inesquecíveis costumam ser compostas por quatro esferas:

⁵ O’SULLIVAN, E. L.; SPANGLER, K. J.. **Experience marketing** – strategies for the new millennium. 2. ed. Pennsylvania: Venture Publishing, 1999.

entretenimento, aprendizagem, evasão e estética. Em algumas delas, os consumidores têm uma atitude mais ativa e, em outros casos, mais passiva. Em outro momento, podem estar mais imersos ou absorverem o que consta da atividade. Por meio da figura 4, pode-se verificar a disposição destes elementos.

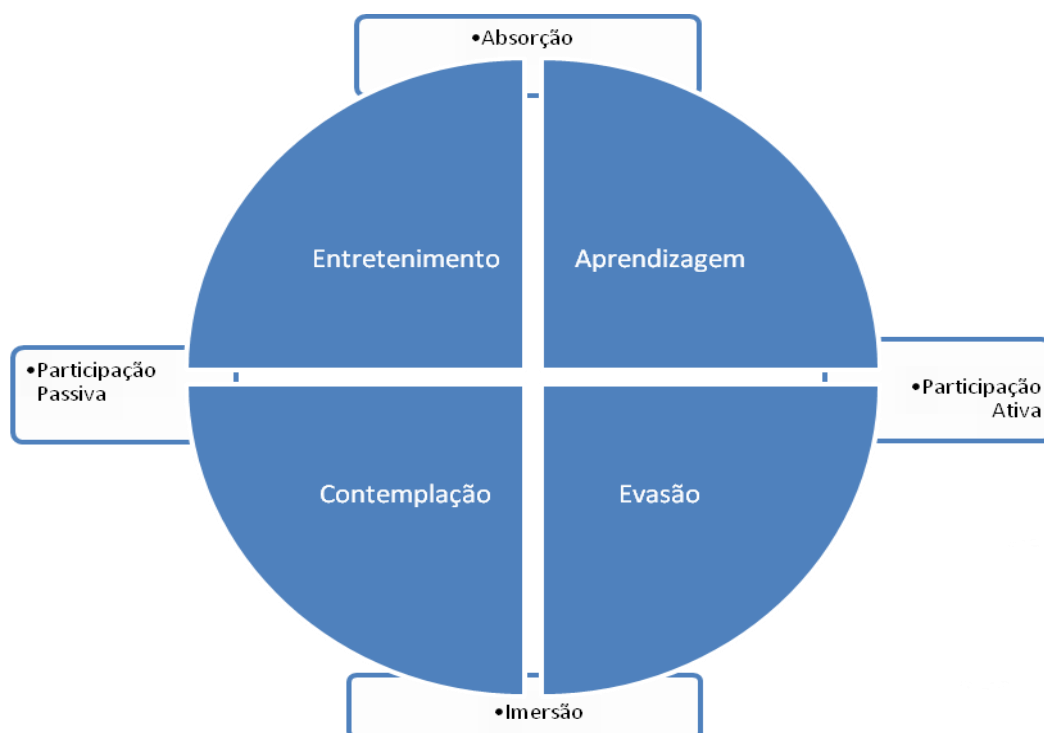


FIGURA 4 – OS DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA

FONTE: Elaborado pela autora, Adaptado de Pine II e Gilmore (1999).

Na esfera do *entretenimento*, o indivíduo absorve passivamente a experiência através de seus sentidos e tem sua atenção ocupada de maneira divertida. Na esfera da *aprendizagem*, o indivíduo absorve as informações a sua volta, mas o faz de maneira ativa, empregando sua mente e seu corpo nesse processo. Na esfera de *evasão*, o indivíduo experimenta uma imersão ativa no meio em que se encontra, pode-se dizer que ele busca a fuga do cotidiano e na esfera *contemplação* ou *estética* há uma imersão mais contemplativa, passiva, ou seja, o indivíduo aprecia o espaço de uma maneira mais visual. (PINE II; GILMORE, 1999). Resumidamente, pode-se afirmar a respeito das sensações que,

Enquanto os visitantes que partilham de uma vivência educacional querem *aprender*, os que freqüentam uma situação escapista desejam *fazer*, os que buscam entretenimento querem – bem, talvez seja o melhor termo –

sentir, os que participam de uma sensação estética querem apenas *estar lá*. (PINE II; GILMORE, 1999, p. 46).

Esses autores ainda complementam sobre essas sensações, apresentando que a *estética* ou *contemplação* é o que faz com que os visitantes queiram entrar e ficar no local, eles o capturam como acolhedor, interessante ou confortável. O aspecto *escapista* ou de *evasão* pode atrair ainda mais o visitante, fazendo com que ele esteja imerso nas atividades, que seja participante ativo da sensação. Assim como o aspecto da *aprendizagem* também é essencialmente ativo. A aprendizagem exige a participação total do aprendiz. E o *entretenimento*, como a estética, é um aspecto passivo da sensação. Para os visitantes estarem entretidos, na verdade eles não precisam estar fazendo alguma coisa, mas apenas reagir à sensação, divertindo-se, rindo. (PINE II; GILMORE, 1999).

Os autores Horodyski, Manosso e Gândara (2012) fizeram uma síntese destes conceitos através do quadro apresentado a seguir:

Dimensão da Experiência	Conceitos
Contemplação	A dimensão contemplação envolve aqueles elementos que fazem com que o indivíduo tome a decisão de entrar em um local e permanecer ali. A chave é a criação de um ambiente convidativo, interessante e confortável, no qual o indivíduo sinta-se a vontade para estar.
Evasão	A dimensão evasão diz respeito à capacidade de fazer com que o turista fique imerso nas atividades que lhe são propostas. O foco deve residir, portanto, em propor atividades e situações que permitam que o turista tenha participação ativa durante toda a experiência.
Aprendizagem	A dimensão aprendizagem é por natureza essencialmente ativa. Aprender algo requer total participação do sujeito envolvido e é preciso que se decidam quais informações deseja que o turista absorva, ou, ainda, quais habilidades deseja que o mesmo exercite durante sua experiência de consumo. Envolve tanto a perspectiva sensorial quanto intelectual.
Entretenimento	A dimensão entretenimento é um aspecto mais passivo da experiência, pois designa um estado de resposta (satisfação, riso, relaxamento) aos elementos que lhe são apresentados. Por consequência, a chave para o desenvolvimento adequado desta dimensão é potencializar a absorção positiva da experiência proporcionada, torná-la mais divertida e apreciada.

QUADRO 2 – DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA

FONTE: Elaborado por Horodyski; Manosso e Gândara (2012), baseado em Pine II e Gilmore, (1999).

Sendo assim, direcionando esses aspectos à atividade turística, tem-se que a estética estaria envolvida com atividades de contemplação da paisagem, já o aprendizado poderia ser um curso, palestra, explicação em um museu ou memorial que agregue conhecimento ao turista. O entretenimento estaria relacionado a atividades culturais como assistir alguma apresentação de teatro, dança e música ou ainda o divertimento de visitar alguns locais que lhe propiciem satisfação, riso e relaxamento. E por fim, ao domínio da evasão caberiam atividades em que o indivíduo se envolva completamente, como participar de uma encenação ou alguma atividade esportiva.

Pode-se afirmar que “os turistas passam a ser considerados colecionadores de experiências e não compradores de serviços; destinos são experiências mais que características ou atributos”. (GAETA, 2010, p. 140). Para Beni (2004), a economia da experiência é uma revolução, uma ruptura com as formas tradicionais de turismo.

Ainda para este autor, percebe-se a necessidade dos turistas de vivenciar as viagens de forma diferente das comumente ofertadas, visto que as características peculiares de cada localidade é o que “o visitante quer ver, experimentar, compartilhar e levar consigo como lembrança memorável”. (BENI, 2004, p. 296). Conforme Gândara (2009, p. 187), o turista contemporâneo deseja, além de visitar e contemplar um destino, também “ser o personagem da sua própria viagem”.

Muitos fatores são necessários para que uma empresa ou destino turístico ofereçam experiências memoráveis aos seus visitantes. Segundo Gândara e outros autores (2012), a constante inovação e o fator surpresa são condições para uma boa experiência, além de ser importante conhecer o turista para poder criar um produto capaz de surpreendê-lo. Por isso, ressalta-se a necessidade de uma investigação aprofundada sobre desejos e expectativas dos turistas em cada localidade, buscando alcançar e ultrapassar estas expectativas a fim de que um maior número de viagens seja memorável, visto que, muitas vezes, as experiências da viagem acabam não sendo memoráveis, nem gerando entretenimento, aprendizagem, evasão ou contemplação que possam surpreender o turista. (BENI, 2004).

Conforme Gândara (2004) a satisfação dos turistas em relação ao destino está relacionada com a qualidade do mesmo. Ainda para esse autor, a experiência no turismo é uma vivência pessoal que interfere no cotidiano do indivíduo e gera “emoções, encantamento, histórias, sonhos e vivências que são utilizados para entreter, fascinar e cativar o turista, resultando em conhecimento e valores”. (GÂNDARA, 2011, p. 07).

Pode-se afirmar que a economia da experiência se apresenta como uma tendência que deve se manter e mesmo expandir, visto que esses produtos e serviços possuem uma maior penetração no mercado devido à diferenciação que possuem.

As cidades tendem a buscar espaço e a se diferenciarem umas das outras, e a economia da experiência pode auxiliar nisto. A seguir será apresentado o objeto de estudo desta pesquisa, a cidade de Curitiba.

4 CURITIBA, A CIDADE E SEUS PARQUES

Curitiba, a capital do Estado do Paraná, tem sua fundação oficial datada de 29 de março de 1693. Está localizada no Primeiro Planalto Paranaense e situa-se no Bioma da Mata Atlântica. A área total do município é 435,27 km² e há em Curitiba 75 bairros. (IPPUC, 2011). A população é de 1.751.907 habitantes. (IBGE 2010).

4.1 PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

Sobre o planejamento urbano, pode-se afirmar que Curitiba é uma cidade pioneira no Brasil. A tradição em planejamento vem do século XIX, quando, em 1853, a cidade foi escolhida para sediar a capital da nova província do Paraná, condição que incentivou os governos locais a tomar medidas de controle para as mudanças que ocorreriam na cidade. (TRINDADE *et al.*, 1997).

Nessa época chegava à Curitiba o engenheiro Pierre Taulois, que foi responsável pelo início das transformações urbanas em Curitiba. Ele elaborou um documento, que não é considerado um plano urbanístico, mas foi o primeiro marco das ações de controle e delimitação de ruas na cidade. (TORRES, 2007). Na época foi considerado um projeto avançado, pois já pensava sobre a fluidez do tráfego na região central de Curitiba. (MENEZES, 1996).

Em 1895, surgiu o primeiro Código de Posturas da capital, que estabelecia normas e o padrão urbano do projeto de ordenamento e crescimento que se almejava para Curitiba. (MENEZES, 1996; ANDRADE, 2001b). Em 1903, iniciou-se o processo de sistematização de usos de solo, revisado em 1930. (IPPUC, 2009). Um novo Código de Posturas foi elaborado em 1919, o qual pretendia ordenar o trânsito da Capital. (MENEZES, 1996).

A história formal do planejamento urbano de Curitiba se inicia em 1943, com o Plano Agache, elaborado pela empresa Coimbra Bueno & Cia. Ltda., tendo como urbanista o francês Alfred Agache. Este plano previa o desenvolvimento radial da cidade, também a divisão de zonas funcionais, como

centro administrativo, universitário, militar, entre outros. O plano versava sobre áreas livres, arborização urbana e espaços de lazer e recreação para a população, sendo que um dos espaços pensados foi o Parque Barigui (TRINDADE *et al.*, 1997), instalado efetivamente apenas em 1972. Ainda sobre as áreas verdes, ele propunha a criação do horto botânico, a preservação de áreas verdes ao redor do centro urbano, além da criação de parques. (ANDRADE, 2001b).

A maioria das diretrizes do Plano Agache não foram implantadas, mas algumas delas foram executadas e é possível percebê-las até hoje, como o centro administrativo, atual Centro Cívico, o Centro Politécnico (campus da UFPR), grandes avenidas como a Visconde de Guarapuava e Marechal Floriano Peixoto, entre outros. (MENEZES, 1996).

O Código de Posturas e Obras do município foi instituído em 1953, estabelecendo várias diretrizes, entre elas a manutenção de matas protetoras de mananciais, redes de esgoto, proibição de se jogar lixo em vias públicas, etc. (TRINDADE *et al.*, 1997).

Já o Plano Preliminar de Urbanismo surgiu de um concurso, em 1965, e foi elaborado pela Sociedade Serete de Estudos e Projetos Ltda., associada à Jorge Wilhelm – Arquitetos Associados. Este plano sugeria uma estruturação global para Curitiba, instrumentalizada pelo uso do solo, transporte coletivo, sistema viário. (SÁNCHEZ, 2003). E propunha a melhoria da qualidade de vida da cidade. (IPPUC, 2009).

Para assessorar a implantação do plano foi criado o APPUC – Assessoria de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, que logo foi modificado se tornando o Ippuc - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (MENEZES, 1996), órgão responsável pelo planejamento urbano da cidade até hoje.

O Plano Serete foi o embrião do Plano Diretor de Urbanismo, aprovado em 1966, que tinha como base o controle do crescimento da cidade. Os principais instrumentos utilizados para esse controle foram o sistema viário, o transporte coletivo, o zoneamento e uso do solo, assim se adensariam as áreas

ao longo dos eixos estruturais propostos e seriam definidas áreas de conservação ambiental. (TRINDADE *et al.*, 1997).

Na década de 1970 houve uma valorização histórico-cultural na cidade, com a revitalização do Setor Histórico, a transformação de um paiol de pólvora em teatro, a antiga fábrica de cola em centro de criatividade cultural, recuperação de praças e da área central da cidade. Assim como, nesta época foram criados três grandes parques no município – Barreirinha, São Lourenço e Barigui – e elaborado o Plano de Arborização Urbana. (MENEZES, 1996).

Em 1985 foi lançado o Plano Municipal de Desenvolvimento Urbano-PMDU, que almejava a integração do planejamento de Curitiba com a Região Metropolitana, além de aspectos como qualidade de vida, atividades econômicas, zoneamento e uso do solo, transporte coletivo, sistema viário, no entanto, o Plano não teve todas as diretrizes executadas, a criação de subcentros foi uma das que foram implementadas. A criação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente ocorreu um ano depois. (MENEZES, 1996).

No ano 2000 houve a revisão da Lei de Zoneamento e Uso do Solo, quando a Prefeitura começou a discutir as inovações do Plano Diretor, necessárias para adequar a cidade aos desafios da sustentabilidade. (CURITIBA, 2004).

O Plano Diretor foi revisto em 2004, quando do lançamento do Estatuto das Cidades e incluiu os Planos Setoriais, sendo estes planos divididos em Mobilidade, Habitação, Desenvolvimento Econômico, Desenvolvimento Social e Controle Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. (IPPUC, 2009).

Uma das ações que permearam o planejamento de Curitiba foi o aproveitamento de espaços muitas vezes degradados para torná-los parques urbanos, espaços para a manutenção do meio ambiente, para conter enchentes, além de servir para o lazer contemplativo da comunidade local. (MENEZES, 1996). Além destas finalidades, também existe a atratividade turística dos parques da cidade, que conciliam conservação ambiental, aspectos de ordem prática (como prevenção de enchentes), com a beleza cênica, história e cultura local.

Gândara (2003) afirma que o fato de Curitiba ser uma cidade planejada e o resultado deste planejamento ser a qualidade de vida da população local, fez com que a imagem de qualidade ambiental tenha se transformado no principal atrativo turístico da cidade.

Assim como para Custódio (2006), para quem os principais atrativos turísticos da cidade de Curitiba são intervenções urbanísticas, em sua maioria realizadas por órgãos públicos. Assim sendo, serão expostos na sequência alguns desses atrativos, os parques.

4.2 PARQUES DE CURITIBA

O modelo de projeto urbano adotado na cidade de Curitiba para os ambientes públicos liga o espaço construído com a natureza, o que pode ser identificado em vários pontos como praças, parques e bosques. (RECHIA, 2003). Curitiba possui 21 parques, totalizando 19.043.305 m², e 16 bosques, totalizando 761.963 m². (IPPUC, 2012).

Na capital paranaense, segundo o Instituto Municipal de Turismo – Curitiba Turismo (2011), os principais atrativos turísticos e os mais visitados são os parques públicos. Estes são espaços abertos às mais variadas manifestações. Eles constituem marcos na paisagem urbana, são espaços de sociabilização e vivência da comunidade.

O primeiro parque urbano em Curitiba foi o Passeio Público, criado no ano de 1886. A sua principal função era evitar enchentes e, assim como os parques que surgiram posteriormente na cidade, preservar áreas de bosques nativos, evitar a ocupação irregular em áreas de conservação e também ser uma opção de lazer para os moradores locais. (TRINDADE *et al.*, 1997; MENEZES, 1996; OLIVEIRA, 2000).

Segundo Andrade (2001b), o fato de Curitiba situar-se nas cabeceiras de bacias hidrográficas teve ampla influência na criação dos parques e bosques da cidade. Este autor ainda afirma que os primeiros parques foram criados tendo como base estudos que apontaram riscos de inundação e alagamentos,

por conseguinte deveriam ser praticadas medidas de proteção das nascentes. (ANDRADE, 2001b).

Praticamente todos os parques de Curitiba surgiram devido ao planejamento urbano, o que poderia torná-los lugares sem identificação com a comunidade local, caso não levassem em conta as características do município. No entanto, de acordo com Rechia (2003), esses espaços na cidade não foram tão fechados a ponto de impedir que o diferente, o não-programado, ocorresse ali. Para a autora, ambientes planejados podem “ser transformados em ‘lugares’ pela própria comunidade, a qual lhes confere valor e significado por meio de seus usos e práticas”. (RECHIA, 2003, p. 26).

Como já exposto, os parques e outros espaços públicos precisam ser apropriados pela população local para que tenham vitalidade, pois do contrário se tornam um “fracasso”. (JACOBS, 2000). A maioria dos visitantes desses espaços em Curitiba eram os moradores locais e, de acordo com uma pesquisa realizada na cidade, grande parte dos usuários dos parques públicos era residente nos bairros próximos. (HILDEBRAND; GRAÇA; MILANO, 2001). Os números apresentam 75,5% dos usuários como moradores que residem em média em um raio de 4 km do parque visitado. Em outra pesquisa feita sobre a atividade física realizada nestes locais, Cassou (2009) também encontrou como um dos motivos de utilização, a proximidade do local de residência.

Em pesquisa recente do Jornal Gazeta do Povo, a atividade de lazer preferida da população curitibana (35%) é passear nos parques da cidade e, ainda, para 62% dos moradores o primeiro lugar que levariam um conhecido que nunca esteve em Curitiba seria um parque. (GAZETA DO POVO, 2012a).

Esses dados demonstram como os parques são espaços vivenciados pela comunidade, o que é importante também para o turismo, pois a utilização desses espaços faz com que eles tenham vitalidade e representem a sociedade da qual fazem parte.

Os parques, por estarem inseridos no ambiente urbano, não poderiam deixar de apresentar problemas referentes à vida na cidade, como é o caso da poluição sonora. Szeremeta (2007) encontrou na maioria dos parques

avaliados em Curitiba um nível de ruído acima do recomendado pela lei municipal como o limite aceitável para áreas verdes. Mas, em contrapartida, em outra pesquisa realizada no parque mais central da cidade, e, por conseguinte, entremeado por vias movimentadas, o Passeio Público, os frequentadores avaliaram que o local atende as funções de conforto térmico, acústico e psicológico (FEIBER, 2004), ou seja, apesar de haver os ruídos a população não os percebe tão claramente nestes ambientes.

Os parques urbanos de Curitiba, em sua maioria, são parques turísticos, no entanto essa não foi a sua função inicial. Segundo Kaick e outros autores (2006), esses elementos não são planejados e construídos apenas em função do turismo, mas, são planejados para uso dos habitantes locais. A utilização por turistas decorre de diversos fatores, como a valorização cultural, o marketing, a situação geográfica e também o modismo, além da ligação afetiva entre moradores e o meio urbano.

Em uma pesquisa realizada com os turistas a respeito dos parques de Curitiba, Kaick (2007) obteve que 98,9% dos entrevistados tiveram suas expectativas quanto à visita aos parques atendidas.

Para uma maior compreensão desses espaços na cidade, faz-se necessário entender como eles surgiram e são geridos. Portanto, a seguir será apresentada a legislação vigente em Curitiba.

4.2.1 Legislação das Unidades de Conservação de Curitiba

O cenário da conservação da natureza no Brasil apareceu mais fortemente a partir da Conferência de Estocolmo em 1972. E pode-se considerar que teve o apogeu com a ECO-92, conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro. (HARDT *et al.*, 2009).

Uma das legislações mais importantes nesta área é a Lei nº 9.985 de 2000 que versa sobre as Unidades de Conservação e as classifica como Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. (HARDT *et al.*, 2009).

Na esfera estadual, o órgão responsável pela gestão ambiental é o Instituto Ambiental do Paraná (IAP), vinculado à Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMA). A lei Nº 11.054 de 1995, dispõe sobre a Lei Florestal do Estado e classifica a vegetação nativa paranaense em: preservação permanente, reserva legal, produtivas e unidades de conservação. Existem 68 Unidades de Conservação no estado. (IAP/DIBAP, 2012).

O panorama curitibano de conservação da natureza tem início na década de 1980, quando o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) repassou ao Município a responsabilidade sobre suas áreas verdes. (HARDT *et al.*, 2009).

Conforme apresenta Souza (2010), Curitiba foi uma das primeiras cidades brasileiras a criar o Sistema Municipal de Unidades de Conservação. A prefeitura de Curitiba, por meio da Lei nº 9.804/00, diferencia as unidades de conservação do município em nove categorias, sendo: Áreas de Proteção Ambiental (APA), Parques de Conservação, Parques Lineares, Parques de Lazer, Reservas Biológicas, Bosques Nativos Relevantes, Bosques de Conservação, Bosques de Lazer e específicas.

I - ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA): são áreas de propriedade pública ou privada, sobre as quais se impõem restrições às atividades ou uso da terra, visando a proteção de corpos d'água, vegetação ou qualquer outro bem de valor ambiental definido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMMA;

II - PARQUES DE CONSERVAÇÃO: são áreas de propriedade do Município destinadas à proteção dos recursos naturais existentes, que possuam uma área mínima de 10 ha (dez hectares) e que se destinem à manutenção da qualidade de vida e proteção do interesse comum de todos os habitantes;

III - PARQUES LINEARES: são áreas de propriedade pública ou privada, ao longo dos corpos d'água, em toda a sua extensão ou não, que visam garantir a qualidade ambiental dos fundos de vale, podendo conter outras Unidades de Conservação dentro de sua área de abrangência;

IV - PARQUES DE LAZER: são áreas de propriedade do Município, que possuam uma área mínima de 10 ha (dez hectares) e que se destinem ao lazer da população, comportando equipamentos para a recreação, e com características naturais de interesse à proteção;

V - RESERVAS BIOLÓGICAS: são áreas de propriedade pública ou privada, que possuam características representativas do ambiente natural do Município, com dimensão variável e que se destinem à preservação e à pesquisa científica;

VI - BOSQUES NATIVOS RELEVANTES: são os bosques de mata nativa representativos da flora do Município de Curitiba, em áreas de propriedade particular, que visem a preservação de águas existentes, do habitat da fauna, da estabilidade dos solos, da proteção paisagística e manutenção da distribuição equilibrada dos maciços vegetais, onde o Município impõe restrições à ocupação do solo;

VII - BOSQUES DE CONSERVAÇÃO: são áreas de propriedade do Município, destinadas à proteção dos recursos naturais existentes, que possuam área menor que 10 ha (dez hectares), e que se destinem à manutenção da qualidade de vida e proteção do interesse comum de todos os habitantes. (CURITIBA, 2010).

Conforme Belem e Gândara (2012), as unidades mais relevantes para o turismo seriam as que atrelam o lazer diretamente à proteção/conservação da natureza, sendo os principais: Parque de Lazer e Bosque de Lazer.

Segundo dados do IAP/DIBAP (2012), das áreas verdes existentes em Curitiba, 14 delas estão registradas como Unidades de Conservação, que são: Parques Barigui, Barreirinha, Iguaçu, São Lourenço, Tanguá, Tingui, General Iberê de Matos, Jardim Botânico, Bosques Capão da Imbuia, Fazendinha, Gutierrez, Reinhard Maack, Áreas de Proteção Ambiental do Iguaçu e do Passaúna.

Para facilitar a leitura será utilizado o termo parques para todas as áreas estudadas, sendo que na caracterização destes haverá a explicação sobre outras tipologias de áreas verdes e de unidades de conservação.

4.2.2 Gestão dos Parques de Curitiba

Curitiba possui o Conselho Municipal do Meio Ambiente, de caráter deliberativo, criado em 1991, conforme a Lei Municipal nº 7.833, com o intuito de “assessorar, estudar e propor as diretrizes políticas governamentais para o meio ambiente, deliberar no âmbito de sua competência sobre os recursos em processos administrativos, normas e padrões relativos ao meio ambiente”. As atribuições do conselho são instituídas pelo Decreto Municipal nº 691 de 1995.

Os parques e similares trabalhados neste estudo são administrados pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Curitiba, exceto o Bosque João Paulo II, que é um espaço estadual. (MACEDO; SAKATA, 2003).

A gestão dos parques realizada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, é feita através do Departamento de Parques e Praças, no entanto, várias outras entidades estão envolvidas. Além do Conselho, que tem função deliberativa, cada equipamento existente nos parques é de responsabilidade de um órgão específico da prefeitura. Alguns serviços de manutenção nos parques foram terceirizados. (SMMA, 2012).

Os parques municipais que possuem planos de manejo são: Tanguá, Tingui, Barigui, São Lourenço e Bacacheri. Este último não faz parte da pesquisa, pois não é um ponto da Linha Turismo. (SMMA, 2012).

Os parques de Curitiba possuem vários equipamentos e, como já exposto, são diversos os órgãos municipais responsáveis pela gestão destes. Por exemplo, os memoriais existentes são de responsabilidade da Fundação Cultural de Curitiba. (FCC, 2012). Já as lojas de artesanato “Leve Curitiba⁶” e os “Bistrôs Curitiba⁷” são do Instituto Pró-Cidadania (IPCC, 2012), para citar os mais importantes e referentes ao turismo. No entanto, em nenhum dos parques há algum serviço ou influência do órgão municipal de turismo (CTUR, 2012), apenas a divulgação destes espaços como atrativos turísticos municipais. Aqui cabe ressaltar que nem a Linha Turismo que passa pelos parques é administrada pelo Instituto de Turismo, mas pela URBS, órgão responsável pelo transporte coletivo na cidade. (URBS, 2012).

Buscando a consolidação de uma política de participação da sociedade organizada na gestão e manutenção destas áreas públicas, Curitiba criou o Programa de Adoção de Logradouros, fundamentada na Lei Municipal N°11.642/05 e no Decreto Municipal N° 793/06, por meio dos quais as empresas e associações de bairro podem auxiliar na conservação da cobertura vegetal, equipamentos e demais elementos urbanísticos, em troca de publicidade em uma praça ou outra área de lazer. (SMMA, 2012; KAICK, 2007). Isso ocorre atualmente, por exemplo, no Jardim Botânico, no qual uma empresa é responsável pela manutenção e utiliza alguns espaços para divulgar sua marca.

⁶Há lojas da “Leve Curitiba” nos parques: Tanguá, Ópera de Arame e Jardim Botânico.

⁷ Há “Bistrô Curitiba” nos parques Tanguá, Barigui e Jardim Botânico.

Outro instrumento utilizado na gestão destes espaços é a concessão pública, na qual a prefeitura abre um edital de licitação e a empresa vencedora ganha o direito de explorar o local por um tempo determinado em troca de realizar melhorias e manutenção dos espaços. (CURITIBA, 2012; GAZETA DO POVO, 2012b). Dos parques estudados estão neste processo os Parques Barigui e das Pedreiras. No entanto, essa concessão não deve interferir na atividade turística, pois esses locais continuarão sendo visitados sem a cobrança de taxas.

Para a realização de eventos nos parques e bosques municipais é necessário realizar o pedido diretamente à Secretaria Municipal de Meio Ambiente que efetua as análises e autorizações. (SMMA, 2012).

Com o que foi exposto até aqui, pode-se perceber como os parques de Curitiba são importantes cultural e ambientalmente para a cidade e como eles são utilizados pela comunidade local. A seguir será apresentada a relevância destes para o turismo no município.

4.3 TURISMO EM CURITIBA

Curitiba recebe, todos os anos, mais de três milhões de turistas (CURITIBA TURISMO, 2010). O perfil deste turista, segundo a pesquisa de demanda realizada pelo Instituto Municipal de Turismo é de maioria masculina (64,9%), com idade média de 40,2 anos e 42,6% com ensino superior. A principal motivação da viagem é negócios (38,1%), seguido de visita a parentes e amigos (23%) e lazer (19,5%). A maioria viaja só (59,3%), sendo que 29,9% viajam com a família. (CURITIBA TURISMO, 2010).

O meio de transporte utilizado por 48,8% dos turistas que visitam Curitiba é automóvel, seguido por ônibus (26,9%) e avião (23,9%). A permanência média do turista é 4,8 dias e eles se hospedam em casa de parentes e amigos (45,3%) e hotéis (40,9%). (CURITIBA TURISMO, 2010).

Os destinos emissores de turistas de maior representatividade em Curitiba são os mais próximos, o interior do Paraná (34,2%), os estados de São Paulo (27,2%) e Santa Catarina (13,4%). (CURITIBA TURISMO, 2010).

Quando questionados a respeito de como seria definir Curitiba, os turistas responderam *Cidade com qualidade de vida* em 38,5% das respostas, em seguida *Cidade ecológica* com 16,6% e em terceiro lugar *Cidade cultural* com 12,5%. (CURITIBA TURISMO, 2010).

Pode-se perceber que os turistas que vêm à Curitiba possuem uma imagem positiva da cidade, apesar de a maioria ser turista de negócios, este fator não é o único analisado, pois as definições *Cidade com qualidade de vida*, *Cidade ecológica* e *cultural* envolvem muitos outros aspectos do município, como cidadania, espaços culturais, conservação ambiental, equipamentos e serviços urbanos, entre outros.

Aqui pode ser feita uma analogia com a afirmação de Oliveira (2000) de que as cidades, buscando atrair investimentos e turistas, tomam mais cuidado com a sua imagem. Em Curitiba, percebe-se que esses cuidados devem ter surtido o efeito desejado. De acordo com Lynch (1997) a imagem pode ser forte o suficiente para se impor na percepção e memória do observador, visto que a imagem é positiva, é ela que será divulgada e comentada pelos visitantes.

Nesta pesquisa também apareceram os atrativos mais visitados (TABELA 2) e pode-se verificar que os atrativos mais visitados são parques do município.

TABELA 2 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS DURANTE A VIAGEM

Atrativo	Excursionista (%)	Turista (%)	Geral (%)
Jardim Botânico	46,4	40,2	40,6
Ópera de Arame	25,0	20,5	20,9
Parque Barigui	17,9	17,7	15,0
Parque Tanguá	7,1	9,5	9,4
Museu Oscar Niemeyer	3,6	8,1	7,8
Linha Turismo	1,4	6,7	6,2
Zoológico	1,8	6,4	5,9
Shoppings	7,1	5,8	5,9
Passeio Público	3,6	5,2	5,1
Santa Felicidade	1,1	4,9	4,6

FONTE: Curitiba Turismo (2010).

Outro item que chama a atenção é a Linha Turismo, um serviço de Curitiba, que foi considerado como um dos atrativos pelos entrevistados, isso

ocorre porque a pergunta é aberta e a pessoa responde o que considera ser um dos atrativos da cidade.

A história desta linha de ônibus começa em 1990, com a implementação do projeto 'Pró Parque – A linha da vida natural', com um ônibus “jardineira”, na cor verde, simbolizando os parques de Curitiba. Era composto de quatro roteiros que saíam do Passeio Público aos domingos e feriados. Esses roteiros eram: Linha Parque Barigui, Linha Parque São Lourenço/Barreirinha, Linha Reinhard Maack/Zoológico e Linha Parque Bacacheri, e, após um ano, foi ampliada com a Linha Parque Barigui/Passaúna. Este projeto vigorou até 1994, quando foi criada a Linha Turismo. (CURITIBA, 2011).

Também em 1994, foi implantada a Linha Volta ao Mundo, objetivando divulgar os parques e bosques que homenageavam as etnias, passando por quinze pontos. Em 1997, houve a fusão das duas Linhas (Volta ao Mundo e Turismo), pois alguns dos pontos eram os mesmos. Assim, o roteiro passou a ter 22 atrativos turísticos. Em 2008, a frota de ônibus passou a contar com veículos de dois andares. (CURITIBA, 2011).

Atualmente, o serviço consiste em uma linha especial de transporte coletivo que percorre 44 quilômetros da cidade, passando por 24 atrativos turísticos, com saídas de 30 em 30 minutos, na qual o turista pode realizar um embarque e quatro reembarques. Assim sendo, o turista escolhe os atrativos que quer visitar e realiza o desembarque, podendo embarcar nos próximos ônibus. (CURITIBA TURISMO, 2012).

A administração é realizada pela Urbanização de Curitiba (URBS) e há empresas que operam a linha por concessão. Conforme dados da URBS, a quantidade de passageiros está em crescimento, sendo que nos meses de férias (Janeiro e Julho) o movimento é mais intenso (GRÁFICO 1).

Conforme o gráfico 1, percebe-se que em dezembro de 2008 houve um relevante aumento de passageiros se comparado aos anos anteriores, possivelmente devido à inclusão dos novos ônibus de dois andares, novidade que pode ter feito com que mais curitibanos também utilizassem este serviço.

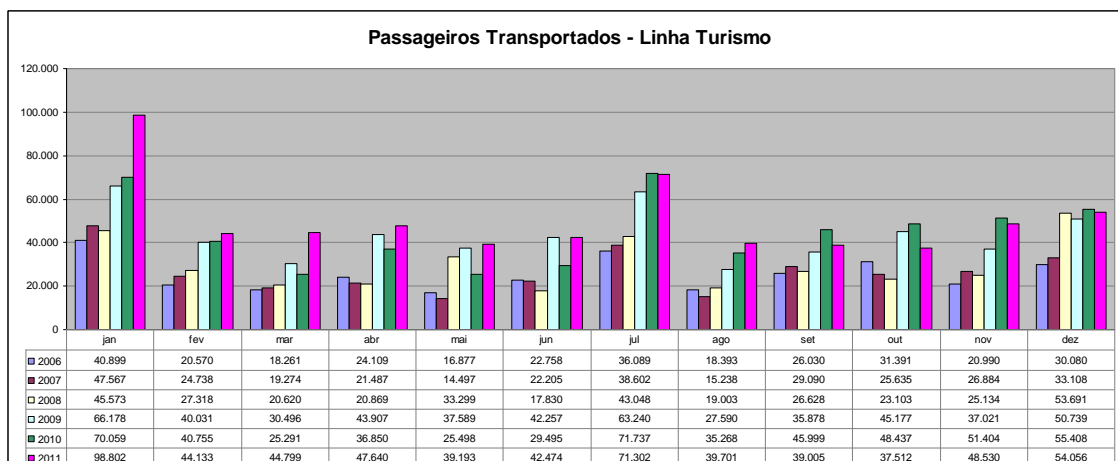


GRÁFICO 1 – PASSAGEIROS TRANSPORTADOS NA LINHA TURISMO
FONTE: URBS (2012).

A maioria dos usuários da Linha Turismo é de fora de Curitiba (89,5%). Destes, 51,3% estão pela primeira vez na cidade, 55% são mulheres e a idade média é de 37 anos. Referente à motivação há uma diferença em relação a quem usa esse transporte e os turistas da pesquisa de demanda. Enquanto nesta a principal motivação da viagem era negócios, com os usuários da Linha Turismo isso se inverte, sendo que a maioria deles vieram à Curitiba por lazer (48,7%) e eventos (17%). (CURITIBA TURISMO, 2011).

Os atrativos trabalhados neste estudo são os parques, os principais atrativos da cidade, que constam do roteiro da Linha Turismo. Na pesquisa de demanda turística realizada pelo Instituto Municipal de Turismo – Curitiba Turismo em 2010, o item “áreas verdes”, no qual os parques estão incluídos, é um dos que possui melhor avaliação dos turistas (TABELA 3).

TABELA 3 – OPINIÃO COM RELAÇÃO À QUALIFICAÇÃO DA CIDADE

Qualificação da cidade	Residente				Visitante			
	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Áreas Verdes	1,0	9,6	52,2	37,2	0,7	6,6	47,5	45,3
Conservação dos Edifícios	4,9	31,6	56,3	7,2	1,5	21,9	63,5	13,0
Poluição do Ar	17,7	39,8	39,0	3,6	8,3	31,1	50,7	10,0
Poluição Sonora	24,3	43,1	30,0	2,6	14,3	38,6	40,8	6,2
Qualidade de vida	1,9	12,1	59,1	26,8	1,6	8,7	55,2	34,5
Tráfego	48,7	32,8	16,8	1,7	32,2	32,1	29,9	5,8
Atrativos	-	-	-	-	1,1	3,7	40,9	54,3
Qualificação da cidade	16,4	28,1	42,2	13,2	9,2	21,5	47,2	22,1

FONTE: CTUR (2010).

Outro item relevante é a percepção dos turistas em relação a Curitiba ser uma cidade com qualidade de vida, o que é um fator marcante da imagem da cidade para eles, como já foi exposto ao apresentar o perfil do visitante. E

os parques, como os principais atrativos, aparecem para os turistas com 92,8% de avaliação positiva, entre bom e ótimo.

Pode-se verificar os parques e similares constantes do roteiro da Linha Turismo através do mapa a seguir (FIGURA 5), que apresenta todos os parques do município e, em vermelho, o roteiro da linha Turismo.



FIGURA 5 – PARQUES E LINHA TURISMO
FONTE: IPPUC (2012).

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Municipal de Turismo - Curitiba Turismo (2011) com os usuários do ônibus da Linha Turismo, os pontos escolhidos para desembarque foram os apresentados na tabela 4.

TABELA 4 – PESQUISA DE DEMANDA TURÍSTICA NA LINHA TURISMO

Pontos mais visitados	Percentual
Jardim Botânico	69,00%
Ópera de Arame / Parque das Pedreiras	60,60%
Praça Tiradentes	46,20%
Parque Tanguá	26,00%
Torre Panorâmica	23,20%
Museu Oscar Niemeyer	22,70%
Santa Felicidade	18,20%
Museu Ferroviário	18,10%
Parque Barigui	13,20%
Rua das Flores	11,30%
Mercado Municipal / Rodoferroviária	9,70%
Bosque Zaninelli/Unilivre	8,10%
Bosque Alemão	8,10%
Rua Visconde de Nácar	7,30%
Passeio Público / Memorial Árabe	5,70%
Bosque João Paulo II / Memorial Polonês	5,30%
Setor Histórico	4,90%
Teatro Guaíra / UFPR	4,70%
Memorial Ucrâniano	4,30%
Parque Tingui	2,70%
Teatro Paiol	0,70%
Paço da Liberdade	0,40%
Centro Cívico	0,10%
Parque São Lourenço	0,00%
Portal Italiano	0,00%

FONTE: adaptado pela autora (2012), baseado em CTUR (2010).

Percebe-se que dos quatro principais, três são parques e o outro é a Praça Tiradentes que é o ponto inicial do roteiro, evidenciando a importância de estudar os visitantes destes espaços. Haja vista o que dizem Gândara e outros autores (2012) sobre a importância de se conhecer o turista para poder criar produtos capazes de surpreendê-lo. Para um maior entendimento dos aspectos abordados nesta pesquisa, o próximo item explicará como foi realizada.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Por meio de uma perspectiva geográfica, esta pesquisa abordou as relações entre o espaço e a experiência do turista nos parques urbanos de Curitiba.

A pesquisa é o “processo formal e sistemático de desenvolvimento de um método científico”. (GIL, 1999 p. 42). Esta é um procedimento que permite descobrir novos fatos ou dados em qualquer campo do conhecimento. (LAKATOS; MARCONI, 1987).

Apresenta-se em um estudo multidisciplinar, sendo uma pesquisa explicativa e exploratória. A pesquisa exploratória é aquela que tem como “principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (GIL, 1989 p. 43).

Com viés estruturalista, a estratégia metodológica é o estudo de caso, haja vista que este “envolve a realização de exercícios sistemáticos de descrição e de análise da unidade de estudo considerada, utilizando, para isto, diferentes fontes de evidências”. (LIMA, 2004, p. 31). Para Goldenberg (2001) o estudo de caso considera a unidade estudada como um todo e reúne informações detalhadas, utilizando diferentes técnicas de pesquisa.

Compreendendo que o estudo de caso depende da variedade de fontes para se alcançar resultados satisfatórios, foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados:

- a) Pesquisa bibliográfica: como premissa de toda pesquisa científica, a pesquisa bibliográfica foi realizada desde o início deste projeto;
- b) pesquisa documental: foram buscados dados dos elementos trabalhados em vários meios, como as pesquisas de demanda turística e da Linha Turismo, relatórios do Instituto Municipal de Turismo e dados do IPPUC, entre outros;
- c) visitas *in loco*: com o objetivo de conhecer e analisar os elementos do parque foram feitas visitas aos espaços;

- d) pesquisa de campo: para conhecer o perfil e as atividades que os turistas realizam, além de suas impressões e experiências nos parques.

A problemática da pesquisa surgiu da constatação de que Curitiba recebe, todos os anos, mais de três milhões de turistas (CURITIBA TURISMO, 2010), mas como estes turistas experienciam os parques públicos da cidade? Esta indagação surge da confirmação que os órgãos públicos responsáveis pela administração dos parques municipais não realizaram pesquisas sobre o público que visita esses espaços. De acordo com o Diretor de Bosques e Parques da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, apenas o Parque Barigui teve uma pesquisa realizada em decorrência da elaboração do seu Plano de Manejo. (SANTOS, 2012). No entanto foram encontradas pesquisas realizadas em outros parques – Tingui, São Lourenço e Bacacheri, decorrentes da elaboração dos respectivos Planos de Manejo, mas foram pesquisas realizadas com a população local, tendo pouca visibilidade para os turistas. Contudo, há outros trabalhos, não realizados pela administração pública, que analisam os parques de Curitiba da perspectiva acadêmica e foram utilizados nesta pesquisa.

O objetivo deste trabalho foi analisar a experiência dos turistas nos parques urbanos de Curitiba. Como objetivos específicos pretendeu-se:

- a) Caracterizar os parques de Curitiba constantes da Linha Turismo.
- b) Analisar a relação entre o planejamento urbano e turístico com os parques da cidade.
- c) Analisar o perfil dos turistas que visitam esses parques.
- d) Analisar a percepção dos turistas a respeito do espaço dos parques de Curitiba.
- e) Analisar a função dos parques de Curitiba para os turistas.

A hipótese trabalhada é a de que o planejamento urbano de Curitiba delimitou espaços verdes, os parques, que hoje são atrativos turísticos que geram experiências positivas aos turistas que os visitam.

Devido à extensão territorial e o teor sociológico envolvido, optou-se por delimitar o espaço estudado. O recorte espacial são os parques urbanos que

integram o roteiro do ônibus da Linha Turismo na cidade de Curitiba/PR. Estes parques foram selecionados por serem os principais parques turísticos do município, nos quais a probabilidade de se encontrar os turistas seria mais alta. O ônibus da Linha Turismo de Curitiba percorre 24 atrativos turísticos, sendo 10 destes parques e bosques. Os parques urbanos representam vários aspectos da cidade (preservação cultural, conservação ambiental, eventos, religiosidade, entre outros) e assim se tornam um relevante objeto de estudo.

Para tanto, neste estudo foi realizada uma pesquisa de forma aleatória com os turistas que visitaram os parques municipais que constam no roteiro da Linha Turismo. O universo da pesquisa é o total de embarques da Linha Turismo em 2011, sendo 604.656. (URBS, 2012). A amostra foi feita com a fórmula de população finita (LUCHESA; CHAVES NETO, 2011), segundo o cálculo a seguir:

$$n = \frac{N \times \hat{p} \times \hat{q} \times z_{\alpha/2}^2}{\hat{p} \times \hat{q} \times z_{\alpha/2}^2 + (N - 1) \times e^2}$$

Onde, N é o universo, e é margem de erro do valor que se estima para um parâmetro populacional, média, variância, desvio padrão, etc. É também conhecido como erro de estimativa. \hat{p} é proporção amostral, que estima a verdadeira proporção populacional. \hat{q} é complemento da proporção de uma amostra: $\hat{q} = 1 - \hat{p}$. $z_{\alpha/2}$ representa a variável aleatória normal padrão. (LUCHESA; CHAVES NETO, 2011).

Assim sendo, obteve-se:

TABELA 5 – VALORES CÁLCULO DA AMOSTRA

N	604.656 – total de embarques na Linha Turismo durante o ano de 2011.
\hat{p}	0,5 - proporção é desconhecida por isso utilizou-se 0,5 que é o pior caso para o erro padrão
\hat{q}	0,5
$z_{\alpha/2}$	1,96 - considerando-se 95% de confiança, valor tabelado
e	0,05 - Erro amostral

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em Luchesa; Chaves Neto (2011).

Considerando-se um erro de 5%, chegou-se a uma amostra de 383 indivíduos. Porém foram realizadas 418 entrevistas para dividir a amostra entre

os parques de acordo com a quantidade de desembarque em cada um, conforme exposto a seguir, chegando-se assim a um erro de 4,8%.

Foi feita a divisão de acordo com o percentual de desembarque em cada parque (TABELA 6) números encontrados pela pesquisa do Instituto Municipal de Turismo em 2010.

TABELA 6 – PESQUISA DE DEMANDA TURÍSTICA NA LINHA TURISMO - PARQUES VISITADOS

Pontos mais visitados	Percentual
Jardim Botânico	69,0%
Ópera de Arame / Parque das Pedreiras	60,6%
Parque Tanguá	26,0%
Parque Barigui	13,2%
Bosque Zaninelli/Unilivre	8,1%
Bosque Alemão	8,1%
Parque Tingui/Memorial Ucraniano	7%
Passeio Público / Memorial Árabe	5,7%
Bosque João Paulo II / Memorial Polonês	5,3%
Parque São Lourenço	0,0%

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em CTUR (2010).

Assim, obteve-se:

TABELA 7 – AMOSTRA DA PESQUISA

Atrativo turístico	Questionários do pré-teste	Questionários pesquisa de campo
Jardim Botânico	14	140
Ópera de Arame	12	120
Parque Tanguá	10	52
Parque Barigui	05	26
Unilivre / Bosque Zaninelli	02	16
Bosque Alemão	02	16
Parque Tingui / Ucraniano	00	14
Passeio Público	02	12
Bosque João Paulo II	02	12
Parque São Lourenço	01	10
TOTAL	50	418

FONTE: Elaborado pela autora (2013).

No Parque São Lourenço não havia expectativa de turistas, mas para utilizar uma amostra representativa definiu-se o mínimo de dez turistas.

As questões foram referentes a como foi a experiência vivida no parque, as considerações do visitante a respeito do espaço e função do local, além do perfil do usuário, para que fosse possível conhecer o turista que visita os

parques de Curitiba. Também se pretendeu investigar quais os pontos fracos e fortes de cada atrativo na visão do visitante e quais atividades eles realizaram nos parques.

A pesquisa de campo foi realizada com questionário estruturado, elaborado a partir de questões objetivas e foram aplicados pela própria pesquisadora. O questionário tem por finalidade obter informações, de maneira sistemática e ordenada, em relação a uma população ou amostra. (DENCKER, 1998). Os entrevistados foram abordados pela pesquisadora depois de visitarem os parques, estando nos pontos do ônibus da Linha Turismo, enquanto esperavam o mesmo para embarcar.

A pesquisa foi realizada em todos os dias da semana, em horários variados, sempre conforme os primeiros e últimos horários que os ônibus passavam em cada parque. É possível verificar os dias e quantas pesquisas realizadas em cada parque no apêndice 3.

Depois de colhidas as informações, elas foram tratadas estatisticamente com a utilização do programa Excel (sistema Windows) e, em seguida, tabuladas e elaboradas em gráficos estatísticos e tabelas.

As perguntas dos questionários foram elaboradas de acordo com as leituras realizadas e com a aplicação do pré-teste. O pré-teste foi realizado entre dezembro de 2011 e fevereiro de 2012 com 50 turistas selecionados aleatoriamente nos pontos da Linha Turismo nos parques, após realizarem o passeio. As questões eram referentes a como foi a experiência no parque, o que o levou a escolher este parque, se o passeio foi contemplativo ou se teve outras atividades e quais e se a pessoa considerava que aprendeu alguma coisa no parque (APÊNDICE 2). As informações colhidas com o pré-teste embasaram as perguntas do questionário final.

Como um dos objetivos específico e para um maior entendimento dos principais atrativos de Curitiba, os parques, será realizada uma caracterização mais detalhada de cada um deles no próximo tópico.

6 CARACTERIZAÇÃO DOS PARQUES DE CURITIBA

A figura 6 representa a criação dos parques de Curitiba que são trabalhados nesta pesquisa juntamente com a elaboração dos projetos e planos de urbanismo na cidade, para se ter uma ideia da inter-relação destes.

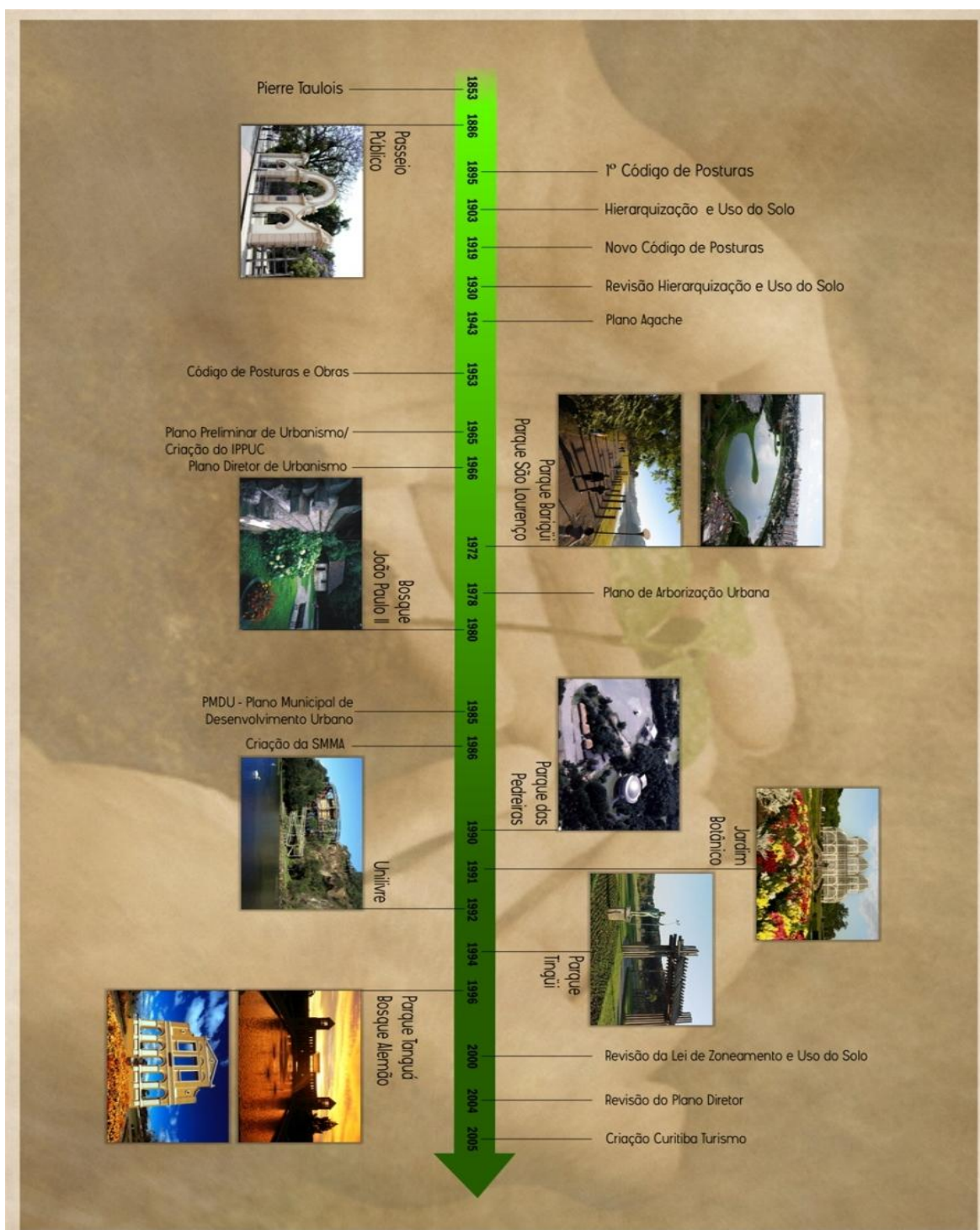


FIGURA 6 – LINHA DO TEMPO PARQUES TURÍSTICOS DE CURITIBA
FONTE: A autora (2012).

Como é possível perceber, as ações de planejamento de Curitiba tiveram início no século XIX, assim como a criação do primeiro parque na cidade. Por um longo período, desde o Passeio Público em 1886, até 1972, Curitiba não teve outras opções de parques. As obras dos parques Barigui e São Lourenço surgiam primordialmente para se evitar enchentes que eram recorrentes no município. A obra do Parque Barigui estava prevista no Plano Agache, quase 30 anos antes. (TRINDADE *et al.*, 1997).

Com os planos seguintes, Preliminar e Diretor, não foram implantados nenhum parque na sequência. O parque que apareceu em seguida, o Bosque João Paulo II, teve como ideia primária a homenagem ao Papa que visitou a cidade na época. (SMMA, 2012).

Em 1986 houve a criação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Os parques da década de 1990, além das funções ambientais também serviram para a valorização cultural, pois continham memoriais das etnias que colonizaram Curitiba ou obras de relevância como a estufa do Jardim Botânico e a Ópera de Arame, além da Unilivre, que marcou fortemente o apelo ambiental que a cidade vinha buscando apresentar. (MENEZES, 1996).

Pode-se perceber que o último elemento nesta relação foi o órgão de turismo, após essa data não houve a criação de outros parques com apelo turístico mais forte na cidade.

O primeiro parque de Curitiba, o Passeio Público, à época de sua criação foi muito elogiado pela população local e era um espaço de convívio das classes mais abastadas do município. (TRINDADE *et al.*, 1997). Atualmente o Passeio não recebe muitos turistas.

Já os parques criados posteriormente são heterogêneos, como se pode ver na pesquisa de Rechia (2003) no Parque Barigui, onde ela encontra públicos com características diversas de acordo com o horário e dias da semana que visita o parque. No Parque São Lourenço, além das atividades de lazer há cursos oferecidos à população, o que pode atrair pessoas de variadas áreas. (FCC, 2012). O Bosque João Paulo II está localizado numa região de

poder aquisitivo alto e se encontra próximo a um atrativo cultural relevante, o Museu Oscar Niemeyer, podendo atrair visitantes também deste espaço.

O Parque das Pedreiras não tem equipamentos que façam com que a população visite esse local costumeiramente, como pistas de caminhada, recreação infantil, espaços para exercício ou mesmo locais livres para sentar e ficar. Ao contrário, ele recebe o maior número de visitantes durante as apresentações que acontecem nos espaços. No entanto a visitação turística é elevada, sendo um dos atrativos mais visitados em Curitiba. (CURITIBA TURISMO, 2010).

O Parque Tingui e o Bosque Alemão são importantes referenciais culturais da cidade, mas possuem um número reduzido de visitantes (CURITIBA TURISMO, 2010) podendo ser melhor explorados tanto para os turistas quanto para a comunidade local. Já o Parque Tanguá se apresenta como uma dos principais atrativos turísticos de Curitiba, recebendo grande número de visitantes. (CURITIBA TURISMO, 2010).

O Jardim Botânico é o espaço que recebe o maior número de turistas, mas também recebe muitos moradores locais. (CURITIBA TURISMO, 2010). O Bosque Zaninelli/Unilivre é um dos espaços menos conhecidos pela comunidade local (CURITIBA TURISMO, 2008). Este foi considerado um ícone da causa ambiental quando da sua criação. Atualmente ainda mantém essas características ofertando cursos e palestras sobre o tema. (UNILIVRE, 2012).

De acordo com Sánchez (2003) muitos destes espaços foram obras emblemáticas do período referentes à nova imagem da cidade, a de 'Capital Ecológica'.

A seguir, estão listados os parques e bosques que serão analisados, juntamente com uma caracterização de cada um. Os parques serão apresentados conforme a ordem seguida pelo roteiro da Linha Turismo e os aspectos abordados referem-se à história do parque, informações como área, localização, ano de implantação, legislação da origem do local, flora e fauna, eventos, equipamentos existentes e as opções do que pode ser feito em cada lugar, divididas de acordo com a economia da experiência.

6.1 JARDIM BOTÂNICO FRANCISCA MARIA GARFUNKEL RISCHBIETER



FIGURA 7 – JARDIM BOTÂNICO
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

O Jardim Botânico de Curitiba, inaugurado em 5 de outubro de 1991, é uma área protegida, constituída por coleções de plantas vivas, cientificamente reconhecidas, organizadas e identificadas, para estudo, pesquisa e documentação do patrimônio florístico do país, em especial da flora paranaense. Seu nome oficial é Francisca Maria Garfunkel Rischbieter, em homenagem à esta urbanista, que foi uma das pioneiras no trabalho de planejamento urbano de Curitiba. (TRINDADE *et al.*, 1997).

Dos 178 mil metros quadrados do Jardim Botânico, mais de 40% corresponde a um Bosque de Preservação Permanente. A estufa de ferro e vidro (FIGURA 7), inspirada no Palácio de Cristal de Londres, possui 458 m² e abriga, em seu interior, exemplares vegetais característicos das regiões tropicais. Em frente à estufa há um jardim francês com canteiros geométricos. Também existem chafarizes e a escultura do artista João Zaco intitulada “Amor Materno”. O Museu Botânico Municipal possui um dos maiores herbários do Brasil. (SMMA, 2012).

O Jardim das Sensações, atração inaugurada em 2008, tem por objetivo despertar outros sentidos além da visão. É um caminho no qual o visitante pode percorrer com os olhos vendados e ele tem contato direto com plantas de diferentes formas, texturas e aromas. Os outros sentidos são estimulados, como o tato ao tocar as plantas, o olfato com os odores característicos, a audição com o som da cascata de água. (JARDIM BOTÂNICO, 2011). O Jardim das Sensações pode ser considerado um produto experiencial, no qual os quatro domínios da experiência coexistem. (PINE II; GILMORE, 1999).

TABELA 8 – CARACTERIZAÇÃO JARDIM BOTANICO

Tipologia	Não possui Plano de Manejo.
Área	178.000 m ²
Localização	Av. Professor Lothario Meissner x Rua Engenheiro Ostojá Roguski
Bairro	Jardim Botânico
Ano de implantação	1991
Legislação	Projeto n.º 152, de 1992 Regulamento 1.583/2011 Lei Municipal nº 62/1986
Fauna	Gambá, tatu, caxinguelê, preá, cutia, pequenos mamíferos, sapo, perereca, rã, bem-te-vi, João-de-barro, ananai, sabiá-laranjeira, sabiá-cavaleiro, sanhaço, pomba asa-branca, chupim e gralha-picaça.
Flora	Araucária, imbuia, cedro, aroeira, pimenteira, pitangueira, bromélias e orquídeas.
Equipamentos	Estufa, Espaço Cultural/pavilhão de exposições, Museu Botânico Municipal, bistrô, jardim em estilo francês, Jardim das Sensações, lagos, fonte, pista de caminhada, sanitários públicos, loja, equipamentos de ginástica, estacionamento, velódromo, canchas esportivas, portal, bicicletário, ponte e trilhas.
Eventos	Salão de Exposições: divulgação de trabalhos artísticos ou científicos. Museu Botânico Municipal: cursos e palestras para grupos específicos sobre assuntos relacionados à Botânica, conforme programação Velódromo: Eventos esportivos
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – esportes, Jardim das Sensações
	Aprendizagem – museu, centro de exposição
	Entretenimento – Compras de souvenir, apresentações ao ar livre

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012).

Estes equipamentos podem ser visualizados na distribuição espacial do parque por meio da figura 8, croqui elaborado pela Secretaria de Meio

Ambiente para os parques, os quais serão apresentados em cada caracterização.

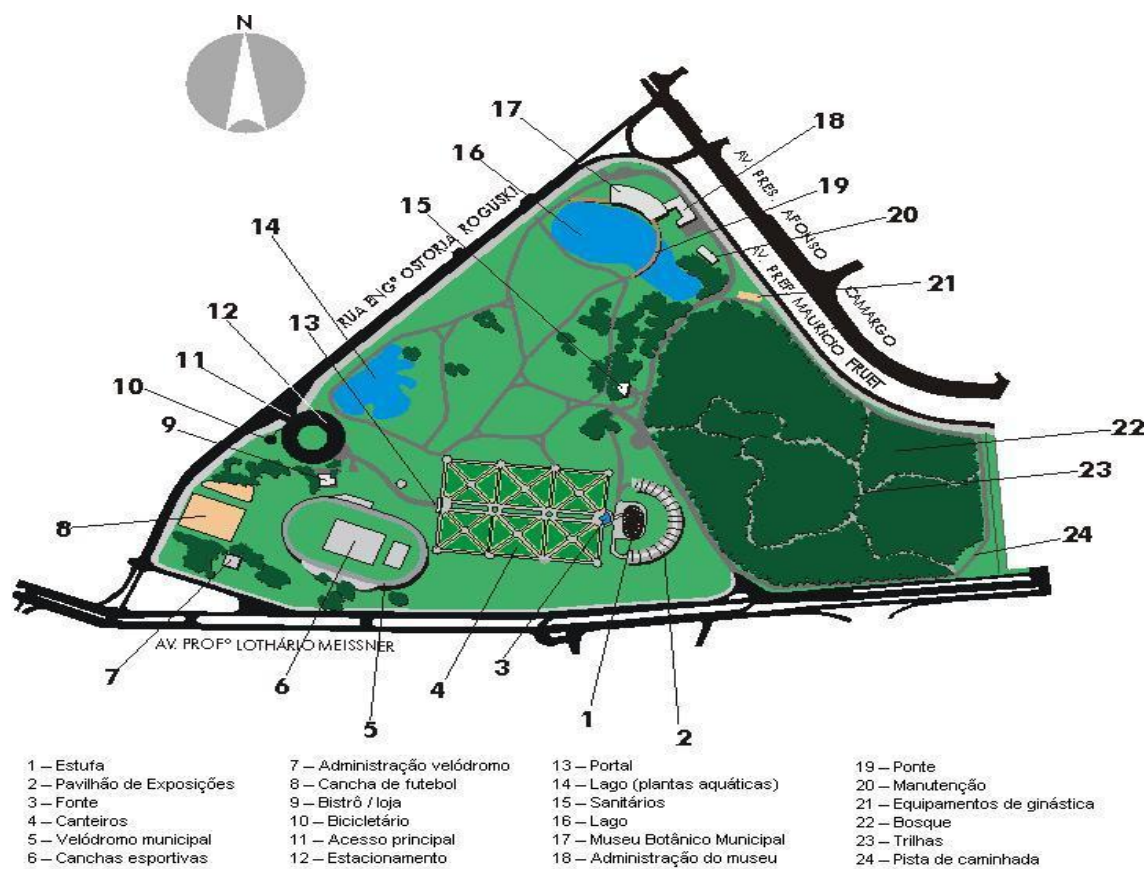


FIGURA 8 – CROQUI JARDIM BOTÂNICO
FONTE: SMMA (2012).

6.2 PASSEIO PÚBLICO



FIGURA 9 – PASSEIO PÚBLICO
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

Primeiro parque público de Curitiba, foi inaugurado pelo presidente da Província do Paraná, Alfredo d'Escagnolle Taunay, em 02 de maio de 1886. Foi a primeira grande obra de saneamento da cidade, transformando um terreno pantanoso em um espaço de lazer, com lagos, pontes e ilhas. (SMMA, 2012).

A partir de sua inauguração, o Passeio se tornou um tradicional ponto de encontro dos curitibanos. Foi também o primeiro zoológico da cidade e palco de fatos marcantes na vida cultural e no folclore curitibano. Os portões são históricos e o que dá acesso à entrada principal é cópia do que existiu no Cemitério de Cães de Paris (FIGURA 9). (CURITIBA TURISMO, 2012).

Na década de 70, com a concretagem do lago e a canalização do Rio Belém na Rua Ivo Leão, o lago passou a ser alimentado por água de poços artesianos. Atualmente, o Passeio funciona como sede do Departamento de Zoológico e abriga os pequenos animais que permaneceram quando o Zoológico se transferiu para o Parque Iguaçu em 1982. (SMMA, 2012).

Possui um terrário com uma área de 156 m² que abriga 40 animais, entre serpentes e lagartos de espécies exóticas e raras, de diversas partes do mundo. O Aquário possui 30 variedades de peixes de rios e ornamentais da região amazônica e da África. (SMMA, 2012).

Aos sábados pela manhã acontece uma feira de produtos orgânicos no interior do Passeio. (ABASTECIMENTO, 2012).

TABELA 9 – CARACTERIZAÇÃO PASSEIO PÚBLICO

Gestão	Não possui Plano de Manejo.
Área	69.285 m ²
Localização	Rua Carlos Cavalcanti X Av. João Gualberto X Rua Presidente Faria
Bairro	Centro
Ano de implantação	1886
Legislação	Foi homologado como parque apenas em 1994, através do Decreto Nº 252/1994
Fauna	Sabiá, tico-tico e canário-da-terra, coleirinha, chupim, pica-pau, sanhaço, pombo, joão-de-barro e garça branca.
Flora	Árvores nativas e exóticas como o carvalho, o cipreste, a paineira, o jacarandá, o plátano, o ipê-amarelo, a canela e o eucalipto.
Equipamentos	Restaurante, playground, aquário, terrário, sanitários, pista de patinação, ponte pênsil, casa da guarda, pedalinhas, pista para caminhadas, ciclovia, bicicletário, academia ao ar livre, portal principal e secundário, chafariz, recinto de pássaros, de macacos, serpentário, fonte, lago.
Eventos	Feira de artesanato e produtos orgânicos: sábados, das 8h às 13h. Tai Chi Chuan no Parque Dançando a Céu Aberto (roda de danças circulares): segundo sábado de cada mês, às 9h30
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – esportes
	Aprendizagem –zoológico
	Entretenimento – apresentações ao ar livre, recreação infantil

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012), Abastecimento (2012).

Os equipamentos do parque estão distribuídos em diversos setores, como é possível visualizar no croqui (FIGURA 10).



FIGURA 10 – CROQUI PASSEIO PÚBLICO
FONTE: SMMA (2012).

6.3 BOSQUE JOÃO PAULO II



FIGURA 11 – BOSQUE JOÃO PAULO II
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

Foi inaugurado em 13 de dezembro de 1980, após a visita do Papa João Paulo II à Curitiba. Memorial da imigração polonesa, tem área de 46.337 m², fez parte da desapropriação que envolveu a antiga fábrica de velas Estearina. (SMMA, 2012).

As sete casas de troncos (FIGURA 11) que compõem o memorial remontam à fé e vida dos imigrantes poloneses, móveis e utensílios da época da primeira imigração, 1871. Na trilha, em meio ao bosque, encontra-se uma escultura do Papa João Paulo II e um monumento em homenagem ao polonês Nicolau Copérnico. (SMMA, 2012).

Entre os produtos artesanais vendidos no local estão as Pêssankas, ovos pintados à mão em filigranas. São festas da colônia polonesa que ocorrem no parque: Swieconka - Benção dos Alimentos na época da Páscoa; em julho, homenagem à visita do Papa; em agosto, festa da padroeira Czestochowa; em outubro, o pontificado de João Paulo II, e o dia de São Nicolau, que dá início às festas de Natal. (SMMA, 2012).

O projeto do paisagista Burle Marx teve como prioridade a preservação da mata nativa, além do plantio de novas mudas de pinheiros (*Araucária angustifolia*). Macedo (2003) considera este um dos primeiros parques temáticos surgidos no Brasil.

TABELA 10 – CARACTERIZAÇÃO BOSQUE JOAO PAULO II

Gestão	Não possui Plano de Manejo.
Área	48.000 m ²
Localização	Rua Mateus Leme X Rua Vieira Santos X Rua Mário de Barros
Bairro	Centro Cívico
Ano de implantação	1980
Legislação	Lei nº 8299/86
Fauna	Sabiás, bem-te-vis, coleirinhas, chupins, tico-ticos, canários-da-terra, sanhaços e pica-paus.
Flora	Plátanos, araucária, cedros, pitangueiras, carvalhos, cerejeiras, ipês, tarumãs, uvas do Japão.
Equipamentos	Portal polonês, ciclovia, palco, sanitários, playground, loja de artesanato, casas típicas, sede de escoteiros, pista de caminhada, equipamentos de ginástica, museu, paiol de carroças, capela, ponte, estátuas do Papa João Paulo II e Copérnico.
Eventos	Festas típicas: “Swieconka” (Benção dos Alimentos), no Sábado de Aleluia; aniversário da visita do Papa a Curitiba, em julho; festa em homenagem à Nossa Senhora de Czestochowa, em agosto; o pontificado de João Paulo II em outubro e Natal polonês em dezembro.
Experiência	Estética – Contemplação da paisagem
	Evasão – não foram encontradas atividades referentes
	Aprendizagem – memorial
	Entretenimento – apresentações ao ar livre, compras de souvenir, recreação infantil

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012), FCC (2012).

É possível verificar estes equipamentos na distribuição do parque no croqui apresentado na figura 12.

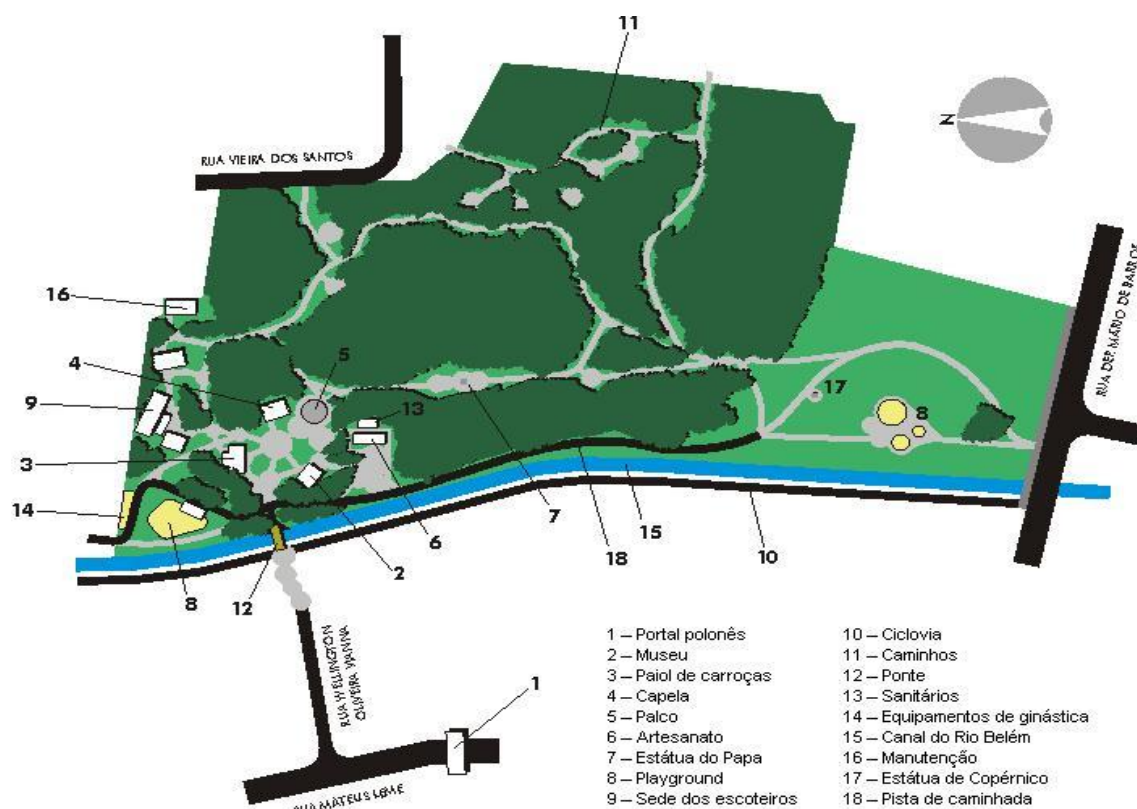


FIGURA 12 – CROQUI BOSQUE JOÃO PAULO II
FONTE: SMMA (2012).

6.4 BOSQUE ALEMÃO



FIGURA 13 – BOSQUE ALEMÃO
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

Inaugurado em 1996, o bosque possui equipamentos em homenagem às tradições alemãs. São 38 mil m² de mata nativa de fundo de vale, que faziam parte da antiga chácara da família Schaffer. A réplica de uma antiga igreja de madeira, construída em 1933 no bairro Seminário, com elementos decorativos neogóticos, abriga uma sala de concertos denominada Oratório de Bach. (CURITIBA TURISMO, 2012).

Outras atrações são a trilha de João e Maria, que narra o conto dos irmãos Grimm, uma biblioteca infantil, a Torre dos Filósofos (mirante em madeira que permite vista panorâmica da cidade e da Serra do Mar) e a Praça da Poesia Germânica, com a reprodução da fachada da Casa Mila (FIGURA 13), construção germânica do início do século passado, originalmente localizada no centro da cidade. (SMMA, 2012).

TABELA 11 – CARACTERIZAÇÃO BOSQUE ALEMÃO

Gestão	Não possui Plano de Manejo.
Área	38.000 m ²
Localização	Rua Francisco Schaffer x Rua Nicolo Paganini x Rua Franz Schubert
Bairro	Vista Alegre
Ano de implantação	1996
Legislação	Decreto de criação nº 575/01
Fauna	Morcego, gambá, sabiá, beija-flor, pula-pula, bispo, limpa-folhas.
Flora	Canela, espora-de-galo, guabiroba, açoita-cavalo, miguel pintado, timbó, pitangueira, paineira e algumas espécies introduzidas, como o pinus.
Equipamentos	Sala de concertos, lanchonete, sanitários, cascata, passarela, Torre dos Filósofos, lago, deck, trilha João e Maria, Casa da Bruxa e biblioteca, frontão Casa Mila, canteiros.
Eventos	Apresentações esporádicas Hora do conto na biblioteca
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – Não foram encontradas atividades referentes
	Aprendizagem – biblioteca infantil, contação de histórias
	Entretenimento – concertos musicais, compras de souvenir gastronômico, recreação infantil

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012), FCC (2012).



FIGURA 14 – CROQUI BOSQUE ALEMÃO
FONTE: SMMA (2012).

6.5 BOSQUE ZANINELLI / UNIVERSIDADE LIVRE DO MEIO AMBIENTE



FIGURA 15 – UNILIVRE/BOSQUE ZANINELLI
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

Área de 37.000 m² de mata nativa, onde existia, desde 1947, uma das maiores pedreiras da cidade. A idéia inicial era de ser um local para a divulgação das concepções urbanísticas e ambientais de Curitiba. (TRINDADE, *et al.*, 1997).

Em meio à mata, está instalada a Universidade Livre do Meio Ambiente (FIGURA 15), inaugurada em 1992 com a presença do oceanógrafo Jacques Cousteau, com o objetivo de ser um centro de educação ambiental. Edificado em eucalipto, antigos postes de luz, a construção gerou pouco impacto ao ambiente. (GAZETA DO POVO, 2009). O prédio de 874 m² possui uma rampa em espiral com 22 metros que permite uma vista panorâmica da área verde. (CURITIBA TURISMO, 2012).

A Universidade Livre do Meio Ambiente – UNILIVRE, surgiu como uma unidade da prefeitura de Curitiba, mas hoje é uma OSCIP – Organização Social Civil de Interesse Público. (UNILIVRE, 2012).

TABELA 12 – CARACTERIZAÇÃO BOSQUE ZANINELLI/UNILIVRE

Gestão	Não possui Plano de Manejo.
Área	37.000 m ²
Localização	Rua Victor Benato
Bairro	Pilarzinho
Ano de implantação	1992
Legislação	Decreto de criação do Bosque Zaninelli nº 252/94
Fauna	Preá, coruja, gambá, cobra d'água, marreco, cisne, sabiá, coleirinha, João-de-Barro.
Flora	Cafezeiro-do-mato, canela, pitangueiras e remanescentes de floresta com araucária.
Equipamentos	Estacionamento, portal, guarita, passarela, bosque, lago, auditório ao ar livre, mirante, salas de aula, biblioteca, sede administrativa, sanitários, rampa.
Eventos	Cursos com a temática ambiental.
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – Não foram encontradas atividades referentes
	Aprendizagem – cursos, palestras, oficinas
	Entretenimento – eventos culturais

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012); UNILIVRE (2012).

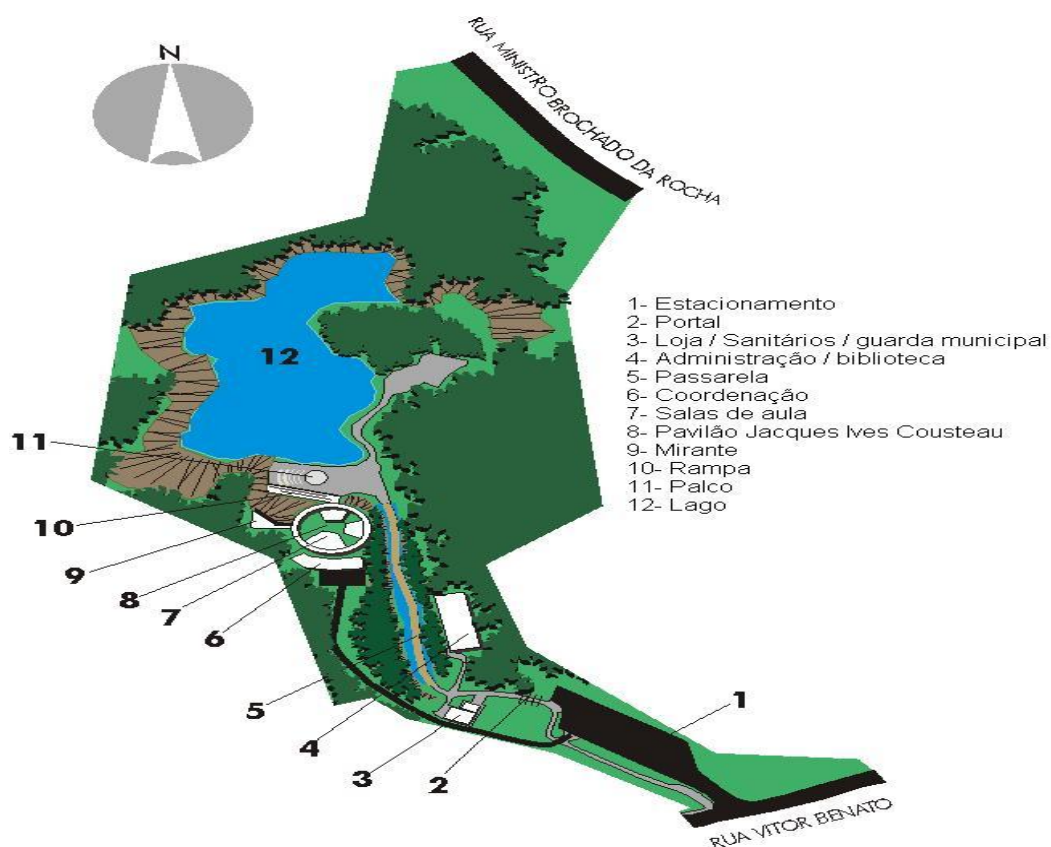


FIGURA 16 – CROQUI BOSQUE ZANINELLI/UNILIVRE
FONTE: SMMA (2012).

6.6 PARQUE SÃO LOURENÇO



FIGURA 17 – PARQUE SÃO LOURENÇO
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

Implantado em 1972, o parque nasceu da necessidade de reparar os estragos advindos de um estouro na represa do São Lourenço, então pertencente à fábrica Adubos Boutin por isso a existência do lago (FIGURA 17). A antiga fábrica de cola e adubos foi reutilizada na criação do Centro de Criatividade, que oferta cursos, oficinas e tem exposições. (SMMA, 2012).

Em maio de 1994 o centro implantou o Liceu de Artes, objetivando perpetuar técnicas e treinar aprendizes, visando a sua colocação no mercado de trabalho. Em junho de 1998 foi remontada e restaurada, ao lado do atelier de escultura, a casa do escultor Erbo Stenzel, transferida do seu terreno original no Alto São Francisco. Além de abrigar exposições, funciona como uma casa da cultura e abriga o acervo e documentação do escultor, gravador, impressor, desenhista e professor paranaense. (CURITIBA TURISMO, 2012).

TABELA 13 – CARACTERIZAÇÃO SÃO LOURENÇO

Gestão	Possui Plano de Manejo. Classificação oficial: Parque de Conservação.
Área	203.918 m ²
Localização	Rua Mateus Leme
Bairro	São Lourenço
Ano de implantação	1972
Legislação	Para a criação do parque houve a desapropriação 20,39 hectares através do Decreto nº 621/72, homologação da criação Decreto nº 252/1994.
Fauna	Preá, roedores silvestres, gambá, morcego, sabiá, socó, biguá, saracura quero-quero, coleirinha, pintassilgos tico-tico, galinha-de-angola, pica-pau, coruja e gavião.
Flora	Capão de floresta nativa com aroeira, araçá, alfeneiro, estremosa, pinheiro-bravo, canela, pau-de-bugre, pitangueira.
Equipamentos	Playground, pista de rolimã, pista de caminhada, churrasqueiras, Centro de Criatividade, sede administrativa, teatro, Casa Erbo Stenzel, sanitários, canchas de futebol e vôlei, ponte, ciclovia, lago, estacionamento, posto policial, casa da leitura e Atelier da Escultura.
Eventos	Curitiba Medita pela Paz: terceiro sábado de cada mês, às 17 horas. Yoga no Parque: domingos, às 11h. Feira de artesanato: sábados, das 10h às 17h.
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – esportes
	Aprendizagem – cursos, oficinas, casa da cultura
	Entretenimento – eventos culturais, recreação infantil

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012), FCC (2012).



FIGURA 18 – CROQUI PARQUE SÃO LOURENÇO
FONTE: SMMA (2012).

6.7 PARQUE DAS PEDREIRAS



FIGURA 19 – PARQUE DAS PEDREIRAS
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

O parque é formado pela Pedreira Paulo Leminski e pela Ópera de Arame. Anteriormente funcionavam no local a Pedreira Municipal e a usina de asfalto.

A Pedreira Paulo Leminski é um espaço de concertos, rodeado por paredes rochosas, o que gera uma acústica considerada como ótima. (MENEZES, 1996). Ela foi cenário de grandes shows nacionais e internacionais, possui capacidade para até 26 mil pessoas. Atualmente encontra-se fechada para shows, mas pode receber visitantes. (CURITIBA TURISMO, 2012).

A Ópera de Arame, inaugurada em 1992, construída em 60 dias, em estrutura de ferro tubular, é um anfiteatro destinado a apresentações artísticas menores (FIGURA 19). Possui um lago com cascata. A capacidade é de 1.572 lugares, distribuídos entre plateia e camarotes. (FCC, 2012; SMMA, 2012).

TABELA 14 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE DAS PEDREIRAS

Gestão	Não possui Plano de Manejo.
Área	103.500 m²
Localização	Rua João Gava
Bairro	Abranches
Ano de implantação	1990
Legislação	Homologação da criação Decreto nº 252/1994.
Fauna	Não foi encontrada informação a respeito
Flora	Não foi encontrada informação a respeito
Equipamentos	Palco, Ópera de Arame, lanchonete, loja, heliponto, estrutura de apoio para shows, administração, estacionamento, passarela, portal, lago, cascata, Farol do Saber, Espaço Paulo Leminski, elevador.
Eventos	Na Ópera acontecem espetáculos cênicos e musicais de grande e pequeno porte, formaturas, encontros, congressos, simpósios, debates, apresentações de dança, circo, programas de auditório e outros eventos. Na Pedreira ocorrem grandes shows e encenações como a Paixão de Cristo na sexta-feira santa.
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – Não foram encontradas atividades referentes
	Aprendizagem – Não foram encontradas atividades referentes
	Entretenimento – eventos culturais, compras de souvenir

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012), FCC (2012).

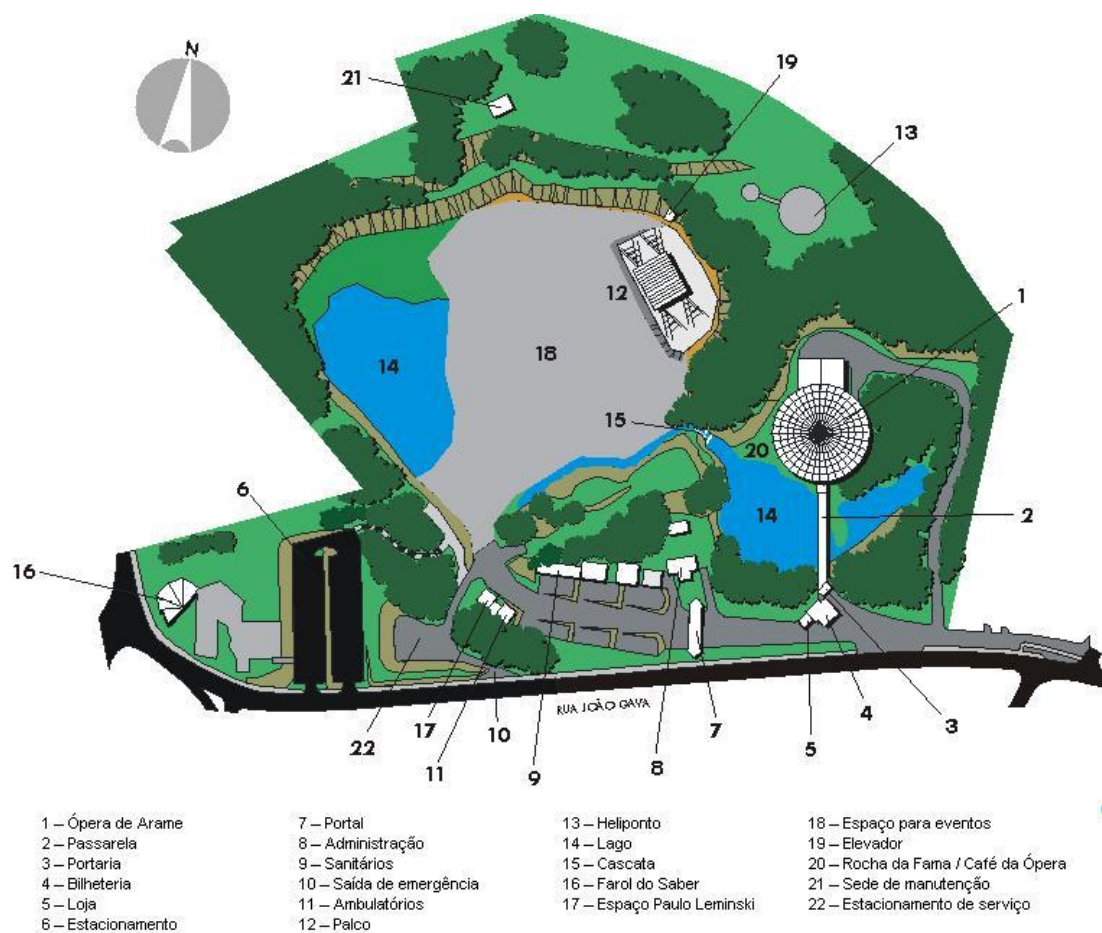


FIGURA 20 – CROQUI PARQUE DAS PEDREIRAS
FONTE: SMMA (2012).

6.8 PARQUE TANGUÁ



FIGURA 21 – PARQUE TANGUÁ
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

O parque está localizado em uma região de pedreiras desativadas no norte da cidade, oferece uma área de lazer com lagos, ancoradouro, lanchonete dentro de um dos lagos, pista de caminhada, ciclovia, um túnel aberto na rocha unindo dois dos seus lagos, cascata e ponte. Tanguá significa “Baía das Conchas” em linguagem indígena. (SMMA, 2012).

Situado nas antigas pedreiras da família Gava junto ao rio Barigui, entre os municípios de Curitiba e Almirante Tamandaré, este parque foi inaugurado em 23 de novembro de 1996, no local destinado inicialmente para abrigar uma usina de reciclagem de calça e lixo industrial. (SMMA, 2012). Por sua localização ser na divisa com outro município, presume-se que uma das suas finalidades do parque tenha sido tentar evitar a conurbação entre os municípios.

Posteriormente, em 06 de junho de 1998, foi inaugurado, dentro do parque, o Jardim Poty Lazzarotto, com portal de acesso, mirante a 65m de altura (FIGURA 21), cascata e um jardim em estilo francês com canteiros de flores e espelhos d’água. Nos três pisos do belvedere encontram-se distribuídos decks metálicos, bistrô, sanitários públicos, loja e torres para observação. (SMMA, 2012).

TABELA 15 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE TANGUÁ

Gestão	Possui Plano de Manejo. Classificação oficial: Parque de conservação
Área	235.000 m ²
Localização	Rua Oswaldo Maciel
Bairro	Taboão / Pilarzinho
Ano de implantação	1996
Legislação	DECRETO Nº. 565 - “Regulamenta parcialmente o Art. 7º, da Lei no 9.804/00 e institui o Plano de Manejo da Área do Parque Municipal Tanguá”. Decreto nº 602/97 – Criação do Parque Decreto nº 673 - Cria o Setor Especial do Parque Natural Municipal Tanguá e dá outras providências
Fauna	Pato silvestre, morcego, gambá, tatu, cisqueiro, pavó, quero-quero, frango-d’água, jaçanã, marreca ananaí, socó-dorminhoco, João-de-barro, sabiá-laranjeira, bem-te-vi, parelheira, cobra-d’água, boipeva, jararaca, teiú, cágado-cabeça-de-cobra.
Flora	Branquilha, veludo, maria-mole, cambuí-do-brejo, embira-branca, baga-de-pombo, tarumã, aroeira, congonha, corticeira-do-brejo, bromélia, cambuí-manchado, miguel-pintado, mamica-de-porca, araucária, canela, pessegueiro-bravo, bugreiro, carvalho, cafezeiro-bravo, erva-mate, imbuia, sassafrás, camboatá, pinheiro-bravo, caúna, guaçatunga, bracatinga.
Equipamentos	Estacionamentos, lago, ancoradouro, lanchonete, pista de caminhada, ciclovia, cascata, pergolado, ponte, mirante, belvedere, bistrô, sanitários, loja, jardim com canteiros e espelhos d’água, portal, churrasqueiras, pedreira, túnel, passarela, deck, praça, recanto, sede Guarda Municipal.
Eventos	Não foram encontradas informações a respeito
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – Não foram encontradas atividades referentes
	Aprendizagem – Não foram encontradas atividades referentes
	Entretenimento – compras de souvenir

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012).

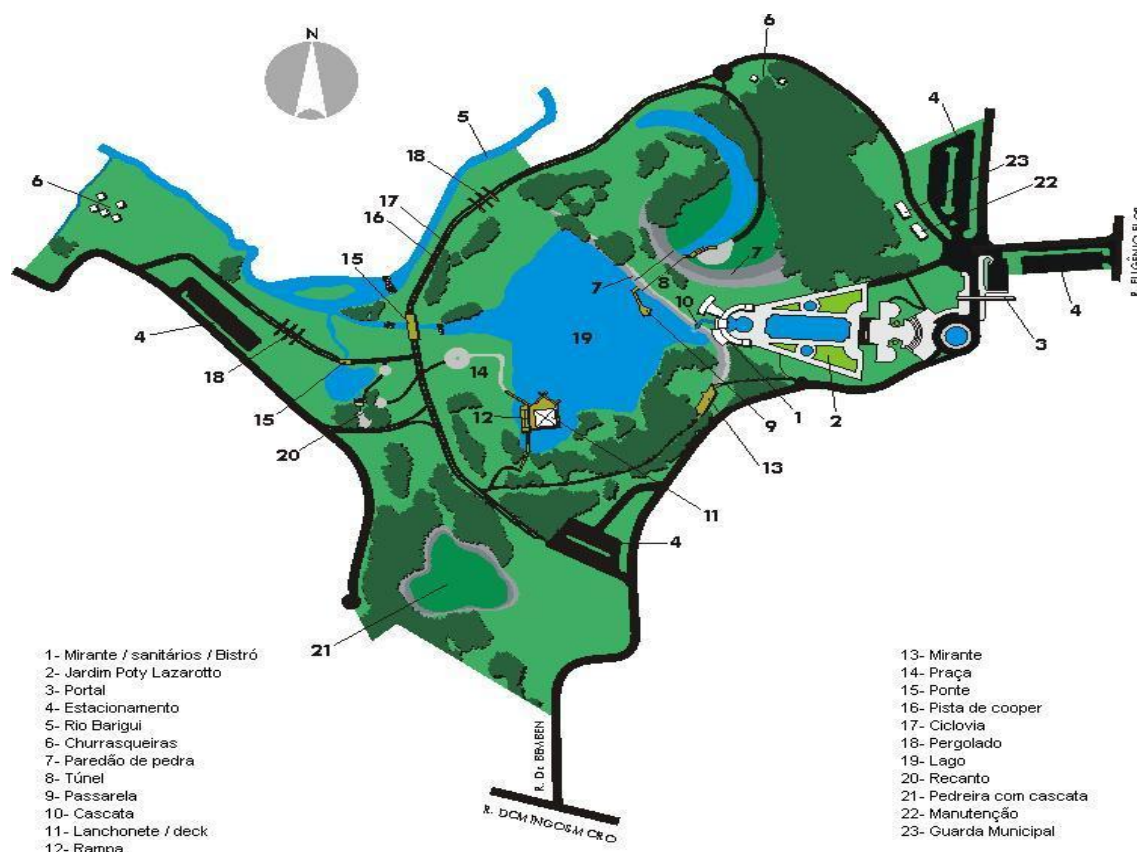


FIGURA 22 – CROQUI PARQUE TANGUÁ
FONTE: SMMA (2012).

6.9 PARQUE TINGUI



FIGURA 23 – PARQUE TINGUI
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

Parte do maior parque ambiental linear do país, implantado às margens do rio Barigui, homenageia os indígenas que habitavam a região, através da estátua do Cacique Tindiquera. Abriga também o Memorial Ucraniano (FIGURA 23), homenagem aos imigrantes, na forma de réplica de uma igreja ortodoxa, originalmente construída no interior do estado, a qual abriga exposição de pêsankas e ícones da etnia. No Memorial existe loja, palco, portal, mirante, monumento em forma de pêsanka e campanário, inspirados no estilo que caracteriza as construções da Ucrânia. Em 2000, em homenagem aos 500 anos do Brasil, foi inaugurada a Praça Brasil 500 Anos, em formato de um disco com uma rosa dos ventos. (CURITIBA TURISMO, 2012).

TABELA 16 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE TINGUI

Gestão	Possui Plano de Manejo. Classificação oficial: Parque Linear.
Área	380.000 m ²
Localização	Entre as ruas Rua Fredolin Wolf e José Valle, ao longo do Rio Barigui
Bairro	São João
Ano de implantação	1994
Legislação	Decreto nº 602/97 – Criação do Parque Decreto nº 1179/09 – Plano de Manejo
Fauna	Pato silvestre, morcego, gambá, tatu, cisqueiro, pavó, quero-quero, frango-d'água, jaçanã, marreca ananaí, socó-dorminhoco, joão-de-barro, sabiá-laranjeira, bem-te-vi, parelheira, cobra-d'água, boipeva, jararaca, teiú, cágado-cabeça-de-cobra.
Flora	Branquilho, veludo, maria-mole, cambuí-do-brejo, embira-branca, baga-de-pombo, tarumã, aroeira, congonha, corticeira-do-brejo, bromélia, cambuí-manchado, miguel-pintado, mamica-de-porca, araucária, canela, pessegueiro-bravo, bugreiro, carvalho, cafezeiro-bravo, erva-mate, imbuia, sassafrás, camboatá, pinheiro-bravo, caúna, guaçatunga, bracatinga.
Equipamentos	Ciclovía, pista de caminhada, pontes de madeira, portais, churrasqueiras, canchas de futebol e vôlei, playground, sanitários, administração, estacionamento, casa da guarda municipal, lago, pergolado, Memorial Ucraniano, réplica da Igreja Ucraniana, loja de produtos típicos, palco, campanário.
Eventos	Bênção dos Alimentos (no Sábado de Aleluia), a Festa Nacional da Ucrânia (em agosto), a Festa da Colheita (em outubro) e a Festa de São Nicolau (em novembro).
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – esportes
	Aprendizagem – memorial
	Entretenimento – eventos culturais, compras de souvenir

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012), FCC (2012).

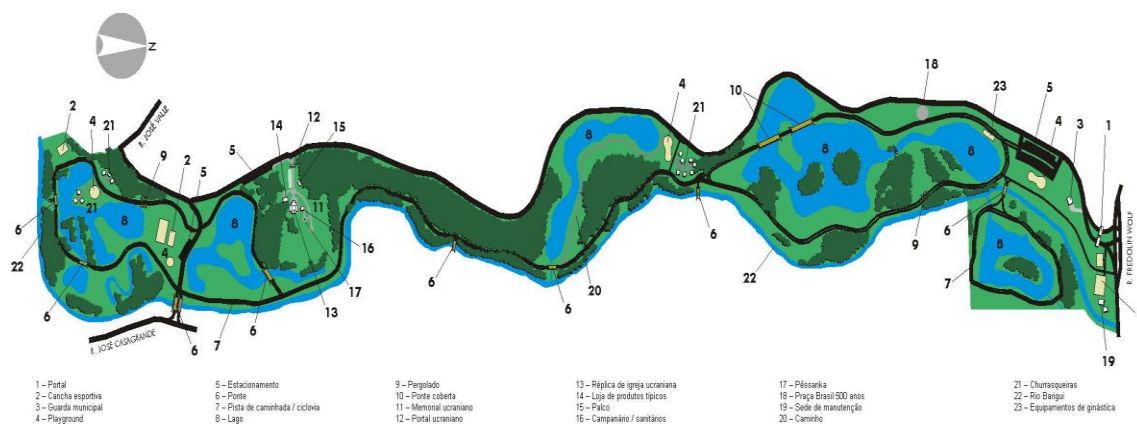


FIGURA 24 – CROQUI PARQUE TINGUI
FONTE: SMMA (2012).

6.10 PARQUE BARIGUI



FIGURA 25 – PARQUE BARIGUI
FONTE: Acervo pessoal da autora (2013).

O nome Barigui tem origem indígena e significa "rio do fruto espinhoso", em alusão às pinhas das araucárias nativas, ainda remanescentes no local. Inaugurado em 1972 é um dos maiores parques da cidade e o mais freqüentado (CURITIBA TURISMO, 2012), possivelmente por sua localização e facilidades de acesso. (HARDT, *et al.*, 2007). Possui lago de 230.000 m² que auxilia na contenção de enchentes do Rio Barigui (FIGURA 25).

Uma academia de ginástica foi implantada em uma antiga olaria existente no parque, administrada pela Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude. Uma construção histórica foi readequada para instalação de um Bistrô, dirigido pelo IPCC. Já o Salão de Atos é gerido pelo Instituto Municipal de Administração Pública. (SMMA, 2012).

Este parque ainda possui um pavilhão de exposições administrado pela URBS que em 2012 foi concedido à iniciativa privada. Neste espaço os principais eventos realizados são feiras. (NAMISAKI, 2012).

TABELA 17 – CARACTERIZAÇÃO PARQUE BARIGUI

Gestão	Possui Plano de Manejo. Classificação oficial: Parque de Conservação.
Área	1.400.000 m ²
Localização	Entre a Av. Manoel Ribas e a BR-277, acessos: BR-277 e Av. Cândido Hartmann
Bairro	Bigorriho, Mercês, Santo Inácio e Cascatinha
Ano de implantação	1972
Legislação	Decreto Nº. 652/08 - “Regulamenta parcialmente o Art. 7º, da Lei no 9.804/00 e institui o Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Barigui”. Decreto nº 252/94 Criação da Unidade de Conservação Municipal
Fauna	Garça-branca, quero-quero, tico-tico, sabiá, biguatinga, preá, capivara, cutia, sagui e gambá.
Flora	Araucária, erva-mate, pitangueira, vassourão-branco, bromélia, orquídea, mirta, guabirota e guabiroba.
Equipamentos	Lago, pavilhão de exposições, Museu do Automóvel, restaurante, Salão de Atos, sede da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Bistrô, academia de ginástica, pista de bicicross, canchas esportivas, pistas de caminhada, ciclovias, trilhas, sanitários públicos, pista de patinação, heliponto, churrasqueiras, lanchonetes, equipamentos de ginástica, portal, pontes, sede de grupo escoteiro e estacionamentos.
Eventos	No Centro de Convenções conforme cronograma do espaço O Salão de Atos é destinado a eventos, palestras, reuniões, seminários, treinamentos, <i>workshops</i> , exposições de pequeno e médio porte e apresentações No espaço aberto do parque ocorrem eventos diversos como: gincanas, passeios ciclísticos, caminhadas, entre outros.
Experiência	Estética - Contemplação da paisagem
	Evasão – esportes
	Aprendizagem – museu
	Entretenimento – eventos, recreação infantil

FONTE: Elaborado pela autora, baseado em SMMA (2012); CTUR (2012), Namisaki (2012).

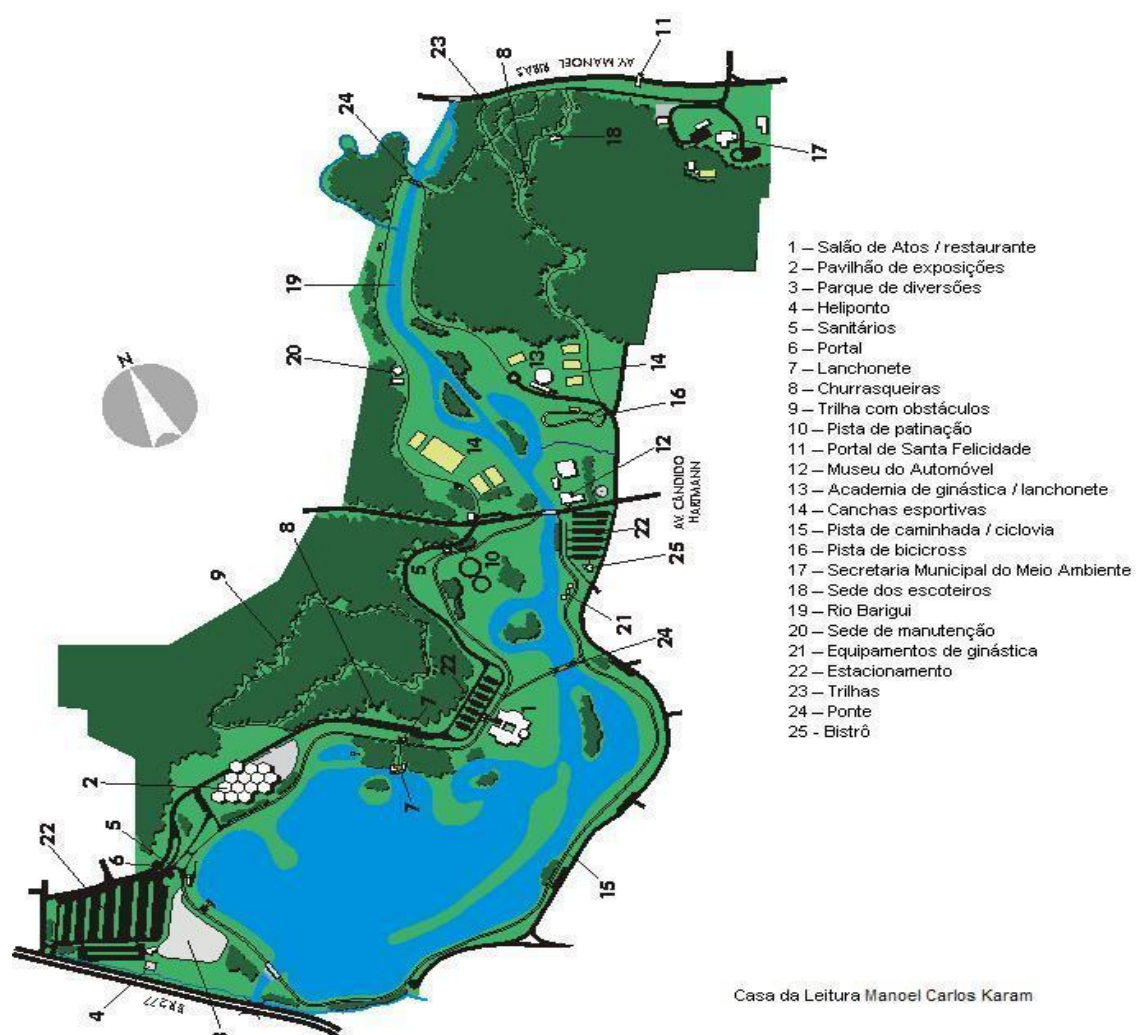


FIGURA 26 – CROQUI PARQUE BARIGUI
FONTE: SMMA (2012).

Assim sendo, percebe-se a variedade e a diferença dos parques de Curitiba. Há espaços voltados mais claramente à conservação da natureza, outros são parques de lazer, e ainda tem os que são mais fortemente turísticos ou os que recebem poucos turistas. A história deles está pautada na conservação da natureza, na melhoria da qualidade de vida da população e em serem espaços para o lazer contemplativo dos moradores. (MENEZES, 1996; TRINDADE *et al.*, 1997).

6.11 ANÁLISE DOS PARQUES SOB A ÓTICA DA ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA

O que se pode perceber ao analisar esses parques é que a maioria deles oferece atividades que envolvem os quatro domínios da experiência: entretenimento, estética, evasão e aprendizagem. Em todos os locais analisados foi possível encontrar atividades relacionadas com entretenimento e estética. Já em relação à aprendizagem, oito dos dez espaços estudados apresentaram atividades relacionadas a essa esfera. E o domínio que apresenta o menor número de parques é a evasão, sendo que cinco deles possuem atividades que podem ser consideradas de evasão. A figura a seguir insere os parques que possuem atividades relacionadas aos domínios da experiência em cada quadrante do esquema já apresentado:

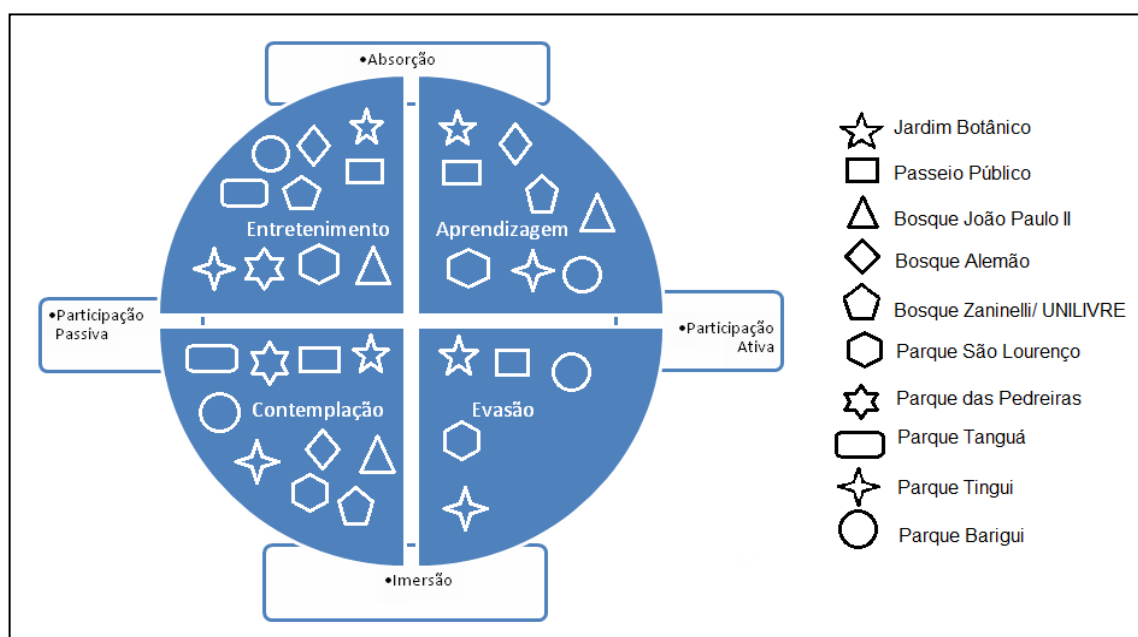


FIGURA 27 – DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA NOS PARQUES DE CURITIBA

FONTE: Elaborado pela autora, baseada em Pine II e Gilmore (1999).

Percebe-se que as atividades que podem ser realizadas nos parques estão diretamente relacionadas com a proposta inicial deles, lazer contemplativo para a população. (MENEZES, 1996). Sendo assim, há poucas atividades de evasão, nas quais o indivíduo precisa estar envolvido plenamente na sua execução.

No entanto, após a pesquisa de campo, foram detectadas experiências diferentes pelos turistas, que serão apresentados no subitem 7.3.

Outra análise que pode ser feita é a respeito das funções dos parques relacionadas com os domínios da experiência. Conforme apresentado anteriormente, as funções dos parques podem ser consideradas como: conservação, espaço de socialização, metáfora da natureza e espaços de conflitos. (SILVA, 2003). Já os domínios são: estética, entretenimento, evasão e aprendizagem. (PINE II; GILMORE, 1999). Entrecruzando esses elementos têm-se o seguinte:

TABELA 18 – FUNÇÃO DOS PARQUES X DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA

	Estética	Entretenimento	Evasão	Aprendizagem
Conservação				X
Espaço de Conflitos			-	
Espaço de Socialização		X		
Metáfora da Natureza	X			

FONTE: Elaborado pela autora baseado em Silva (2003); Pine II e Gilmore (1999).

Dessa forma, o espaço de conservação estaria relacionado à aprendizagem no sentido de educação ambiental, de conhecimento para a mudança de atitudes em relação ao meio ambiente. Já os espaços de socialização estão diretamente relacionados com o entretenimento, pois é nesse espaço que as pessoas interagem, divertem-se, relacionam-se. A metáfora da natureza apresenta um espaço predominantemente estético, onde os indivíduos vão para observar a natureza transformada em espetáculo. O espaço de conflitos e a evasão não estão diretamente relacionados. O espaço de conflitos gera os conflitos por causa dos interesses divergentes sobre o uso do espaço, a evasão gera necessidade de atividades diferentes do que é oferecido em cada lugar.

7 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Buscando uma maior compreensão a respeito dos visitantes dos parques de Curitiba, foi realizada a pesquisa de campo nos 10 parques constantes no roteiro da Linha Turismo. De novembro de 2012 à janeiro de 2013 foram entrevistados 418 turistas nos parques selecionados para este estudo.

7.1 PERFIL DOS VISITANTES

Como não se tem um aprofundado estudo sobre os turistas que visitam os parques de Curitiba, o conhecimento do perfil destes pode ser de grande valia, pois como colocam Freitas e outros autores (2000) a caracterização do perfil dos visitantes pode auxiliar na obtenção de informações para um futuro planejamento e até mesmo para a administração da área.

Sobre a origem (TABELA 19), é grande a variedade de estados dos turistas que responderam o questionário, mas a maioria procede de São Paulo, interior ou litoral do Paraná (moradores de Curitiba e região metropolitana não são considerados turistas) e Santa Catarina. Percebe-se que a proximidade do destino faz com que estes sejam os principais mercados emissores de turistas à Curitiba. E estes dados se aproximam da pesquisa de demanda, na qual a procedência foi a mesma, apenas invertendo a ordem: Paraná, São Paulo e Santa Catarina (CURITIBA TURISMO, 2010) e também as pesquisas acadêmicas realizadas nos parques apresentam estes estados como os mais representativos. (KAICK, 2007; PACE, 2011).

Os estrangeiros entrevistados eram da Europa (40,6%), América do Sul (37,8%), América do Norte (8,1%), Oriente Médio (8,1%) e Oceania (5,4%). O número de estrangeiros é alto, visto que na pesquisa de demanda em 2010 o percentual foi de 4,6% (CURITIBA TURISMO, 2010) e na da Linha Turismo em 2011 foi de 5,2% (CURITIBA TURISMO, 2011) de estrangeiros. Um fato que pode comprovar esta informação é o aumento de desembarques no aeroporto internacional de Curitiba, sendo que em 2010 foi de 2.864.979 pessoas e no ano de 2012 foi de 3.321.042. (INFRAERO, 2012).

TABELA 19 – PROCEDÊNCIA DOS VISITANTES DOS PARQUES DE CURITIBA

Procedência	Porcentagem
São Paulo	25,6%
Paraná (litoral e interior)	19,2%
Santa Catarina	9,3%
Rio de Janeiro	7,7%
Rio Grande do Sul	5,3%
Distrito Federal	4,5%
Minas Gerais	4,1%
Pernambuco	2,9%
Espírito Santo	1,9%
Mato Grosso do Sul	1,9%
Ceará	1,1%
Piauí	1,0%
Mato Grosso	1,0%
Amazonas	0,7%
Bahia	0,7%
Goiás	0,7%
Sergipe	0,7%
Pará	0,7%
Paraíba	0,7%
Rio Grande do Norte	0,5%
Rondônia	0,5%
Maranhão	0,2%
Alagoas	0,2%
Outros países	8,9%
TOTAL	100%

FONTE: A autora (2013).

A maioria dos entrevistados é do sexo feminino (59%), assim como na pesquisa realizada por Kaick (2007) nos parques de Curitiba na qual 54,5% dos entrevistados eram mulheres. No entanto, o perfil dos visitantes de Curitiba é majoritariamente de homens, sendo que na última pesquisa de demanda eram 64,9% homens. (CURITIBA TURISMO, 2010). Isso leva a crer que o público masculino que visita Curitiba está na cidade a negócios e não visita com frequência esses espaços, enquanto as mulheres, principalmente pelo período da pesquisa ser durante as férias escolares, possam estar mais dispostas a realizar esses passeios com a família. Visto que os grupos eram formados por três pessoas em média, sendo que a maioria deles viajava com a família (52,6%), depois os que estavam acompanhados dos namorados/as ou cônjuges (24,9%), os que viajavam sozinhos (15,1%) e com amigos (7,4%).

A média de idade dos turistas foi de 36 anos, um pouco mais baixa que na pesquisa de demanda, que foi de 40 anos. (CURITIBA TURISMO, 2010). Foram variadas as faixas etárias (GRÁFICO 2), mas se percebe a predominância de jovens e adultos jovens. O que pode demonstrar que esse grupo de pessoas encontra nestes locais características capazes de atraí-los.

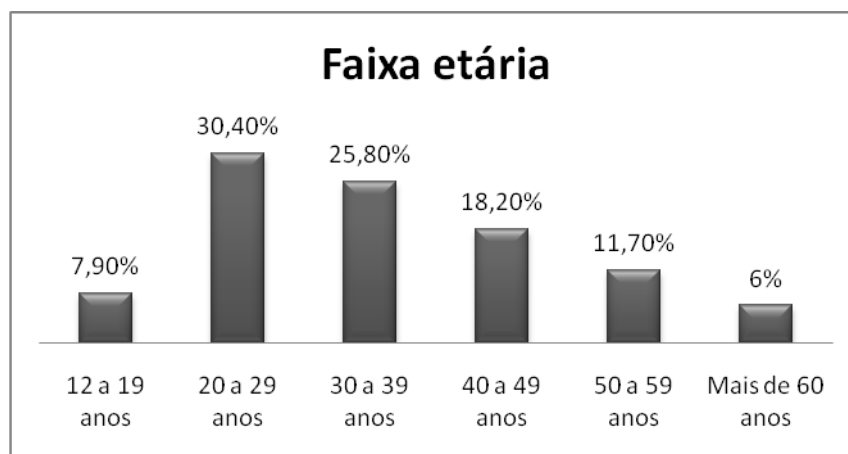


GRÁFICO 2 – FAIXA ETÁRIA
FONTE: A autora (2013).

A escolaridade destes visitantes é de quase metade com ensino superior (GRÁFICO 3). Ressalta-se também o alto índice de pessoas com pós-graduação.

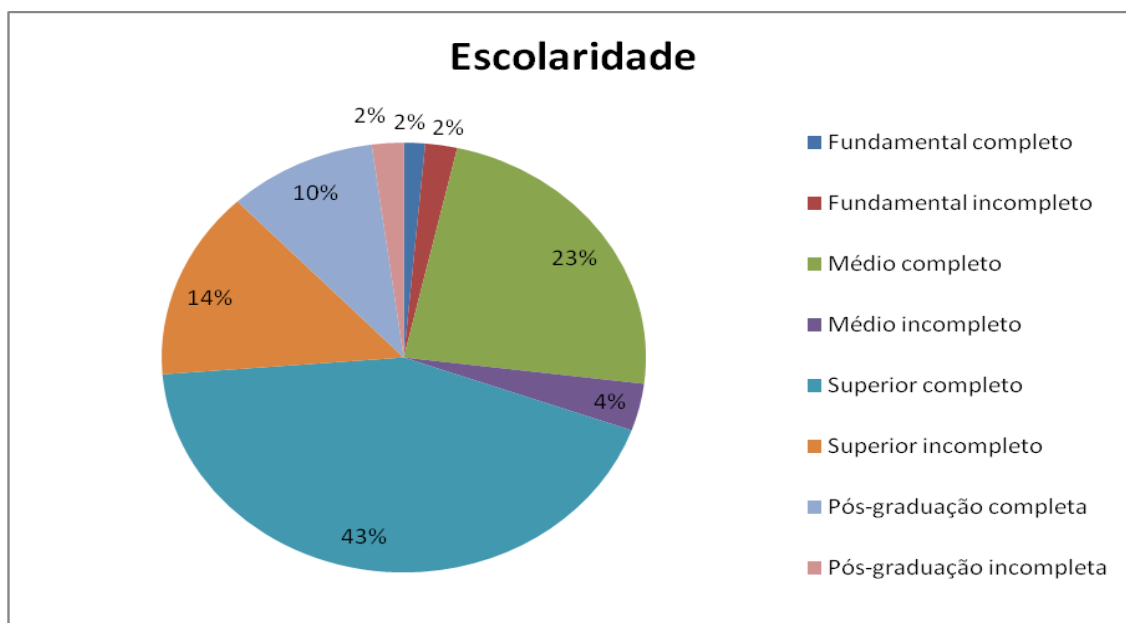


GRÁFICO 3 – ESCOLARIDADE
FONTE: A autora (2013).

Pace (2011) afirma que a formação acadêmica superior pode sugerir

que esses visitantes possuem um grau de conhecimento técnico e científico maior para a percepção e compreensão dos atrativos visitados.

O principal motivo da viagem a Curitiba foi por lazer e turismo (67,9%), seguido de visita a parentes e amigos (20,6%) e negócios (5,3%). Este é um dos pontos que mais divergem da pesquisa de demanda, pois nesta o motivo da viagem era de negócios em 38%, visita a parentes e amigos 23% e lazer/turismo 19,5%. (CURITIBA TURISMO, 2010). Provavelmente um dos motivos é o local no qual as pesquisas são realizadas, enquanto a pesquisa de demanda ocorre nas principais entradas e saídas da cidade, a pesquisa deste estudo foi feita nos parques de Curitiba, e os turistas que estavam visitando estes locais eram na maioria turistas de lazer.

O lazer consiste em ações desenvolvidas durante o tempo livre. (SILVA, 2004). No espaço urbano ele é democrático (SILVA, 2004) e possui diversos tipos, formas e modalidades. (ANDRADE, 2001a). As pessoas que viajam por esse motivo estão mais propensas a visitar espaços na cidade, como os parques, do que os turistas de negócios.

A maioria dos visitantes já conhecia Curitiba (54%), e destes, mais da metade não conhecia o parque (GRÁFICO 4). No entanto, 44% das pessoas estavam retornando ao parque visitado, ou seja, já conheciam e estavam voltando por diversos motivos: apresentar a outras pessoas, fazia tempo que esteve ali, gostou e quis retornar.

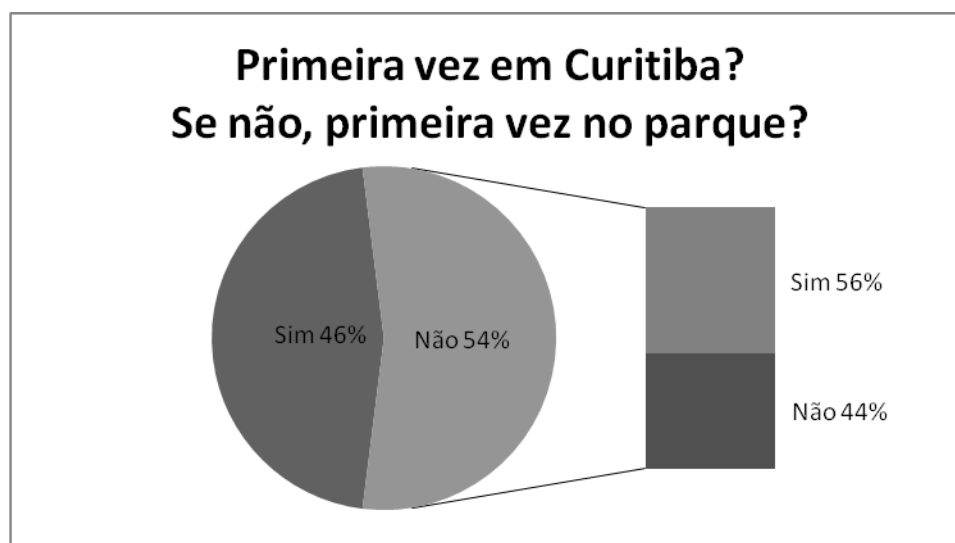


GRÁFICO 4 – PRIMEIRA VEZ NA CIDADE, PRIMEIRA VEZ NO PARQUE
FONTE: Autora (2013).

Em relação ao parque, os entrevistados responderam algumas questões a respeito das atividades que realizaram no local, o que mais gostou, o que menos gostou, se retornaria e se recomendaria aquele parque.

Sobre as atividades, como havia a possibilidade de mais de uma resposta, o número absoluto é maior que 100%. As pessoas não recebiam opções de respostas, portanto pode-se constatar que estas atividades foram as mais marcantes, pois eram as que os turistas lembravam (TABELA 20).

TABELA 20 – ATIVIDADES REALIZADAS

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	87,1%
Contemplação	41,4%
Fotografia	8,1%
Visita a espaços culturais	6,7%
Compras de produtos artesanais	5,5%
Esportes	1,7%
Total	150%

FONTE: Autora (2013).

A pesquisa de Santos e Costa (2005) nos parques da cidade de São Paulo, apresenta que a principal atividade realizada também foi de caminhada (50%), depois recreação com a família e amigos (40%), descanso (36%), contemplação da natureza (27%) e os esportes de quadra (18%). O que pode indicar que os parques de São Paulo talvez não sejam tão contemplativos quanto os de Curitiba, pois a contemplação teve um índice menor.

O que os turistas mais gostaram nos parques visitados foi em grande parte da natureza, das construções existentes e da paisagem (TABELA 21).

TABELA 21 – O QUE TURISTA MAIS GOSTOU NO PARQUE VISITADO

Mais gostou	Percentual
Natureza	33,5%
Arquitetura/Construções/estrutura	21,0%
Paisagem	18,9%
Tudo	7,4%
Beleza do local	7,4%
Espços bem cuidados	7,0%
História/cultura	4,1%
Pessoas	2,6%
Total	101,9%

FONTE: Autora (2013).

Corroboram com estas informações a pesquisa de Pace (2011) nos parques, na qual os entrevistados responderam que os aspectos positivos dos parques seriam o estado da vegetação e da fauna (77,7%), o estado geral das edificações (30,8%) e das áreas livres ou abertas (27,3%). Assim como, a pesquisa de demanda aponta que as áreas verdes de Curitiba recebem um dos maiores percentuais de índice bom e ótimo atribuído pelos turistas à qualificação da cidade (92,8%), seguido pela conservação dos edifícios (76,5%). (CURITIBA TURISMO, 2010).

O outro aspecto que mais gostaram no parque foi a paisagem, esta que é considerada a porção do território possível abranger com a visão (SANTOS, 2006), se torna o quadro pintado pelos turistas na localidade. (TUAN, 1980).

Segundo Scherer (2002), a paisagem urbana é capaz de relatar a história da sociedade. E o mesmo se pode dizer dos parques, pois muitas vezes as paisagens não são apenas destes locais, mas estão em conjunto com seus arredores, ou até áreas mais distantes, como é o caso do Bosque Alemão e do Parque Tanguá que possuem mirantes de onde é possível visualizar outras regiões da cidade, sendo que a paisagem é de grande relevância para o turismo.

Ao serem questionados sobre o que menos gostaram no parque, algumas pessoas paravam para pensar e respondiam que nada, pois nenhum aspecto foi capaz de ser percebido negativamente (TABELA 22). Os que tiveram itens que não gostaram se basearam em algum problema com as instalações, como lanchonete que não atendia a demanda e sanitários em quantidade insuficiente. Outro ponto colocado foram os espaços fechados em vários parques, desde espaços fechados para manutenção como a Pedreira Paulo Leminski ou sem previsão de reabertura como o Espaço Cultural Frans Krajcberg no Jardim Botânico.

TABELA 22 – O QUE O TURISTA MENOS GOSTOU NO PARQUE VISITADO

Menos gostou	Percentual
Nada	68,7%
Infraestrutura inadequada	6,0%
Espaços fechados	3,8%
Algo relacionado ao clima	2,9%
Precariedade da limpeza	2,9%
Má conservação das instalações	2,6%
Vias e sinalização de acesso	
deficiente	1,9%
Equipamentos de lazer	
insuficientes	1,7%
Poucas opções de alimentação	1,4%
Outros	12,0%
Total	103,9%

FONTE: Autora (2013).

O alto índice de pessoas que afirmaram que gostaram de tudo no parque pode estar relacionado ao fato de que a visita a estes locais é um passeio no qual as pessoas buscam aproveitar o local e se divertir, e não estão propensas a comportamentos críticos. (KAICK, 2007).

Para um maior entendimento de cada parque, no apêndice 4 é apresentada uma tabela com a quantidade de referências do que os turistas mais gostaram em cada parque e no apêndice 5 é apresentado o que eles menos gostaram.

Dos 321 turistas que estavam visitando o parque pela primeira vez, 7% disseram que não retornariam ou que talvez retornassem àquele parque. As justificativas dão conta de que como já conhecem o local, só retornariam se ali ocorresse alguma apresentação. Em todo caso, a maioria das pessoas retornaria e recomendaria o parque, mas não se deve deixar de levar em consideração o número dos que negaram o retorno, que pode indicar que para algumas pessoas, não há muito o que fazer nos parques de Curitiba, que estando lá uma vez você é capaz de conhecê-lo sem ter atrativos para retornar.

Foram 418 entrevistados e apenas três destes afirmaram que não recomendaria o parque para outras pessoas visitarem, ou por considerá-lo artificial ou por preferir outros espaços na cidade para indicar. Mesmo as

peessoas que disseram que não retornariam afirmaram que iriam recomendar a visita ao parque para seus conhecidos, pois consideravam que ao menos valia conhecer o local.

7.1.1 Questão sobre a experiência

Os turistas também responderam três questões (apêndice 1) nas quais deveriam listar em ordem de importância, de 1 a 4, os itens apresentados, sendo o '1' o mais importante e o '4' o menos importante. Para facilitar a compreensão, as pessoas recebiam uma folha com as respostas para que pudessem ler e analisar conforme suas necessidades de tempo e compreensão.

A primeira destas questões de importância foi a respeito da experiência no parque, sendo que havia quatro grupos de expressões, cada um representando os elementos da economia da experiência: contemplação, entretenimento, aprendizagem e evasão. (PINE II; GILMORE, 1999).

Na análise geral dos parques (GRÁFICO 5) é possível perceber que a maioria dos entrevistados considerou que sua experiência no parque foi de contemplação, visto que 72% elencaram este aspecto como o mais relevante. Posteriormente os turistas avaliaram o entretenimento como o segundo item mais representativo de sua experiência no parque e na sequência ficou a aprendizagem. A evasão foi o item menos representativo da experiência para os entrevistados.

Essa informação corrobora com a ideia do planejamento dos parques de Curitiba, que visava o lazer contemplativo para a comunidade local. (TRINDADE *et al.*, 1997; MENEZES, 1996; OLIVEIRA, 2000). Apesar de esta ter sido a experiência mais marcante dos turistas, é importante ressaltar que muitos deles comentaram que seria interessante se houvesse outras atividades a serem realizadas nos parques, conforme será apresentado adiante.

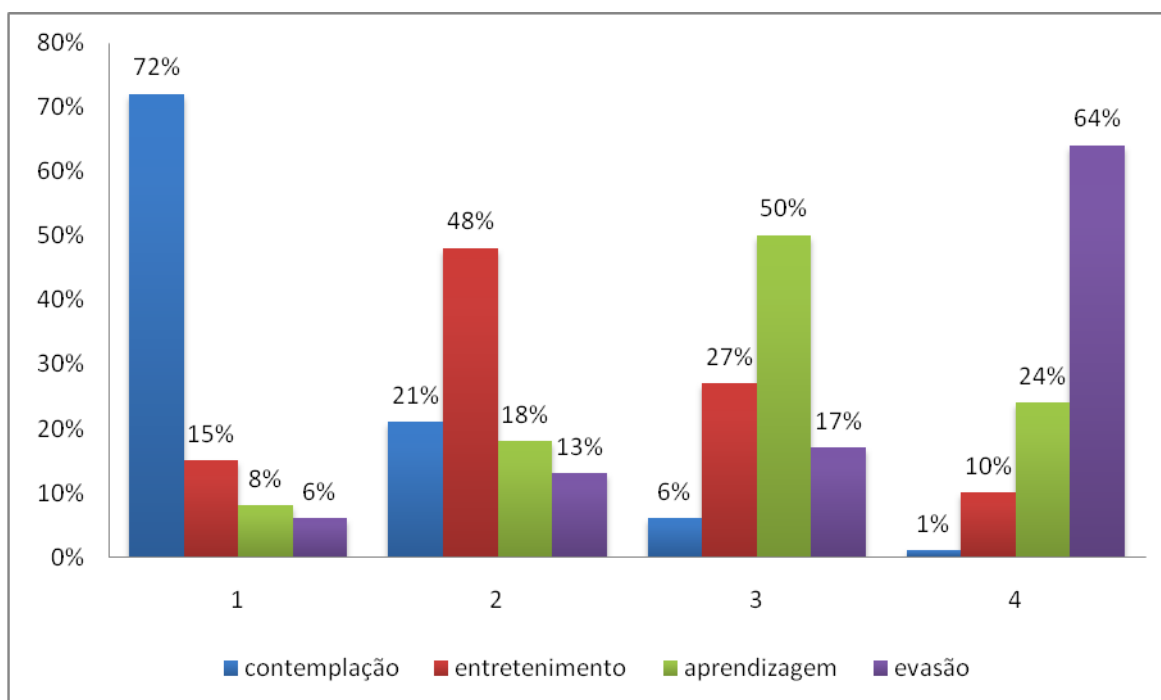


GRÁFICO 5 – EXPERIÊNCIA

FONTE: A autora (2013).

Quando a análise destas informações é realizada separadamente por parque, percebe-se que há pouca discrepância entre eles (GRÁFICO 6).

A contemplação é o item referenciado como o mais importante em todos os parques e com grande diferença dos outros aspectos. Apenas no parque São Lourenço é que a contemplação (50%) se aproxima do entretenimento (30%), possivelmente por este ser um parque utilizado pela comunidade local para a prática de esporte.

De acordo com Scalise (2002), a contemplação é uma das primeiras funções dos parques, desde o século XIX com os modelos paisagísticos dos parques ingleses.

E, apesar da afirmação de Macedo e Sakata (2002) de que a procura por lazer em diversos segmentos, como esportivos e culturais, gera novas funções aos parques, diferentes das antigas que eram voltadas basicamente para a contemplação, em Curitiba percebe-se que se mantém muito forte a contemplação, apesar de outros segmentos estarem se desenvolvendo.

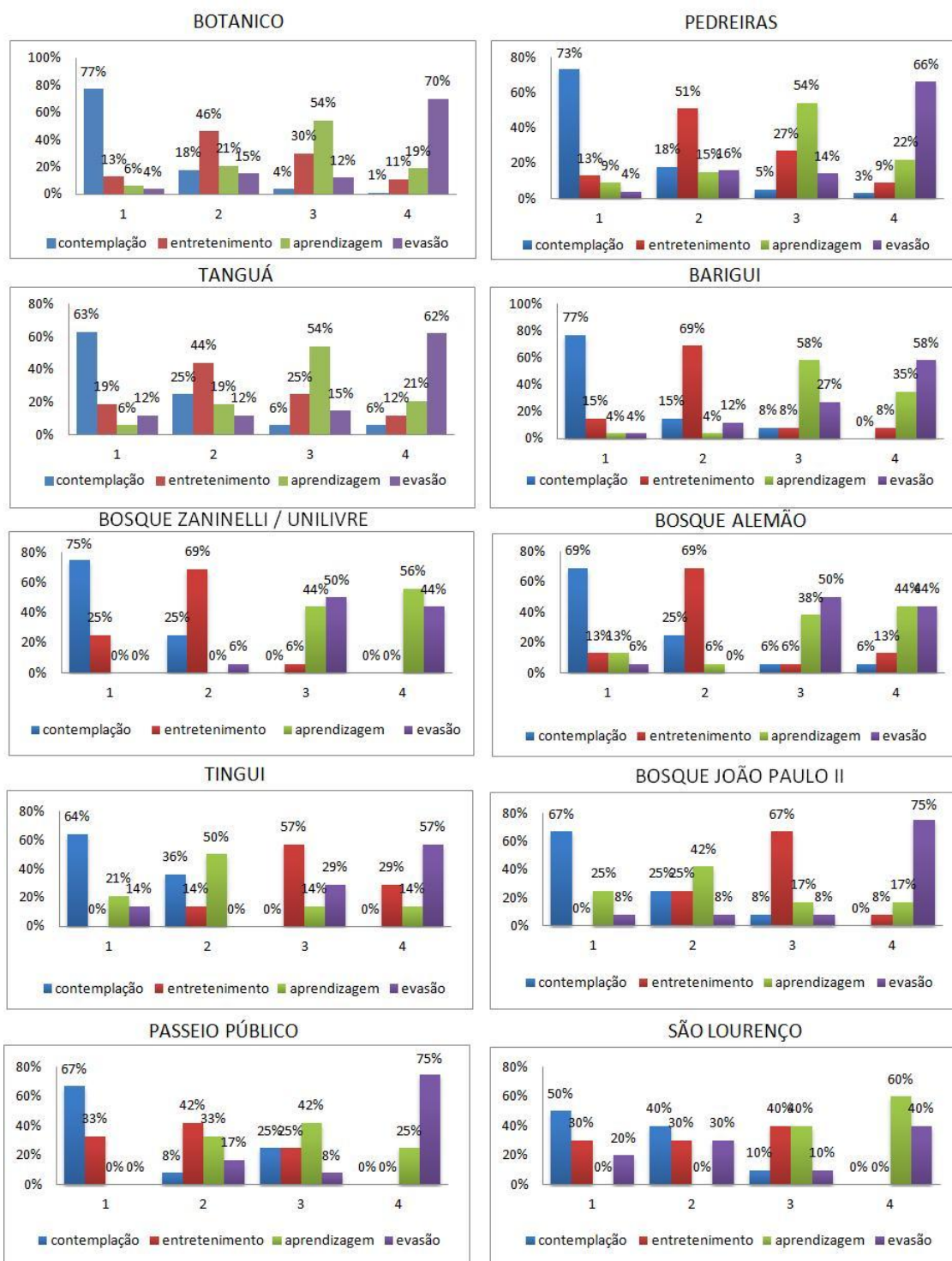


GRÁFICO 6 – EXPERIÊNCIA DOS TURISTAS POR PARQUE
FONTE: A autora (2013).

A segunda experiência mais marcante para os turistas em quase todos os parques foi a de entretenimento, alternando com a aprendizagem nos parques Tingui e Bosque João Paulo II. Estes dois são parques com forte apelo cultural das etnias que representam, possuem memoriais e outros aspectos

referentes às etnias ucraniana e polonesa, respectivamente, o que pode ter sido um dos motivos que levaram as pessoas a terem mais experiências de aprendizado nestes parques.

Em parques como Barigui, Bosque Zaninelli/Unilivre e Bosque Alemão o entretenimento teve na segunda colocação um índice muito mais alto que os outros aspectos, o que pode ser considerado um indício de que nestes parques há mais opções destas atividades para os visitantes.

Para Pine II e Gilmore (1999) o entretenimento é uma das mais antigas emoções e também uma das mais desenvolvidas, comuns e familiares. O entretenimento, assim como a contemplação, é uma experiência passiva, o turista não precisa se envolver profundamente nas atividades que realiza. Assim, pode-se perceber que as principais atividades em parques de Curitiba são passivas, o que demonstra a falta de opções para as pessoas interessadas em atividades ativas nestes locais.

A terceira experiência em ordem de importância para os turistas entrevistados foi, na maioria dos parques, a aprendizagem. As exceções foram os parques Tingui e Bosque João Paulo II nos quais o entretenimento ficou em terceiro lugar, pois como já apresentado nestes dois parques a aprendizagem apareceu antes. No São Lourenço o entretenimento e a aprendizagem ficaram com a mesma porcentagem de respostas. Já no Bosque Zaninelli/Unilivre e no Bosque Alemão a evasão foi considerada mais relevante. Com isso, é possível perceber que nestes dois parques os turistas consideram que há mais atividades de evasão, atividades que eles estejam imersos e possam ser os executores.

O aspecto da aprendizagem pode ser considerado relevante em Curitiba, pois alguns parques possuem memoriais e espaços culturais e as “características de visitação a estes espaços estão mais ligadas ao lazer e a cultura do que as atividades características ligadas às áreas naturais”. (GÂNDARA; ALBACH; VIEIRA, p. 8, 2008).

Cabe ressaltar que a atividade turística é capaz de trazer para a comunidade local uma nova maneira de mostrar o que é seu, suas memórias e

identidades (MURTA; ALBANO, 2002) e isso pode ser mais bem explorado nos parques com essas características. Apesar de ações nesta área já acontecerem, pois muitas vezes são os grupos das etnias que são responsáveis pelos serviços e eventos nestes espaços, um maior envolvimento da comunidade poderia trazer mais legitimidade aos parques.

No entanto, outro ponto que poderia fazer com que mais pessoas considerassem a experiência da aprendizagem, seria a educação ambiental e a pesquisa científica nos parques, mas estes ocorrem em pequena escala, com ações pontuais. (GÂNDARA; ALBACH; VIEIRA, 2008).

O último aspecto avaliado pelos turistas foi o de evasão. Visto que ele pode ser considerado o oposto da contemplação é cabível que tenha ficado em último, pois a contemplação foi a experiência considerada mais importante durante a visita aos parques. Estes dois aspectos são considerados opostos, pois a contemplação é um elemento passivo da experiência enquanto a evasão é completamente ativo (PINE II; GILMORE, 1999). Eles podem ser opostos, mas não são excludentes e podem ser complementares.

A pouca quantidade de opções de atividades mais ativas nos parques de Curitiba, pode fazer com que a experiência de alguns visitantes não seja completa, visto que o turista deseja ser o personagem da sua própria viagem (GÂNDARA, 2009) e nada melhor para isso do que atividades de evasão, nas quais ele pode fugir do cotidiano ao assumir outras características que não realiza no seu dia-a-dia.

No entanto, em alguns parques isso se apresenta diferente, como ocorre na Bosque Zaninelli/Unilivre, na qual a evasão ficou antes do aprendizado e no Bosque Alemão, onde tiveram a mesma porcentagem. Já no São Lourenço a aprendizagem recebeu 60% das respostas referentes à experiência menos importante, enquanto a evasão obteve 40% delas, o que demonstra que os entrevistados não consideraram que haja elementos referentes à aprendizagem, apesar de o parque possuir um Centro de Criatividade. Aqui se faz necessário uma explicação, de todos os parques pesquisados, o São Lourenço foi o qual a pesquisadora obteve maior dificuldade de encontrar turistas no local. Um dos motivos pode ser que a divulgação deste não consiga

atrair os visitantes, ou que haja poucas opções do que fazer neste parque, ou ainda que o Centro de Criatividade não se destine ao que realmente poderia para atrair mais visitantes.

Com estas informações pode-se afirmar que a principal experiência nos parques de Curitiba é a de contemplação, e em segundo lugar a de entretenimento. As outras duas, aprendizagem e evasão, receberam menos referências, no entanto, em praticamente todos os parques as quatro experiências foram marcadas, demonstrando que há possibilidade de realizá-las, estando a critério do visitante. Talvez falem mais opções, mas a princípio pode-se considerar que há os quatro domínios nos parques, domínios esses que são “compatíveis, que com frequência se misturam para proporcionar encontros pessoais únicos”. (PINE II; GILMORE, p. 41, 1999). Outro ponto a ser realçado diz que na atualidade os destinos turísticos são experiências mais que características ou atributos (GAETA, 2010), reforçando a importância das experiências na atividade turística.

7.1.2 Questão sobre o espaço

A outra questão se referia ao que os entrevistados consideravam mais importante em relação ao espaço, utilizando os elementos trabalhados por Santos (1985) - processo, função, estrutura e forma - em um parque como o que ele havia visitado. Apesar de a análise do espaço necessariamente ser feita em conjunto, a separação destes quatro itens para avaliação dos turistas se mostra relevante para analisar qual é a percepção do espaço do parque que eles possuem.

Como critério para simplificar a questão, utilizou-se na forma o significado de distribuição espacial dos elementos do parque, apesar de se saber que na análise de Santos (1985) a forma é mais ampla, alcançando a percepção visual do espaço.

Na análise geral (GRÁFICO 7) pode-se perceber que a característica mais importante é o processo, ou seja, a história, o meio ambiente e a

sociedade representados no parque. Confirmando a citação de Negt⁸ (2002, citado por RECHIA, 2003) que é no espaço público que a cultura se desenvolve. Corrêa (2004) afirma que o espaço urbano é um reflexo da sociedade, e esses pontos são percebidos pelos visitantes desses locais.

O segundo item melhor avaliado foi a estrutura, a qualidade da infraestrutura e equipamentos existentes no parque. A maioria dos parques de Curitiba foi criada para conservação da natureza, mas possuem equipamentos e construções que se tornaram conhecidos em todo país, e isto se reflete neste item, que a estrutura do parque é o segundo componente mais importante na visão dos turistas.

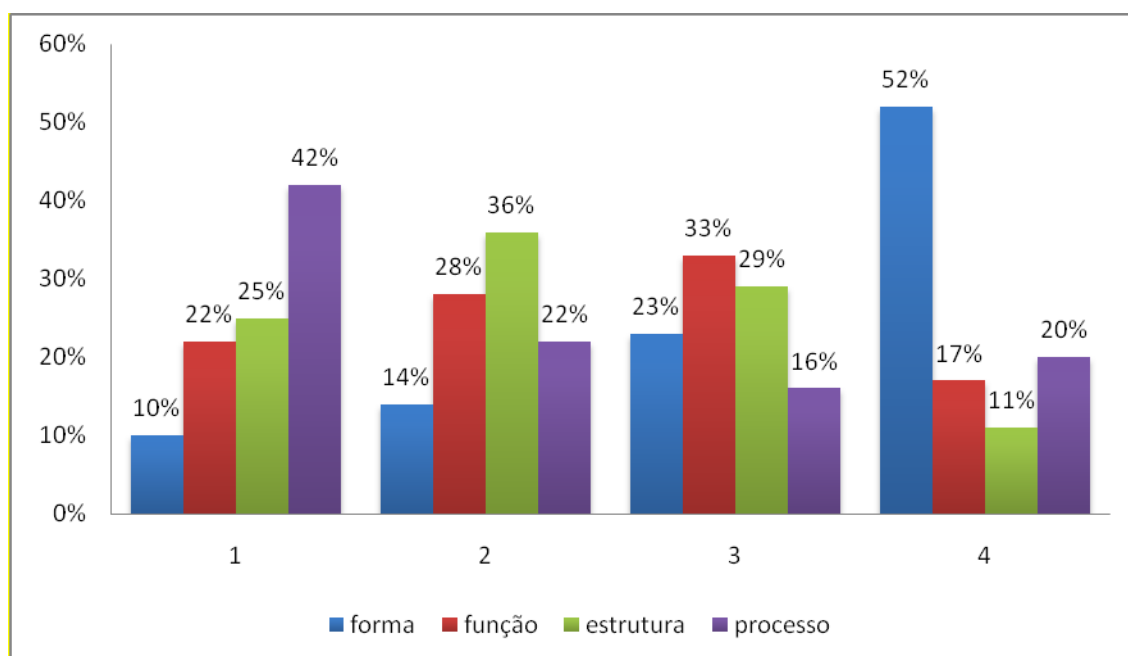


GRÁFICO 7 – ESPAÇO
FONTE: A autora (2013).

O terceiro aspecto foi a função do parque, ou seja, ser um local de encontro, lazer, conservação ou prática de esportes, o que pode levar a considerar que os visitantes dos parques de Curitiba não dão muita relevância para qual a função do parque visitado, mas para o que ele oferece de estrutura e natureza.

E, por último, os entrevistados colocaram a forma do parque, que aqui foi trabalhada como a distribuição espacial dos elementos, o que foi considerado

⁸NEGT. O. Espaço Público e experiência. In Pallamin, V. M.; Ludemann, M. (coord) **Cidade e cultura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

de pouca relevância pelos turistas que elencaram a existência e qualidade destes elementos como os aspectos mais importantes.

Esta questão se diferenciou das outras pela maior proximidade dos aspectos, sendo que apenas no número quatro a forma assumiu uma diferença maior do que 30% dos outros itens.

Alguns parques tiveram diferenças do geral (GRÁFICO 8), como o Tanguá, no qual a estrutura foi a principal característica que os turistas consideraram, provavelmente pelo parque possuir um grande espaço de visitação e não ser, como em outros, referente à alguma questão cultural.

No Barigui e no São Lourenço foi a função do parque, ou seja, ser um local de encontro, lazer, conservação ou prática de esportes o que os visitantes consideraram o mais importante. Mais uma vez, isso pode decorrer do fato de estes serem parques muito utilizados pela comunidade local e isso se reflete na visão dos turistas sobre eles.

No Bosque Zaninelli/Unilivre as características de processo e função ficaram bem próximas na primeira colocação, ressaltando que, para os turistas, a história e sociedade representadas no parque e este ser um espaço de encontro, lazer e conservação são características marcantes do local.

E no Bosque João Paulo II e no Tingui houve grande relevância para o item processo, principalmente por estes serem parques com apelo cultural, este item era o que melhor encaixa para os seus visitantes. Estes dois parques tiveram, em praticamente todas as questões, muita proximidade nas respostas, apesar de possuírem algumas diferenças, visto que o Tingui é um parque maior e mais afastado do centro e o Bosque João Paulo II possui pouca área, os dois, para os turistas que os visitaram, possuem as mesmas características marcantes, que estão relacionadas à questão cultural das etnias que os parques representam.

Ao considerar-se que os parques são patrimônio de uma cidade (SCIFONI, 2010) e que área verde cidadina também faz parte da vida, do cotidiano e da história da população e sua identidade cultural (KAICK, 2007),

reforça-se esta questão que considerou o processo, assim sendo, a história e a sociedade representadas no parque o aspecto mais importante.

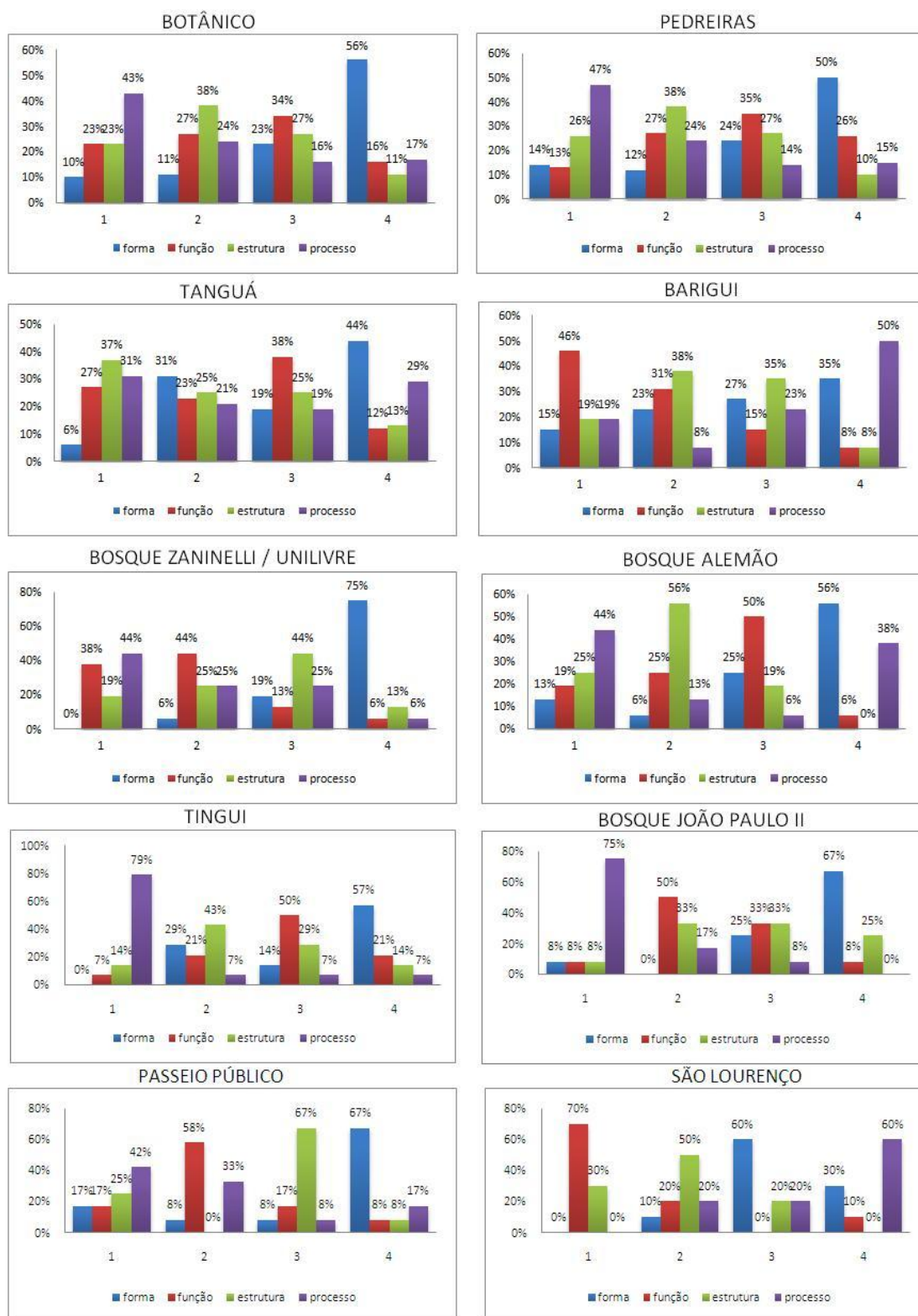


GRÁFICO 8 – ESPAÇO POR PARQUE
FONTE: A autora (2013).

Já o segundo ponto mais relevante em grande parte dos parques foi a estrutura deles. Apenas no Tanguá a segunda posição ficou para a forma do parque e no Passeio Público, Bosque João Paulo II e Bosque Zaninelli/Unilivre foi a função deste.

O terceiro ponto considerado foi a função do parque, exceto no Barigui e Bosque Zaninelli/Unilivre que foi a estrutura e no São Lourenço que foi a forma do parque. Já no Bosque João Paulo II a função e a estrutura tiveram a mesma quantidade de respostas.

Por fim, o que foi considerado menos importante foi a forma, ou seja, a distribuição espacial dos equipamentos do parque, com exceção dos parques Barigui e São Lourenço que tiveram o processo em último lugar, o que pode indicar que nestes dois locais os turistas não visualizaram a história e sociedade representadas no parque.

Nesta questão, buscou-se descobrir qual era a percepção do turista em relação ao espaço do parque, tendo em vista que a percepção é uma simplificação das informações e experiências que os turistas têm em relação ao destino (GÂNDARA, 2007), percebe-se que os dados coletados são a visão do turista, não necessariamente a distribuição do espaço em Curitiba. Contudo a visão do turista é importante para descobrir como os componentes do espaço são percebidos e o que é considerado mais importante em locais como os parques.

Por meio destas análises, é possível perceber que o aspecto do espaço do parque mais percebido pelos turistas é o processo, principalmente a parte relacionada à história e cultura do município que está presente em vários destes locais. Em seguida aparece a estrutura do parque, a inter-relação das partes, as construções e a qualidade da estrutura. O terceiro item na ordem de importância foi a função do parque, para que ele serve não foi considerado um aspecto relevante. E o último, a forma do parque, a distribuição espacial dos elementos que foi considerado o ponto menos importante do parque pelos turistas.

7.1.3 Questão sobre a função do parque

Outra questão referia-se a qual função o entrevistado julgava que o parque possuía. As alternativas davam conta de quatro funções encontradas na bibliografia que são: conservação da natureza, espaço de socialização, metáfora da natureza e espaço de conflitos. (SILVA, 2003). Na análise dos parques em conjunto é possível perceber (GRÁFICO 9) que a principal função é a de conservação da natureza com 47% dos turistas o considerando o primeiro item, seguido de 35% dos que consideraram a metáfora da natureza como o mais importante.

Ao se analisar a definição de parque de Kliass (1993), que coloca estes como espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, se faz coerente que a principal função do parque para os turistas esteja ligada à natureza, a conservação ou ser um espaço para desfrutá-la no meio urbano.

A segunda função em ordem de importância para os entrevistados foi a metáfora da natureza, pois os turistas julgavam que os parques eram locais para desfrutar a natureza na cidade. Como colocado anteriormente, com as transformações ocorridas nas cidades, a busca pelo contato com a natureza aumentou. (KLIASS, 1993).

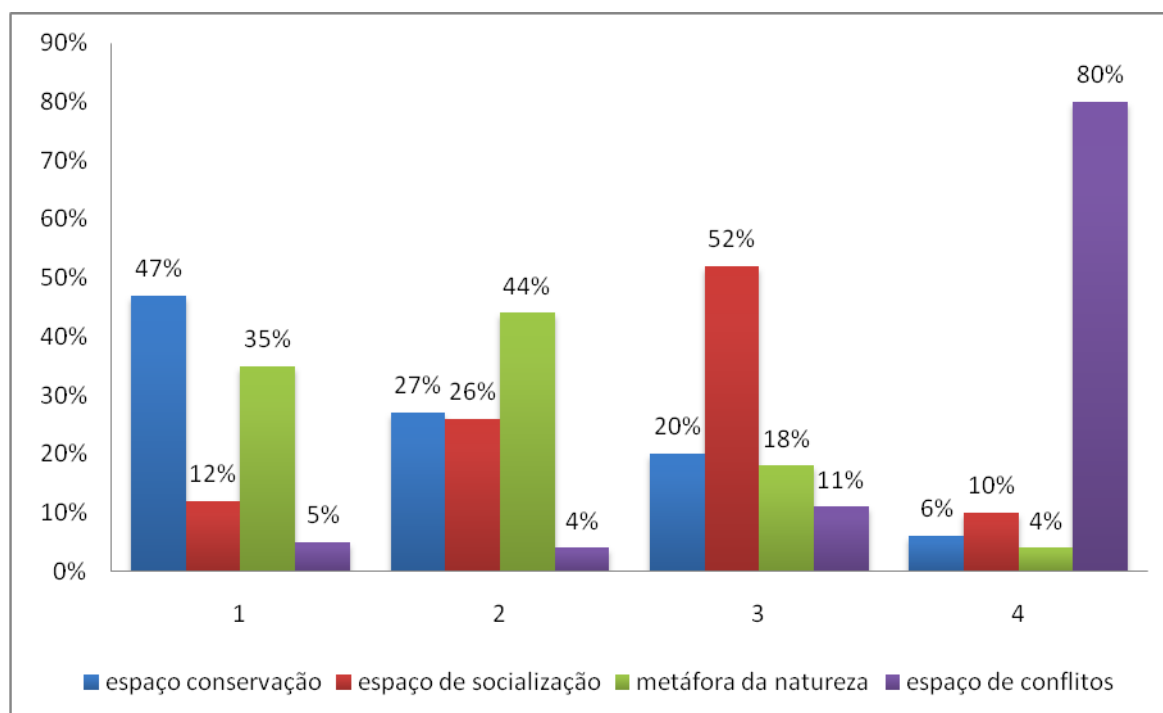


GRÁFICO 9 – FUNÇÃO DO PARQUE
FONTE: A autora (2013).

Em terceiro lugar ficou o espaço de socialização, o que pode demonstrar que a maioria dos entrevistados não se importava muito com o fato de encontrar e se relacionar com outras pessoas, mas com a apreciação do local visitado.

Por último, os turistas elencaram o parque como um espaço de conflitos, com 80% das respostas. Isso demonstra que eles não notaram conflitos entre os usuários ou conflitos do parque com os seus arredores. Apesar de os parques no meio urbano serem utilizados por pessoas de comunidades diversas (SILVA; SOUZA, 2011) e que alguns autores os consideram capazes de aumentar o consumo e valorizar o solo urbano (SERPA, 2007), estes não são aspectos considerados relevantes para os turistas.

Ao considerar os parques singularmente (GRÁFICO 10) tem-se que a conservação da natureza é considerada a principal função na maioria dos parques pesquisados. Os itens espaço de conservação e metáfora da natureza se aproximam como o primeiro aspecto avaliado pelos turistas nos parques Tanguá, Pedreiras e Bosque Alemão.

Se analisar que a finalidade dos parques foi atender as necessidades de lazer e recreação e também de serem espaços amenizadores das estruturas urbanas (KLIASS, 1993; FEIBER, 2004), ou seja, espaços para fugir do concreto e da agitação das grandes cidades, a natureza realmente se torna o ponto principal desses espaços.

Já nos parques Tingui e Bosque João Paulo II a metáfora da natureza foi a função primordial para a maioria dos entrevistados, apesar de que durante a pesquisa muitos afirmaram que faltava uma opção de resposta que enquadrasse um parque que além da natureza tem características da cultura e história local. Isso pode representar que a função de alguns parques em Curitiba é diferente do restante do país, pois alia as questões naturais e histórico-culturais.

Em grande parte dos estudos sobre parques urbanos, a função destes é primordialmente descrita como sendo ecológica e estética (GUZZO, 1999) ou como forma de atenuar os problemas urbanos (LOBODA; DE ANGELIS, 2005), não são muitas as referências a respeito destes locais também possibilitarem a

valorização cultural, o que evidencia a particularidade destes espaços em Curitiba, há o caso de parques temáticos e étnicos, mas não são tão próximos dos modelos dos parques trabalhados.

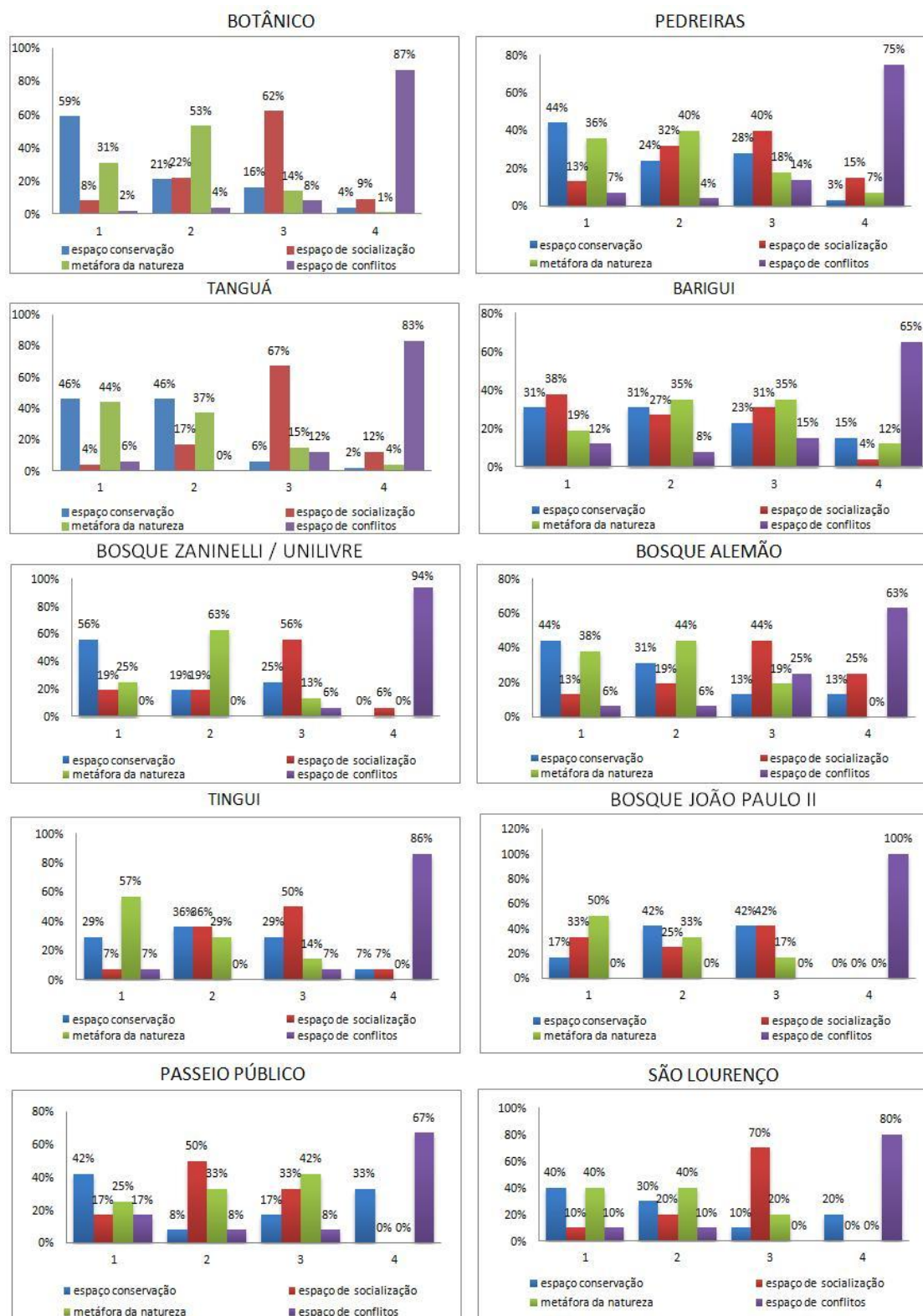


GRÁFICO 10 – FUNÇÃO POR PARQUE
FONTE: A autora (2013).

O segundo ponto avaliado como o mais importante foi em seis parques a metáfora da natureza ou a natureza espetáculo, os que diferenciaram foram o Tingui no qual espaço de socialização e conservação ficaram empatados. No Passeio Público o espaço de socialização foi a segunda função na opinião dos turistas, muito provavelmente por ser uma área central na cidade, a qual muitas pessoas, moradores e turistas, visitam.

Os seres humanos necessitam do contato com a natureza e nas grandes cidades os parques são os espaços que tentam suprir essa necessidade, são os locais onde é possível aproveitá-la no meio urbano. (ALMEIDA, 2012; KLIASS, 1993; SILVA; EGLER, 2002).

O Parque Tanguá e Bosque João Paulo II tiveram o espaço de conservação como a segunda função mais importante, sendo que no Tanguá o espaço de conservação foi considerado a primeira e a segunda função.

O terceiro aspecto melhor avaliado foi, em grande parte, o parque ser um espaço de encontro, local para as pessoas se relacionarem. Exceto no Barigui e Passeio Público, onde o terceiro item foi a metáfora da natureza, o que representa que esses locais não foram considerados para apreciar a natureza na cidade, mas como locais de encontro. E no Bosque João Paulo II, o espaço de conservação e socialização ficaram empatados na terceira colocação.

O espaço de socialização não representou para os turistas um dos aspectos mais relevantes do parque, no entanto isso pode ser diferente quando se trata da comunidade local. Deve-se ter em mente que esses espaços não foram planejados para o turismo, mas para os habitantes da localidade (KAICK *et al.*, 2006) e isso precisa ser levado em consideração durante o planejamento destes espaços, pois como afirma Acerenza (2002), o planejamento público deve primar pelo bem estar e satisfação da população.

A função considerada menos importante em todos os parques foi deles serem um espaço de conflitos. Por exemplo, no Bosque João Paulo II, 100% dos entrevistados consideraram esta função como a última em importância. Apenas nos parques Barigui, Alemão e Passeio Público que o índice esteve abaixo dos 70%. O que pode ser um indicativo de que os visitantes perceberam

nestes locais grupos de usuários diversos, ou que o parque foi capaz de transformar seus arredores. Conforme Knafo (1999), os conflitos nos lugares turísticos se originam das diferenças de territorialidade, no entanto nos parques de Curitiba essas diferenças não foram notadas pelos visitantes.

Com estas informações, tem-se que a função dos parques urbanos de Curitiba para os turistas que os visitam está diretamente relacionada com a natureza, visto que para eles a conservação e a metáfora da natureza são os mais citados. Em seguida aparece a função de socialização, demonstrando que os turistas não percebem a maioria destes locais como espaços para encontrar e se relacionar com outras pessoas. E a função que praticamente não existe para os turistas, pois foi quase sempre colocada em último lugar, é o espaço de conflitos, que é algo não percebido pelos visitantes dos parques.

7.2 CRUZAMENTOS ENTRE AS QUESTÕES DE IMPORTÂNCIA E AS QUESTÕES REFERENTES AO PARQUE

Como há infinitas possibilidades de cruzamentos de dados, optou-se por realizar aqueles que poderiam melhor fundamentar este trabalho. Para tanto, foi feito o cruzamento das questões de importância com quem selecionou cada alternativa como a mais importante com as questões referentes ao parque – que atividades realizou, o que mais e menos gostou.

7.2.1 Questão sobre a experiência

Das 301 pessoas que responderam que a experiência mais representativa que tiveram no parque foi relacionada com a *contemplação*, 88% delas afirmaram que a principal atividade que desenvolveram foi um passeio ou caminhada pelo parque e 42% das pessoas afirmam que realizaram contemplação no parque (TABELA 23). Como esta era uma pergunta com possibilidade de várias respostas, o valor absoluto é maior que 100%.

TABELA 23 – EXPERIÊNCIA CONTEMPLAÇÃO E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	88%
Contemplação	42%
Fotografia	9%
Visita a espaços culturais	5%
Compras de produtos artesanais	5%
Esportes	1%
Outros	1%
Total	151%

FONTE: A autora (2013).

Destes que consideram a contemplação a experiência mais relevante, 97 responderam que o que mais gostaram nos parques foi a natureza, seguido de arquitetura e paisagem (TABELA 24), mostrando que o que eles visualizaram foi o que mais os marcou.

TABELA 24 – EXPERIÊNCIA CONTEMPLAÇÃO E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	32%
Arquitetura/Construções/estrutura	21%
Paisagem	19%
Beleza do local	9%
Tudo	8%
Espaços são bem cuidados	6%
Tranquilidade/paz	2%
Pessoas	2%
História	1%
Outros	12%
Total	112%

FONTE: A autora (2013).

Como visto anteriormente, os parques são “espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação” (KLIASS, 1993, p. 19) o que reafirma a característica mais marcante dos parques para os turistas, a natureza.

As criações de referenciais arquitetônicos nos parques, como a estufa do Jardim Botânico e a Ópera de Arame no Parque das Pedreiras, são muito fortes na imagem de Curitiba. Sánchez (2003) coloca que estas foram obras emblemáticas do período referentes à nova imagem da cidade, a de ‘Capital

Ecológica'. E esses dois elementos foram as principais citações referentes à arquitetura, além da integração da construção com a natureza, também referenciada pelos turistas.

Se considerar que Curitiba é uma das cidades brasileiras que incorporou os efeitos das ações planejadas do seu espaço urbano e obteve um reconhecimento internacional pelas intervenções adotadas (CUSTÓDIO, 2006), esses elementos são realmente o que fica mais fortemente na percepção dos turistas. E, conforme exposto por Toledo e Santos (2012), o parque urbano pode ser considerado um dos ícones do urbanismo moderno, fato que se concretiza em Curitiba.

Ao serem questionados do que menos gostaram no parque, 206 pessoas responderam que não havia alguma coisa da qual não tivessem gostado (TABELA 25).

TABELA 25 – EXPERIÊNCIA CONTEMPLAÇÃO E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	68%
Infraestrutura inadequada	5%
Espaços fechados	5%
Má conservação das instalações	3%
Precariedade da limpeza	3%
Vias e sinalização de acesso deficientes	2%
Equipamentos de lazer insuficientes	2%
Algo relacionado ao clima	2%
Não haver apresentações	2%
Falta de segurança	1%
Atendimento	1%
Outros	8%
Total	102%

FONTE: A autora (2013).

Das 62 pessoas que responderam que a experiência capaz de traduzir sua vivência no parque foi o *entretenimento*, informaram sobre as atividades que realizaram, que estiveram bem próximas do grupo analisado anteriormente (TABELA 26).

TABELA 26 – EXPERIÊNCIA ENTRETENIMENTO E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	92%
Contemplação	40%
Visita a espaços culturais	3%
Compras de produtos artesanais	3%
Esportes	3%
Outros	2%
Total	143%

FONTE: A autora (2013).

Esse grupo de visitantes informou que o que mais gostou no parque (TABELA 27) foi a natureza, a paisagem e a arquitetura, assim como o grupo anterior. E também a afirmação que o que mais gostou foi a manutenção e conservação dos locais, algo que deve ser mantido e melhorado, pois Curitiba consolidou uma imagem de ‘cidade limpa’, que muitas vezes é um dos pontos principais para os turistas (CURITIBA TURISMO, 2010). Para que não frustre as expectativas das pessoas que a visitam a qualidade destes serviços deve-se manter ou ser aprimorada.

TABELA 27 – EXPERIENCIA ENTRETENIMENTO E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	39%
Paisagem	23%
Arquitetura/Construções/estrutura	16%
Espaços são bem cuidados	10%
Tudo	7%
Pessoas	3%
Beleza do local	2%
Outros	3%
Total	103%

FONTE: A autora (2013).

E eles afirmaram que o que menos gostaram no parque foi ‘nada’, seguido de algum aspecto da infraestrutura como falta de banheiros ou lanchonetes (TABELA 28). Em todo caso, são números baixos, assim como os apresentados anteriormente, mas que não devem ser deixados de lado, pois podem revelar algum problema na fase inicial, o que seria mais fácil de resolver.

TABELA 28 – EXPERIÊNCIA ENTRETENIMENTO E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	68%
Infraestrutura inadequada	8%
Algo relacionado ao clima	5%
Vias e sinalização de acesso deficientes	3%
Espaços fechados	3%
Má conservação das instalações	3%
Precariedade da limpeza	3%
Outros	10%
Total	100%

FONTE: A autora (2013).

Pode-se perceber que as experiências mais marcantes modificaram-se, mas as atividades e o que mais e menos gostou se mantiveram constantes nestes dois grupos.

Já os entrevistados que responderam o item mais importante para a *aprendizagem*, realizaram as mesmas atividades citadas anteriormente com a diferença de que há mais referências a visitas a espaços culturais e compras de artesanato e gastronomia local (TABELA 29). Isso revela que pode ser um dos motivos da pessoa considerar que a sua experiência mais marcante foi a aprendizagem, pois a visita a espaços culturais como memoriais e museus e a compra de produtos típicos pode fazer com que o visitante absorva novas informações e adquira conhecimentos que não tinha antes da viagem.

TABELA 29 – EXPERIÊNCIA APRENDIZAGEM E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	72%
Contemplação	47%
Visita a espaços culturais	22%
Fotografias	13%
Compras de produtos artesanais	9%
Total	163 %

FONTE: A autora (2013).

A aprendizagem é um domínio da experiência no qual o indivíduo absorve as informações a sua volta, e o faz de maneira ativa, empregando sua mente e seu corpo nesse processo. Torna-se relevante que os lugares turísticos decidam quais informações deseja que o turista absorva, ou, ainda, quais habilidades desejam que o mesmo exercite durante sua experiência.

Pode envolver tanto a perspectiva sensorial quanto intelectual. (PINE II; GILMORE, 1999).

Ao responderem sobre o que mais gostaram no parque, os entrevistados listaram a natureza como o item principal (TABELA 30), e a referência à arquitetura do parque, sendo o segundo item mais comentado com 31% das respostas. E aqui a história também possui uma porcentagem maior do que nas análises anteriores.

TABELA 30 – EXPERIÊNCIA APRENDIZAGEM E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	41%
Arquitetura/Construções/estrutura	31%
Paisagem	13%
História/cultura	9%
Tudo	9%
Espaços são bem cuidados	3%
Beleza do local	3%
Outros	9%
Total	118%

FONTE: A autora (2013).

Neste grupo de pessoas, 78% disseram que não houve aspecto no parque que as tivesse desagradado, um dos índices mais altos (TABELA 31). Levando a crer que as pessoas que tiveram a experiência de aprendizagem como a mais marcante, estavam mais disponíveis ao que o parque podia lhes acrescentar que não perceberam ou não deram relevância aos possíveis aspectos falhos.

TABELA 31 – EXPERIÊNCIA APRENDIZAGEM E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	78%
Infraestrutura inadequada	6%
Algo relacionado ao clima	3%
Equipamentos de lazer insuficientes	3%
Má conservação das instalações	3%
Precariedade da limpeza	3%
Outros	6%
Total	100%

FONTE: A autora (2013).

E o grupo de entrevistados que respondeu que a principal experiência que teve foi de *evasão*, realizaram atividades como passeio e caminhada na maioria dos casos (TABELA 32). Mas aqui diminui a porcentagem dos que afirmaram que seu passeio foi mais de contemplação e aumenta o número de pessoas que praticaram esportes, sendo que a prática de esportes pode ser considerada uma das facetas da *evasão*. (PINE II; GILMORE, 1999).

TABELA 32 – EXPERIENCIA EVASÃO E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	87%
Contemplação	30%
Esportes	13%
Visita a espaços culturais	4%
Compras de produtos artesanais	4%
Total	138 %

FONTE: A autora (2013).

E o que mais gostaram teve a natureza e a paisagem novamente como as principais e o que diferenciou foi a quantidade de referências à história e cultura e as pessoas no local (TABELA 33). Indicando a possibilidade de este perfil estar mais interessado nestes aspectos do que outros como a arquitetura que comumente apareceu entre os primeiros citados.

TABELA 33 – EXPERIÊNCIA EVASÃO E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	26%
Paisagem	22%
História/cultura	17%
Pessoas	17%
Espços são bem cuidados	13%
Arquitetura/Construções/estrutura	9%
Beleza do local	9%
Tudo	4%
Outros	4%
Total	121%

FONTE: A autora (2013).

E o que menos gostaram também demonstrou uma quantidade maior de pessoas que relataram algum ponto negativo no parque (TABELA 34), indicando uma criticidade maior deste público.

TABELA 34 – EXPERIÊNCIA EVASÃO E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	61%
Infraestrutura inadequada	13%
Vias e sinalização de acesso deficientes	4,5%
Espaços fechados	4,5%
Precariedade da limpeza	4,5%
Outros	13%
Total	100,5%

FONTE: A autora (2013).

Por meio destas análises, é possível perceber que a experiência mais marcante para os turistas é a contemplação, e esses turistas realizaram atividades como passeio e caminhada e contemplação do parque, sendo possível fortalecer as outras atividades referenciadas, visita a espaços culturais e compras de produtos artesanais. Estes turistas mais gostaram da natureza, arquitetura e paisagem do parque. E os aspectos que tiveram mais referências negativas foram o acesso e a infraestrutura inadequada, pontos a serem revistos no planejamento dos parques.

A segunda experiência mais importante foi a de entretenimento. Para o fortalecimento desta experiência se faz necessário a manutenção e melhoria das atividades realizadas: passeio e contemplação. Assim como dos aspectos apontados como os mais positivos: natureza, paisagem, arquitetura e o cuidado dos espaços. Além da melhoria do que foi apontado como um ponto negativo: algum aspecto da infraestrutura.

As outras duas experiências, aprendizagem e evasão, podem ser consideradas como complementares, pois uma experiência memorável se faz com o conjunto dos quatro domínios: contemplação, entretenimento, aprendizagem e evasão. (PINE II; GILMORE, 1999).

7.2.2 Questão sobre o espaço

Na outra questão, os entrevistados deveriam julgar o que consideram mais importante do espaço em um parque como o que estavam visitando e para isso tinham quatro opções: estrutura, processo, função e forma, que foram

apresentadas em sentenças sobre o parque, que podem ser verificadas no questionário no apêndice 1.

Houve 177 pessoas que consideraram o *processo* o item mais relevante no parque. Destas, a maioria informou que as atividades que realizou foram de contemplação e/ou passeio e caminhada pelo parque (TABELA 35). O que se torna mais relevante aqui é a maior porcentagem de pessoas que responderam que visitaram espaços culturais e realizaram compras de artesanato ou gastronomia local. Assim, as pessoas que consideram que a história, a sociedade e o meio ambiente representados no parque são o item mais importante neste, são também os visitantes que mais se interessam por aspectos culturais durante suas visitas aos parques.

TABELA 35 – ESPAÇO – PROCESSO – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	85%
Contemplação	44%
Visita a espaços culturais	12%
Fotografias	9%
Compras de produtos artesanais	7%
Esportes	1%
Total	158%

FONTE: A autora (2013).

Neste mesmo grupo, o que eles mais gostaram foi a natureza, a arquitetura e a paisagem, mas também a história e cultura, a conservação dos espaços e a beleza do local (TABELA 36).

TABELA 36 – ESPAÇO – PROCESSO – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	33%
Arquitetura/Construções/estrutura	22%
Paisagem	19%
História/cultura	8%
Espaços bem cuidados	8%
Beleza do local	7%
Tudo	5%
Pessoas	2%
Outros	15%
Total	119%

FONTE: A autora (2013).

Este ponto se torna relevante, pois confirma o que coloca Siviero (2006) ao afirmar que os parques acompanharam as transformações das cidades e, logo, eles podem ser considerados testemunhos dos valores sociais, econômicos e culturais do espaço urbano. E quando os turistas colocam que o que mais gostaram foram aspectos variados como natureza, arquitetura, paisagem, história, cultura e até as pessoas, ou seja, o conjunto urbano representado no parque, confirmam isso.

E o que eles menos gostaram foram os espaços no parque que estavam fechados ou que não havia apresentações culturais nos locais (TABELA 37), o que pode ser considerado relevante deste grupo, pois se estão mais interessados na história e cultura representadas no parque, esperam que haja mais atrações neste sentido.

TABELA 37 – ESPAÇO – PROCESSO – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	69%
Espaços fechados/sem apresentações	8%
Infraestrutura inadequada	6%
Vias e sinalização de acesso deficientes	3%
Algo relacionado ao clima	3%
Má conservação das instalações	2%
Atendimento	2%
Equipamentos de lazer insuficientes	2%
Precariedade da limpeza	1%
Outros	10%
Total	106%

FONTE: A autora (2013).

Já para 104 pessoas a *estrutura* do parque foi o aspecto mais importante. Destes, as atividades que realizaram (TABELA 38) foi de passeio ou caminhada pelo parque (89%), contemplação (40%), visita a espaços culturais (5%) e compras de produtos artesanais ou gastronômicos (4%).

TABELA 38 – ESPAÇO – ESTRUTURA – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	89%
Contemplação	40%
Fotografias	6%
Visita a espaços culturais	5%
Compras de produtos artesanais	4%
Total	144%

FONTE: A autora (2013).

O que este grupo mais gostou foi da natureza e paisagem (TABELA 39) como os outros apresentados anteriormente, no entanto o que é relevante neste item é a consideração de algum aspecto da estrutura ou arquitetura do local. O que mostra que os aspectos que eles mais gostaram no parque – estrutura e arquitetura – foram o que eles consideraram mais importante no local.

TABELA 39 – ESPAÇO – ESTRUTURA – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	28%
Arquitetura/Construções/estrutura	22%
Paisagem	20%
Beleza do local	10%
Tudo	9%
Espaços bem cuidados	7%
História/cultura	3%
Tranquilidade	2%
Outros	12%
Total	113%

FONTE: A autora (2013).

Outro índice relevante se refere às pessoas que consideraram a beleza do local o que mais gostaram. De acordo com Lynch (1997) a imagem de um lugar pode ser forte o suficiente para se impor na percepção e memória do observador. Sendo que as pessoas gostam do que vêem em Curitiba, elas saem da cidade com uma imagem positiva, e é isso que divulgarão e comentarão com outras pessoas.

E o que menos gostaram, como em todos já apresentados, a maioria não tinha nada que tivesse desgostado no parque (TABELA 40). Neste grupo de usuários o que difere é a porcentagem de quem considerara que havia

precariedade na limpeza dos parques. Este aspecto não teve relevância em nenhum outro grupo trabalhado anteriormente, apenas neste, o que pode ser um indicativo de que as pessoas que consideram a estrutura do parque o aspecto mais importante também são mais exigentes quanto a qualidade e limpeza da estrutura.

TABELA 40 – ESPAÇO – ESTRUTURA – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	65%
Precariedade da limpeza	8%
Infraestrutura inadequada	6%
Espaços fechados	5%
Má conservação das instalações	4%
Muita gente no parque	3%
Algo relacionado ao clima	3%
Poucas lanchonetes	2%
Pouco policiamento	2%
Equipamentos de lazer insuficientes	1%
Falta informações turísticas	1%
Outros	2%
Total	100%

FONTE: A autora (2013).

Houve 93 indivíduos que responderam que o mais importante no parque seria a *função*. Destes, a maior parte realizou um passeio ou caminhada pelo parque e contemplação (TABELA 41). O índice que depois aparece mais alto neste grupo é o de prática de esportes, com 6%. Assim sendo pode-se inferir que como os usuários foram ao parque para realizar alguma atividade física, para eles o mais importante seria que o parque realmente fosse um espaço de prática de esportes, que tivesse essa função.

TABELA 41 – ESPAÇO – FUNÇÃO – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	88%
Contemplação	40%
Esportes	6%
Compras de produtos artesanais	5%
Visita a espaços culturais	2%
Total	141%

FONTE: A autora (2013).

Eles mais gostaram (TABELA 42) da natureza, paisagem e aqui também a arquitetura, estrutura e construções no parque. O segundo aspecto que mais gostaram foi a paisagem, que pode ser percebida por diferentes maneiras, dependendo do modo de cada observador olhar o mundo (SERPA, 2007), mas que nesta pesquisa apareceu como um ponto positivo.

TABELA 42 – ESPAÇO – FUNÇÃO – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	38%
Paisagem	22%
Arquitetura/Construções/estrutura	20%
Tudo	6%
Beleza do local	5%
Espaços bem cuidados	4%
Pessoas	4%
História	1%
Outros	17%
Total	117%

FONTE: A autora (2013).

Outro índice relevante é a porcentagem de pessoas que disse que gostou de tudo no parque, 6%. Neste grupo aparece também o item ‘pessoas’, que não recebeu muitas considerações anteriormente, então pode-se entender que, aqueles para os quais a função do parque é ser um local de encontro, lazer ou conservação é o aspecto mais importante, são os indivíduos que reparam mais na participação de outras pessoas no parque.

As respostas do que menos gostaram, como em todos os grupos analisados foi o item ‘nada’, com índices menores de pessoas que reclamaram de algo da infraestrutura ou conservação das instalações e espaços fechados (TABELA 43).

TABELA 43 – ESPAÇO – FUNÇÃO – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	71%
Infraestrutura inadequada	8%
Má conservação das instalações	4%
Espaços fechados	4%
Algo relacionado ao clima	2%
Poucas lanchonetes	2%
Vias e sinalização de acesso deficientes	2%
Equipamentos de lazer insuficientes	1%
Precariedade da limpeza	1%
Outros	6%
Total	101%

FONTE: A autora (2013).

Por último, houve um grupo que considerou a *forma* do parque seu aspecto mais importante. Estes realizaram passeio/caminhada, contemplação, fotografia e somente uma pessoa informou que fez compras de artesanato (TABELA 44).

TABELA 44 – ESPAÇO – FORMA – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	88%
Contemplação	35%
Fotografias	16%
Compras de produtos artesanais	2%
Total	141%

FONTE: A autora (2013).

Sobre o que mais gostaram no parque, novamente a natureza esteve em primeiro lugar, e algum aspecto da estrutura do local e tudo no parque apareceram com várias indicações (TABELA 45).

TABELA 45 – ESPAÇO – FORMA – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	33%
Arquitetura/Construções/estrutura	26%
Tudo	12%
Paisagem	9%
Beleza do local	7%
Espaços bem cuidados	7%
Animais	7%
Tranquilidade	2%
Total	103%

FONTE: A autora (2013).

A maioria respondeu que não teve nada que desgostou no parque (67%), seguido de 5% que achou a infraestrutura inadequada e 5% que reclamaram dos espaços que estavam fechados nos parques (TABELA 46).

TABELA 46 – ESPAÇO – FORMA – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	67%
Infraestrutura inadequada	5%
Espaços fechados	5%
Algo relacionado ao clima	5%
Poucos sanitários	5%
Vias e sinalização de acesso deficientes	2%
Equipamentos de lazer insuficientes	2%
Outros	9%
Total	100%

FONTE: A autora (2013).

Assim, com estes cruzamentos é possível perceber que os turistas consideram mais importantes o processo e a estrutura do parque e eles realizam atividades como passeio, caminhada e contemplação nestes locais. Os que responderam processo destacaram a visita a espaços culturais e compras de artesanato e os que consideraram a estrutura ressaltaram também tirar fotografia nos locais. O que precisa ser revisto para os turistas são os espaços fechados e a infraestrutura, além da limpeza para os que disseram a estrutura.

Os outros dois componentes do espaço não foram considerados muito relevantes para os turistas entrevistados. Uma das suposições é de que eles não observaram estes aspectos no parque, ou que realmente os outros componentes eram mais relevantes naquele ambiente.

7.2.3 Questão sobre a função

A outra questão, referente a qual era a função do parque, teve 198 pessoas que responderam que o principal papel do local que estavam visitando seria de *conservação da natureza*. Estes turistas realizaram diversas atividades (TABELA 47).

TABELA 47 – FUNÇÃO – CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	91%
Contemplação	38%
Visita a espaços culturais	6%
Fotografias	6%
Compras de produtos artesanais	5%
Esportes	2%
Total	148 %

FONTE: A autora (2013).

E o que mais gostaram no parque foi a natureza, seguido da paisagem e outros aspectos relacionados à natureza do parque, como os animais e a integração das construções com o ambiente natural (TABELA 48).

TABELA 48 – FUNÇÃO – CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	37%
Paisagem	18%
Arquitetura/Construções/estrutura	14%
Outros aspectos da natureza	11%
Tudo	10%
Espaços são bem cuidados	7%
Beleza do local	6%
Pessoas	2%
Outros	8%
Total	108%

FONTE: A autora (2013).

A natureza se torna o aspecto mais relevante no parque, visto que a maioria dos visitantes a consideram o que mais gostaram naquele local. Cabe salientar que o parque urbano consegue manter suas características principais, mesmo diante das transformações ocorridas ao seu redor (FEIBER, 2004). Ou seja, apesar do crescimento da cidade, esses espaços se mantêm como locais de contato com a natureza.

Assim como coloca Gândara (2003), ao afirmar que o fato de Curitiba ser uma cidade planejada e o resultado deste planejamento ser a qualidade de vida da população local fez com que a imagem de qualidade ambiental tenha se transformado no principal atrativo turístico da cidade. E isso se comprova

quando em todos os cruzamentos o que os turistas mais gostaram no parque foi da natureza.

Já na pergunta sobre o que menos gostaram este grupo de entrevistados disse ‘nada’ em 69% das respostas (TABELA 49). Para 6% a infraestrutura inadequada foi o item que mais desagradou e a decepção por alguns espaços no parque estarem fechados obteve 5% das respostas.

TABELA 49 – FUNÇÃO – CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	69%
Infraestrutura inadequada	6%
Espaços fechados	5%
Precariedade da limpeza	4%
Má conservação das instalações	3%
Algo relacionado ao clima	3%
Equipamentos de lazer insuficientes	2%
Atendimento	2%
Não ter apresentação	2%
Poucos sanitários	2%
Vias e sinalização de acesso deficientes	2%
Outros	4%
Total	104%

FONTE: A autora (2013).

Já dos 146 indivíduos que responderam que a principal função do parque era a *metáfora da natureza*, ou seja, ser um local de espetáculo da natureza na cidade, onde é possível aproveitá-la no meio urbano, afirmaram que realizaram como atividades no parque visitado, passeio e caminhada, contemplação, tiraram fotografias, entre outros (TABELA 50).

TABELA 50 – FUNÇÃO – METÁFORA DA NATUREZA – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	84%
Contemplação	43%
Fotografias	13%
Visita a espaços culturais	9%
Compras de produtos artesanais	7%
Esportes	1%
Total	157%

FONTE: A autora (2013).

Este grupo de visitantes mais gostou da natureza (27%) e da paisagem (22%), com os outros aspectos com porcentagens mais baixas (TABELA 51).

TABELA 51 – FUNÇÃO – METÁFORA DA NATUREZA – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	27%
Paisagem	22%
Arquitetura/Construções/estrutura	14%
Outros aspectos da natureza	11%
História/cultura	10%
Beleza do local	9%
Espaços são bem cuidados	8%
Tudo	5%
Tranquilidade	3%
Outros	7%
Total	116%

FONTE: A autora (2013).

Neste ponto, percebe-se a importância da natureza para estes indivíduos, pois pode ser considerado a natureza (27%), a paisagem, (22%) e outros aspectos da natureza (11%), todos relacionados com o meio natural, ou seja, são 60% do que os entrevistados mais gostaram.

Novamente pode ser analisado segundo a necessidade de contato do ser humano com o ambiente natural (ALMEIDA, 2012), visto que a maioria dos turistas procede de cidades grandes, provavelmente seu contato com ambientes naturais seja reduzido, fazendo com que dêem mais importância e valorizem estes aspectos.

E do item o que menos gostou, a maioria também disse que nenhum ponto no parque desagradou, sendo que os aspectos negativos mais comentados foram a infraestrutura inadequada e algum aspecto do clima, ambos com 5% (TABELA 52).

TABELA 52 – FUNÇÃO – METÁFORA DA NATUREZA – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	67%
Infraestrutura inadequada	5%
Algo relacionado ao clima	5%
Espaços fechados	3%
Precariedade da limpeza	3%
Má conservação das instalações	3%
Quantidade ou qualidade das lanchonetes	3%
Equipamentos de lazer insuficientes	2%
Não haver apresentação	2%
Outros	10%
Total	103%

FONTE: A autora (2013).

Os aspectos relacionados ao clima variavam de pessoas que reclamavam que estava muito quente, que choveu, que tinha muito sol ou que não estava vestida de acordo com a temperatura que fazia na cidade. Cabe ressaltar que Curitiba é uma cidade conhecida por ter clima mais ameno, mas durante esta pesquisa a cidade estava com temperaturas elevadas, o que pode ter gerado nos turistas uma situação diferente da que eles estavam esperando. Há estudos que comprovam que a temperatura média anual na cidade está subindo gradativamente. (ROSSI et al., 2009). Os autores apresentam que no ano de 1999 a temperatura média de janeiro foi de 20,8o C, em 2000 foi de 20,9o C, já em 2006 foi mais alta, 22,7o C e no ano seguinte 21,5o C. (ROSSI et al., 2009). O que pode comprovar a elevação da temperatura e o desconforto causado, visto que o clima é capaz de influenciar o ser humano em diversos fatores, como saúde, conforto, emoção, entre outros. (ROSSI; KRÜGER, 2005).

Outro grupo de entrevistados foi o dos que responderam que a principal função do parque era de *socialização*, afirmaram que as atividades que realizaram foram diversas (TABELA 53).

TABELA 53 – FUNÇÃO – SOCIALIZAÇÃO – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	78%
Contemplação	43%
Fotografias	8%
Visita a espaços culturais	8%
Compras de produtos artesanais	6%
Esportes	4%
Total	147%

FONTE: A autora (2013).

O que mais gostaram foram os mesmos aspectos apresentados anteriormente, entretanto com um índice elevado de história e cultura (TABELA 54).

TABELA 54 – FUNÇÃO – SOCIALIZAÇÃO – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Natureza	35%
Arquitetura/Construções/estrutura	25%
História/cultura	20%
Paisagem	18%
Tudo	10%
Beleza do local	8%
Espços são bem cuidados	8%
Total	124%

FONTE: A autora (2013).

A história e cultura no parque foram mais referenciadas neste grupo, talvez porque não havia uma opção que dissesse que a função do parque fosse de valorização cultural, então as pessoas podem ter considerado a socialização a função que mais se aproximava nos parques relacionados com a questão cultural.

80% deste grupo de entrevistados respondeu que nada no parque o desagradou, o maior índice (TABELA 55). Isto pode indicar que este perfil dos visitantes estava mais disponível a aproveitar o que o parque podia oferecer e não percebeu itens que poderiam ser pontos negativos. Assim como coloca Kaick (2007), isto pode estar relacionado ao fato de que a visita a estes locais é um passeio no qual as pessoas buscam aproveitar o local e se divertir, e neste caso sociabilizar, e não estão propensas a comportamentos críticos.

TABELA 55 – FUNÇÃO – SOCIALIZAÇÃO – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	80%
Infraestrutura inadequada	8%
Má conservação das instalações	2%
Vias e sinalização de acesso deficientes	2%
Outros	10%
Total	102%

FONTE: A autora (2013).

Do total de 418 pessoas entrevistadas, apenas 22 indivíduos consideraram o parque um *espaço de conflitos*, onde foi possível encontrar grupos de usuários diferentes ou que poderia haver conflito entre o parque e seus arredores. Estes responderam que as atividades que realizaram foram de contemplação (64%) e apenas passeio ou caminhada pelo parque (95%) (TABELA 56).

TABELA 56 – FUNÇÃO – ESPAÇO DE CONFLITOS – E ATIVIDADES

Atividades	Percentual
Passeio/Caminhada	95%
Contemplação	64%
Fotografias	5%
Total	164%

FONTE: A autora (2013).

Na pergunta sobre o que mais gostou, houve várias respostas, sendo as principais paisagem, natureza e aspectos da arquitetura (TABELA 57).

TABELA 57 – FUNÇÃO – ESPAÇO DE CONFLITOS – E PONTOS POSITIVOS

Mais gostou	Percentual
Paisagem	41%
Natureza	27%
Arquitetura/Construções/estrutura	14%
Integração da construção com a natureza	9%
Beleza do local	9%
História/cultura	5%
Outros	27%
Total	132%

FONTE: A autora (2013).

Neste ponto o que chama a atenção é o percentual de pessoas que afirmou que o que mais gostou foi a integração da construção com a natureza. Isto advém do modelo de projeto urbano de Curitiba para ambientes públicos, que busca ligar o espaço construído com a natureza. (RECHIA, 2003).

Dos respondentes, 55% disseram que não houve algo que não gostasse no parque (TABELA 58), o menor índice. Neste grupo houve um grande número de outras reclamações, mas com apenas uma indicação para cada, incluem falta de policiamento e informações, muita gente no parque e este ser um espaço muito artificial. O que talvez não sejam reais problemas, pois apenas uma pessoa relatou. O que pode acontecer é uma falha no momento daquela visita ou mesmo a percepção individual, que pode fazer com que a mesma coisa seja vista de modo diferente por cada indivíduo, de acordo com sua vivência pessoal. (SERPA, 2007).

TABELA 58 – FUNÇÃO – ESPAÇO DE CONFLITOS – E PONTOS NEGATIVOS

Menos gostou	Percentual
Nada	55%
Infraestrutura inadequada	9%
Espaços fechados	9%
Má conservação das instalações	5%
Outros	23%
Total	101%

FONTE: A autora (2013).

Após estas análises percebe-se que para os turistas entrevistados a principal função dos parques está relacionada com a natureza, sua conservação ou apreciação. E esses dois grupos são parecidos, realizaram as mesmas atividades e o que mais e menos gostaram possuem índices bem próximos. Isso reafirma a natureza dos parques, que primordialmente estão voltados para a manutenção de áreas verdes na cidade, além de prevenção de enchentes e proporcionar opções de lazer. (MENEZES, 1996; TRINDADE *et al.*, 1997).

O que pode ser feito para o fortalecimento é uma maior atenção aos aspectos da infraestrutura e limpeza, mas também a possibilidade de espaços que estavam fechados ao público serem abertos. Alguns desses espaços

estavam fechados para reforma ou restauração, mas outros não, como era o caso da loja no Bosque Zaninelli/Unilivre ou o Museu e o Jardim das Sensações no Jardim Botânico, que fechavam em períodos que o parque estava aberto, frustrando alguns visitantes.

7.3 ANÁLISE DOS PARQUES SOB A ÓTICA DA ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA NA VISÃO DOS TURISTAS

Como apresentado anteriormente (ver 7.11), a avaliação das atividades existentes no parque e o que os turistas perceberam e realizaram foram diferentes. No campo da contemplação, realmente todos os parques receberam indicações deles. No entretenimento, oito parques foram eleitos pelos turistas como locais nos quais eles se divertiram, gostaram e aproveitaram o passeio. Em sete parques os turistas consideraram que certamente aprenderam alguma coisa. E em oito parques houve referência à evasão (FIGURA 28).

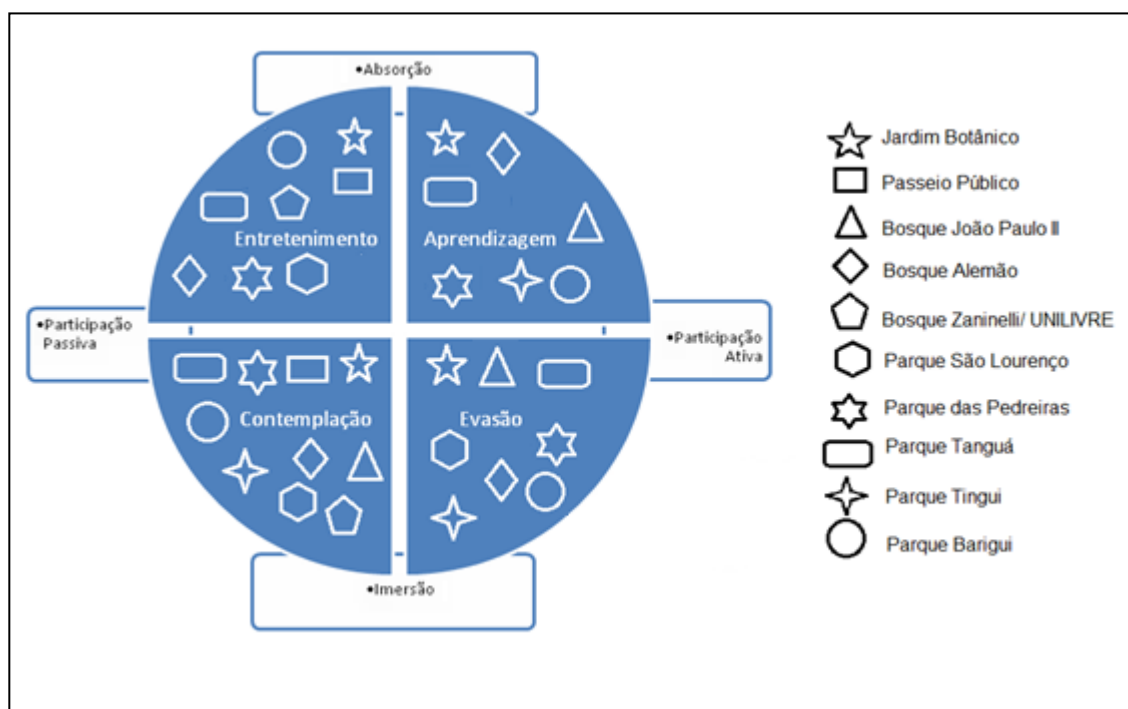


FIGURA 28 – ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA POR PARQUE PELOS TURISTAS
 FONTE: A autora, baseado em PINE II e GILMORE (1999).

Conforme é possível verificar na figura 29 que faz a comparação entre as duas análises, pode-se perceber que nem sempre as atividades verificadas teoricamente são as que os turistas realizam durante sua visita. Talvez por falta

de informação da existência ou mesmo não sendo práticas que estas pessoas teriam interesse em realizar.

Ou ainda, se o indivíduo não estiver disposto a realizar as atividades, elas não surtirão o efeito esperado. Por exemplo, se o turista visitar um memorial em algum dos parques, sem estar interessado em adquirir conhecimento sobre aquela etnia, ele não considerará que teve uma experiência de aprendizagem. Sendo que neste domínio da experiência o indivíduo absorve as informações a sua volta, mas o faz de maneira ativa, empregando sua mente e seu corpo nesse processo. (PINE II; GILMORE, 1999).

Em contrapartida, este turista pode visitar algum parque que tenha sido considerado sem nenhum aspecto de aprendizagem, mas o turista conversou com algum morador, viu alguma cena que tenha feito que ele aprendesse algo sobre a cidade, certamente ele avaliará como tendo experiências relacionadas à aprendizagem. A título de ilustração, durante uma das pesquisas, um entrevistado relatou que em um dos locais que visitou deixou cair um papel no chão e um senhor veio atrás dele reclamando e dizendo que não se devia jogar lixo na rua. O turista, sem saber se aquele era morador ou outro turista, ficou com a imagem de que em Curitiba, o hábito de se jogar o lixo na lixeira deveria ser mantido, ou seja, ele aprendeu algo no destino e, segundo relatou, foi uma experiência marcante.

Para este turista, esta pode ter sido uma característica peculiar da localidade, sendo que, conforme Beni (2004), em muitos casos é isto que o visitante quer ver, experimentar, compartilhar e levar como uma lembrança memorável. Haja vista que a experiência no turismo é uma vivência pessoal que interfere no cotidiano do indivíduo e gera emoções, encantamento, histórias, entre outros. (GÂNDARA, 2011).

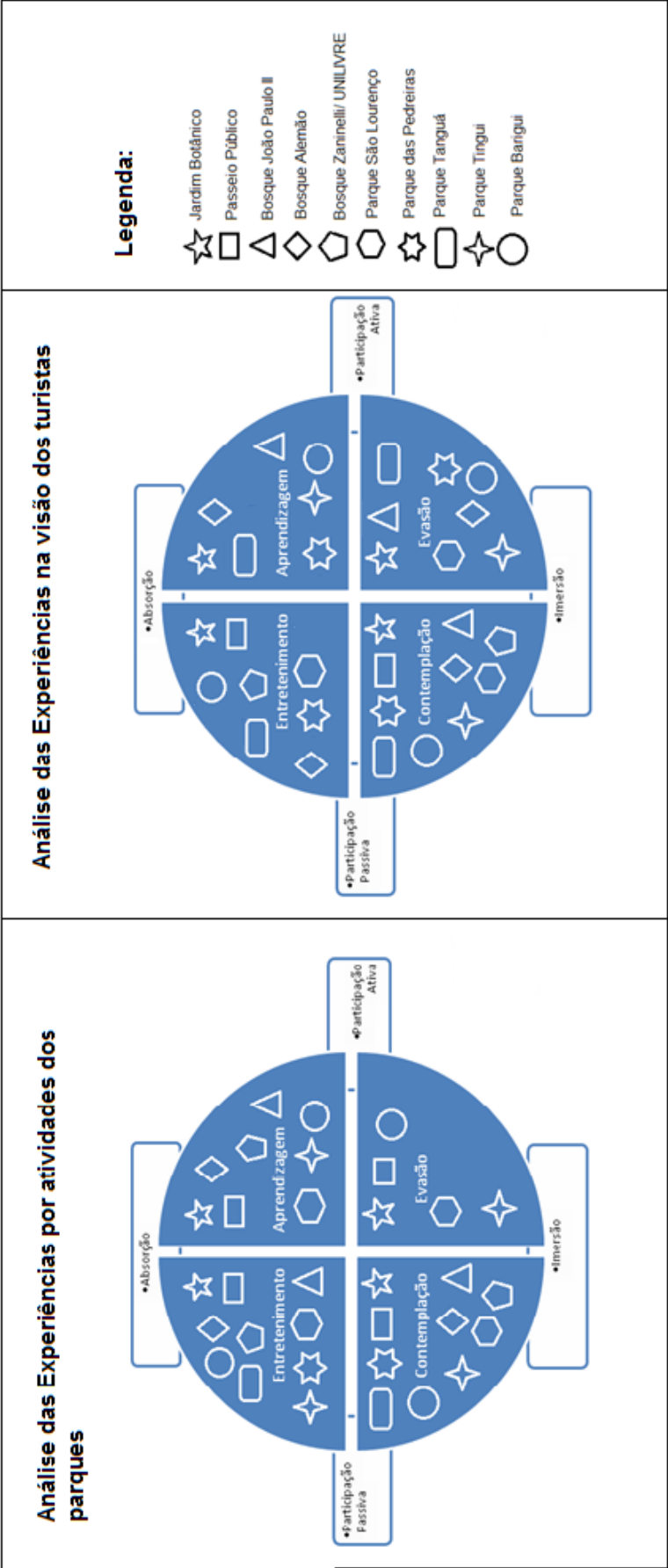


FIGURA 29 – COMPARAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DA EXPERIÊNCIA POR PARQUE
FONTE: A autora, baseado em PINE II e GILMORE (1999).

Por meio das análises realizadas até aqui, percebe-se que um parque urbano, para que possua atratividade turística, precisa apresentar relevantes elementos da natureza, notadamente paisagem e espaços de conservação, assim como representar a história, a cultura e a sociedade na qual está inserido, além de construir elementos que propiciem a contemplação e o entretenimento, fortalecendo aspectos de aprendizagem, seja em espaços culturais ou em educação ambiental e atividades mais ativas, nas quais os turistas possam estar imersos na experiência.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho foram vistos conceitos sobre a cidade e seus espaços. Alguns espaços que em certo momento se transformaram em turísticos. Para o encaminhamento da vida nas cidades o planejamento urbano tem papel fundamental. Assim como deveria ser com o planejamento dos espaços turísticos, que em muitos casos não acontecem.

Um dos espaços no meio urbano capaz de gerar atratividade turística é o parque. Os parques urbanos surgiram na Europa do século XIX em decorrência das modificações econômicas e sociais oriundas da industrialização. Ele possui funções variadas, como conservação da natureza, ser um local de encontro, de prática de esportes, de lazer, local para aproveitar a natureza no meio urbano. Em alguns casos o parque pode gerar conflitos com o seu entorno ou entre seus usuários.

Na realidade atual, os consumidores estão mais ávidos por experiências em suas viagens, eles buscam além do serviço, uma experiência memorável. E para essa experiência ser memorável os quatro domínios: contemplação, entretenimento, evasão e aprendizagem, devem ser considerados.

A cidade de Curitiba é reconhecida por suas intervenções urbanísticas de sucesso. É considerada pioneira no planejamento urbano e conseguiu consolidar uma imagem de cidade ecológica, com qualidade de vida.

É possível perceber essas transformações em espaços públicos, como os parques curitibanos. Estes representam vários aspectos da cidade: a solução para problemas ambientais, a cultura e história local, o modo de tratar o meio natural na cidade.

Os parques estudados nesta pesquisa contemplam os principais atrativos turísticos de Curitiba e representam espaços de conservação da natureza, espaços de história, de cultura, de espetacularização da natureza, espaços de encontro, de recreação, de prática de esportes, de fé e da vida cotidiana da população.

Com esta pesquisa foi possível conhecer quem é o turista que visita esses parques. Há pessoas de todas as regiões da federação, assim como de vários continentes. São pessoas com escolaridade elevada, que estão na cidade por lazer e geralmente viajam com a família. Há indivíduos de idades variadas e uma ligeira predominância de mulheres. Muitos já estiveram na cidade e vários já conheciam o parque que estavam visitando.

Eles passearam e contemplaram o parque e em alguns casos tiraram fotografias, visitaram espaços culturais, compraram produtos artesanais e poucos praticaram esportes.

Foi percebido que a natureza, as construções, a arquitetura e a paisagem são os itens que os turistas mais gostaram nos parques. Houve alguns que disseram que teve alguma coisa que não gostaram, mas esses davam conta da infraestrutura inadequada, algum aspecto do clima, a limpeza ou a má conservação das instalações. A maioria retornaria e recomendaria os parques de Curitiba para outras pessoas.

A problemática da pesquisa, a saber, a falta de conhecimento sobre a experiência dos turistas que visitam os parques de Curitiba, foi sanada, visto que se descobriu que as principais experiências para os turistas foram de contemplação e depois de entretenimento, aprendizagem e evasão.

E a hipótese de que o planejamento urbano de Curitiba delimitou espaços verdes, os parques, que hoje são atrativos turísticos que geram experiências positivas aos turistas que os visitam, foi comprovada no ponto em que as experiências relatadas foram positivas e como visto, o planejamento urbano delimitou esses espaços que se tornaram turísticos.

Também foi possível atingir os objetivos específicos, sendo que o primeiro, caracterizar os parques estudados, foi respondido no levantamento histórico, nos dados gerais dos parques e nas informações específicas deste estudo, os eventos e as experiências correspondentes disponíveis nas tabelas de cada parque.

A relação entre o planejamento urbano e os parques foi possível notar com o estudo dos planos e leis que a cidade estabeleceu. Já o planejamento

turístico é notado apenas no roteiro da Linha Turismo, pois não há ações do órgão de turismo municipal nos parques, apenas em sua divulgação.

Outro objetivo, analisar o perfil dos turistas, foi realizado, sendo possível perceber vários aspectos relevantes para o planejamento da atividade turística nestes espaços.

Também foi possível identificar que os turistas percebem o espaço do parque como a representação da história e sociedade e consideram relevante a infraestrutura existente.

Já sobre a função, o aspecto ambiental foi o mais notado, sendo que os turistas veem os parques como espaços de conservação da natureza, assim como um local para aproveitá-la no meio urbano.

E por fim, foi possível atingir o objetivo geral, ao descobrir-se que a experiência mais marcante foi a de contemplação do parque e, depois, de entretenimento, dois domínios passivos da experiência.

Assim, espera-se ter contribuído para este debate, pois não foi uma jornada fácil. A coleta de dados e informações sobre os parques foi trabalhosa, pois cada um dos equipamentos é de responsabilidade de um órgão da prefeitura. Assim como, a pesquisa de campo foi atribulada, mas também gratificante, pois os turistas geralmente estavam dispostos a colaborar e em muitas vezes se mostravam interessados no tema e desejavam sorte com a pesquisa. Um fator que facilitou este trabalho foi a autora ser servidora de carreira do Instituto Municipal de Turismo e, assim, estar familiarizada com as pesquisas realizadas por este órgão.

Com o que foi visto até aqui, pode-se afirmar que foi possível chegar a conclusão do que é necessário para que um parque tenha atratividade turística: apresentar relevantes elementos da natureza, notadamente paisagem e espaços de conservação, assim como representar a história, a cultura e a sociedade na qual está inserido, além de construir elementos que propiciem a contemplação e o entretenimento, fortalecendo aspectos de aprendizagem, seja em espaços culturais ou em educação ambiental e atividades mais ativas, nas quais os turistas possam estar imersos na experiência.

Apesar de a ideia inicial dos parques de Curitiba ser do lazer contemplativo, é importante que existam opções para turistas em busca de outras atividades. Essas ações podem incluir alguma encenação cultural que os envolva como atores do espetáculo, visto que alguns parques da cidade possuem um memorial em homenagem a determinada etnia. Além da inserção do turista, a apresentação poderia reforçar o aprendizado sobre a história local e fazer com que o visitante, por ao menos um momento, fizesse parte desta história.

Assim como os eventos que ocorrem nos parques podem ser melhor divulgados para que os turistas também possam participar. Um dos itens comentados nas pesquisas que poderia auxiliar na atratividade destes locais, seria que ocorressem apresentações nos espaços culturais. Poderiam ser apresentações programadas, com horários específicos, que fariam com que as pessoas tivessem mais vontade de retornar àqueles espaços.

Certamente esta pesquisa não se encerra em si. Ela é um estudo inicial que deverá se estender para aprofundar os conhecimentos nesta linha de pesquisa. Principalmente pela área de estudo serem as cidades, que envolvem complexas redes e estão em transformação, torna-se imprescindível os estudos direcionados a este tema, visando a melhoria da qualidade de vida tanto dos moradores, quanto dos turistas.

REFERÊNCIAS

- ABASTECIMENTO. **Feiras orgânicas**. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/feiras-feiras-organicas-secretaria-municipal-do-abastecimento/265> Acesso em: 22/03/2012.
- ACERENZA, M. A. **Administração do Turismo**. Trad. Graciela Rabuske Henges. Bauru: EDUSC, 2002.
- ALBACH, V. M. **Panorama da pesquisa em turismo nos mestrados em geografia do Brasil**: o caso do mestrão em geografia da UFPR. Curitiba, 166 f. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, 2010.
- ALEGRIA, M. F.; SILVA, H. P. **Refletindo sobre a dimensão coletivista do Conselho Gestor**. In: II Seminário de Áreas Protegidas e Inclusão Social. Programa EICOS-IP/UFRJ, 2006. Disponível em: <http://www.ivt-rj.net/sapis/2006/pdf/MariaFernandaAlegria.pdf>. Acesso em: 03/03/2012.
- ALMEIDA, A. M. R. de. **A Paisagem do Parque Tingui - Curitiba-PR – e a Presença de Capivara (*Hydrochoerushydrochaeris*, Linnaeus, 1766)**. Curitiba, 88 f. (Mestrado em Engenharia Florestal). Universidade Federal do Paraná, 2012.
- ALMEIDA, M. G. Prefácio In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (orgs.) **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.
- ALMIRÓN, A.; BERTONCELLO, R.; TRONCOSO, C. A. Turismo, Patrimonio y Territorio: una discusión de sus relaciones a partir de casos de Argentina. In: **Estudios y perspectivas en turismo**, Vol. 13, Buenos Aires: CIET, 2004. p. 101-124. Disponível em: <http://www.estudiosenturismo.com.ar/search/PDF/v15n2a01.pdf> Acesso em 15/07/2011.
- ANDRADE, J. V. de. **Gestão em lazer e turismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a.
- ANDRADE, R. V. **O Processo de Produção de Parques e Bosques de Curitiba**. Curitiba, 129 f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, 2001b.

BELEM, A. L. G.; GÂNDARA, J. M. G.. Fragmentos florestais para a criação de parques urbanos no bairro Santa Felicidade, Curitiba, Paraná: uma proposta de incremento ao turismo da região. Revista eletrônica **Ateliê Geográfico**. v. 6. n. 4. Goiânia (GO), 2012. p. 110-136.

BENI, M. C. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência. **Turismo Visão e Ação**, v. 6, n. 3. Balneário Camboriú (SC), 2004. p. 295-305.

BETAT, S. T. **Apropriação dos espaços urbanos pelo turismo**. Estudo do Parque Tanguá Curitiba/Paraná. Curitiba, 150 f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, 2009.

BOBROWSKI, R.; VASHCHENKO, Y.; BIONDI, D. Qualidade Visual da Paisagem do Parque Natural Municipal Tanguá, Curitiba – PR. **REVSBAU**. v. 5, n.2. Piracicaba – SP, 2010. p.19-39.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru: EDUSC, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm> Acesso em: 04 de novembro de 2012.

CARA, R. B. El turismo y los procesos de transformación territorial. In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.) **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1999.

CARLOS, A. F. A. O Turismo e a produção do não lugar. In: YAZIGI, E. *et al.* (Org.) **Turismo**: Espaço, Paisagem e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARRERAS, C. Turismo urbano: El efecto de los megaeventos. In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.) **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1999.

CASSOU, A. C. N. **Características Ambientais, Frequência de Utilização e Nível de Atividade Física dos Usuários de Parques e Praças de Curitiba, PR**. Curitiba, 138 f. Dissertação (mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, 2009.

CASTELNOU NETO, A. M. N. **Ecotopias Urbanas** Imagem e consumo dos parques curitibanos. Curitiba, 470f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná, 2005.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.

COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. **Turismo: princípios e práticas**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SILVA, S. C. B. M. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: Ed. UECE, 2005.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **A Geografia Cultural Brasileira: uma avaliação preliminar**. Revista da ANPEGE. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, v.4, 2008. Disponível em: <<http://www.anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08>>. Acesso em 14 mai. 2011.

CRUZ, R. C. A. **Geografia do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2007.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

CRUZ, R. C. A. O Turismo no espaço – o espaço do turismo: Reflexões acerca da participação do turismo na produção do espaço urbano brasileiro. **Revista RA'E GA**. n. 02. Curitiba: Editora UFPR, 1998. p. 31-41.

CURITIBA. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Plano Diretor**. Curitiba, PR, 2004.

CURITIBA – Prefeitura Municipal, 2011. Linha Turismo de Curitiba completa 21 anos. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/linha-turismo-de-curitiba-completa-21-anos/25190>>. Acesso em: 10 de março de 2012.

_____, 2012. Curitiba terá Pedreira, Ópera de Arame e Parque Náutico renovados com investimentos de R\$ 15 milhões. Disponível em: <

[http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-tera-pedreira-opera-de-arame-e-parque-nautico-renovados-com-investimentos-de-r\\$-15-milhoes/26815](http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-tera-pedreira-opera-de-arame-e-parque-nautico-renovados-com-investimentos-de-r$-15-milhoes/26815)>
Acesso em: 03 de janeiro de 2013.

CURITIBA TURISMO-Instituto Municipal de Turismo. **Relatório da pesquisa de demanda turística**, 2010. *No prelo*.

_____. **Projeto de Pesquisa – Feira do Largo da Ordem**, 2008. *No prelo*.

_____. **Projeto de Pesquisa – Linha Turismo**, 2011. *No prelo*.

_____. 2012. Disponível em <http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/> Acesso em: 10 de julho de 2012.

CUSTÓDIO, R. B. **A Influência das Intervenções Urbanísticas na Atividade Turística da Cidade de Curitiba**. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

DENCKER, A. F. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FCC – Fundação Cultural de Curitiba. Disponível em:
<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/35> Acesso em:
02 de agosto de 2012.

FEIBER, S. D. Áreas Verdes Urbanas Imagem e Uso- O Caso do Passeio Público de Curitiba-PR. **Revista RA'E GA**. n. 08. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p.93-105.

FERRARA, L. D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.

FUREGATO, M. C. H. Orquidário Municipal de Santos: patrimônio santista. **Revista Patrimônio: Lazer e Turismo**. v. 1. Santos (SP). Novembro, 2004.

GAETA, C. Turismo de experiência e novas demandas de formação profissional. *In*: PANOSSO NETO, A.; GAETA, C. (orgs.) **Turismo de experiência**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

GALLERO, A. L. O lugar e o não lugar no turismo. *In*: MOESCH, M. M.; GASTAL, S. **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004

GÂNDARA, J.M.G. La Calidad y la Competitividad de los Destinos Turísticos Urbanos. **Turismo - Visão e Ação** - vol. 6 - n.1. Balneário Camboriú (SC), 2004. p. 69-93.

_____. **La imagen de calidad ambiental urbana como recurso turístico: el caso de Curitiba, Paraná – Brasil**. Tese (Doctorado em Turismo y Desarrollo Sostenible) ULPGC. Las Palmas de Gran Canaria, 2001.

_____. Reflexões sobre o turismo gastronômico *In*: Panosso Netto, A.; Ansarah, M. G. R. S. (editores) **Segmentação do mercado turístico**: estudos, produtos e perspectivas. Barueri: Manole, 2009.

_____. A imagem dos destinos turísticos. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**. nº especial. São Paulo: ECA/USP, 2007. p. 1-22.

_____. Ações comunicativas do destino turístico Curitiba. *In*: REJOWSKI, M.; COSTA; B.K. (org.). **Turismo contemporâneo**: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.

GÂNDARA, J. M. G.; ALBACH, V. M.; VIEIRA, V. B. **A Gestão Responsável de Unidades de Conservação e o Turismo**: Uma Análise Comparativa entre Curitiba e Joinville. SeminTur, 2008. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplV/SeminTur%20posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/semin_tur/arquivos/gt12-03.pdf> Acesso em: 10/02/2012.

GÂNDARA, J. M. G. *et al.* Planificación estratégica de un circuito turístico histórico-cultural experiencial Itabuna, Bahia – Brasil. Revista **Estudios y Perspectivas em Turismo**. Vol. 21. n. 01. Buenos Aires: CIET, 2012. p. 225-248.

_____. Sementes da mata atlântica: conformação do produto cultural para o destino Itacaré – Bahia. **Cultur** Revista de Cultura e Turismo. Ano 05. n. 01/Especial. Ilhéus: UESC, 2011. p. 03-18.

GÂNDARA, J. M. G.; SANCHO, A.; GONZALEZ, P.; SANCHES, C.. **Auditoria de Sustentabilidade de Destinos Turísticos: O Caso de Curitiba**. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003, Caxias do Sul. CDROM. Caxias do Sul: UCS, 2003.

GAZETA DO POVO. **Centro cresceu e virou referência em todo o país**. Curitiba, 06 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=902693>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2012.

_____. **Lugares que amamos**. Curitiba, 02 set. 2012. Caderno Vida Pública. p. 20. 2012a.

_____. **Curitiba vai terceirizar espaços culturais**. Curitiba, 23 maio 2012b. Caderno Vida e Cidadania. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1257679&tit=Curitiba-vai-terceirizar-espacos-culturais>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 5 ed. Rio de Janeiro. Record, 2001.

GUZZO, P. **Estudos dos Espaços Livres de Uso Público da Cidade de Ribeirão Preto/SP**, com detalhamento da Cobertura Vegetal e Áreas Verdes públicas de dois setores urbanos. Dissertação (Mestrado do Instituto de Geociências Exatas). UNESP. Rio Claro, 1999.

HARDT, L. P. A. *et al.* (Coord.). **Plano de Manejo do Parque Barigüi**. Curitiba: ETC, 2007. 413 p. Relatório final.

HARDT, L. P. A. *et al.* (Coord.). **Plano de Manejo do Parque Tingüi**. Curitiba: ETC, 2009. 414 p. Relatório final.

HARDT, L. P. A. **Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana: aplicação a Curitiba – Paraná**. 2000. 323 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2000.

HILDEBRAND, E.; GRAÇA, L. R.; MILANO, M. S.. Distância de deslocamento dos visitantes dos parques urbanos em Curitiba-PR. **Floresta e Ambiente**, v. 8, n. 1, p. 76-83, jan./dez. 2001.

HORODYSKI, G. S.; MANOSSO, F. C.; GANDARA, J. M .G. **A pesquisa narrativa na investigação das experiências turísticas relacionadas ao consumo de souvenirs**: uma abordagem fenomenológica. In: 5º Congresso Latino Americano de Investigação Turística, 2012, São Paulo. anais [do] 5º Congresso Latino-Americano de Investigação Turística. São Paulo: EACH-USP, 2012.

IAP/DIBAP. **Unidades de Conservação Municipais**. 2012. Disponível em: <<http://www.uc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=50>> Acesso em 20/11/2012.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766> Acesso em 01/05/2012.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

INFRAERO. Desembarques Aeroporto de Curitiba [mensagem de trabalho]. Mensagem recebida por: <muemura@turismo.curitiba.pr.gov.br> em 14/02/2012.

IPCC Instituto Pró-Cidadania de Curitiba. Disponível em: <http://ipcc.org.br/conteudo.aspx?id=76>. Acesso em 02 de agosto de 2012.

IPPUC Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.
Desenvolvimento Sustentável: Indicadores de sustentabilidade. Coord. Marília Isfer Ravanello, Curitiba: IPPUC, 2011.

_____. Disponível em <http://www.ippuc.org.br/pensando_a_cidade/index_hist_planej.htm> Acesso em 26/10/2009.

_____. Disponível em <http://ippucweb.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba_em_da_dos_Pesquisa.htm> Acesso em 21/06/2012.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JARDIM BOTÂNICO. 2011. Jardim das Sensações. Disponível em: <<http://jardimbotanicocuritiba.com.br/?p=77>> . Acesso em 07/01/2013.

KAICK, J. A. M., HARDT, L. P., OBA, L. T. **Contribuição dos Parques Urbanos e Áreas Verdes como Atrativos Turísticos em Curitiba – Paraná**. In: Encontro da ANPPAS, III, Brasília /DF, 23 p.p. 1-16, 2006. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro.../TA331-06032006-120013.DOC>>. Acesso em: 23/10/2011.

KAICK, J. A. M. V. **Percepção de Parques e Áreas Similares para a Atratividade do Turismo em Curitiba/PR**. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007.

KLIASS, R.G. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini, 1993.

KNAFOU, R. Turismo e território. Para um enfoque científico. In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.) **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1999.

LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projetos e relatório, publicações e trabalhos científicos. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A revolução urbana**. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIMA, M. C. **Monografia**: a engenharia da produção. São Paulo: Saraiva, 2004.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas Verdes Públicas Urbanas: Conceitos, Usos e Funções. **Ambiência**. Guarapuava, PR. v.1 n.1 p. 125-139 jan./jun. 2005.

LOPES JÚNIOR, W. M.; SANTOS, R. C. B. Reprodução do espaço urbano e a discussão de novas centralidades. **Revista RA'E GA**. n. 19. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 107-123.

LOPES, P. H. de M. **Economia da Experiência e turismo**. Niterói, 57 p. Monografia (Graduação em Turismo). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

LUCHESA, C. J.; CHAVES NETO, A. **Cálculo do tamanho da amostra nas pesquisas em administração**. Curitiba: Edição do autor, 2011.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, S. S. **Parques urbanos no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

MAZZEI, K.; COLESANTI, M. T. M.; SANTOS, D. G. Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 19. pp. 33-43, jun. 2007.

MENEZES, C. L. **Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente**: A experiência de Curitiba. Campinas: Papirus, 1996.

MURTA, M.; ALBANO, C. (Org.) **Interpretar o patrimônio um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.

MTUR Ministério do Turismo. Disponível em:
<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/espaco_academico/glossario/detalhe/T.html> Acesso em 12/12/2012.

_____. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/ecoturismo.html> Acesso em: 13/10/2011.

NAMISAKI, R. H. H. **Contribuição do pavilhão de eventos do Parque Barigui e suas atividades para o espaço turístico de Curitiba – Paraná**.

Balneário Camburiú, 238 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camburiú, 2012.

NEIMAN, Z.; GEERDINK, S.; PEREIRA, J. C.. A imagem como agente motivador para o ecoturismo. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 71-95, 2011.

NIGRO, C. As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia *In*: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (orgs.) **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

OLIVEIRA, D. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

OLIVEIRA, M. M.. **Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'Água**: um Estudo de Caso como Contribuição para o Planejamento e a Gestão de Parques Urbanos no Distrito Federal. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.

OLIVEIRA, M. P.; RECHIA, S. O Espaço Cidade: Uma Opção de Lazer em Curitiba (PR). **Periódico Licere**. Vol. 12, n. 3. Belo Horizonte, set/2009.

PACE, T. H. **Paisagem como recurso de desenvolvimento do turismo no âmbito da gestão urbana**: estudo de caso em Curitiba, Paraná. 2011. 215 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

PEARCE, D. G. **Geografia do turismo**: fluxos e regiões no mercado de viagens. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2003.

PINE II, B. J.; GILMORE, J. H. **O espetáculo dos negócios**: desperte emoções que seduzam os clientes, sensações intensas determinam o valor de produtos e serviços. Trad. Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

RAMOS, S. E. V. de C.; GANDARA, J. M. G.; TRAMONTIM, R. **Turismo e planejamento urbano: uma análise sobre o caso de Curitiba**. In: ANPTUR - V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Turismo. Belo Horizonte, 2008.

RECHIA, S. **Parques Públicos de Curitiba**: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer. Tese (Doutorado em Educação Física). UNICAMP, Campinas, 2003.

RIBEIRO, R. M. **Planejamento Urbano, espaços públicos de lazer e turismo no bairro Uberaba em Curitiba-PR**. Curitiba, 135f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, 2005.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e geografia**: Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROSSI, F. A.; DUMKE, E.; KRÜGER, E. L. Atualização do ano climático de referência para Curitiba. 2009. Natal. **Anais** [do] X Encontro Nacional e VI Encontro Latino Americano de Conforto no Ambiente Construído. Natal, 2009. p. 199-207.

ROSSI, F. A.; KRÜGER, E. L. Análise da variação de temperaturas locais em função das características de ocupação do solo em Curitiba. **Revista RA'É GA**, Curitiba, n. 12. Curitiba: Editora UFPR, 2005. p. 93-105.

RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento Sustentável**. Campinas: Papirus, 1997.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, D. M. dos. **Departamento de Parques e Praças**. Prefeitura Municipal de Curitiba. 04 jul. 2012. Comunicação verbal.

SANTOS, G. E. O.; COSTA, B. V. Perfil dos visitantes dos parques da cidade de São Paulo. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2005. p. 39-45.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Manual de Geografia Urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCALISE, W. Parques Urbanos - evolução, projeto, funções e uso. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília, v4, n. 1, 2002. p. 17-24.

SCHERER, R. Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo. *In*: YÁZIGI, E. (org.) **Turismo e Paisagem**. São Paulo, Contexto, 2002.

SCIFONI, S. Por uma geografia política dos patrimônios naturais *In*: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (orgs.) **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

SERPA, A. Gestão Territorial do Sistema de Parques Públicos em Salvador, Bahia: Contradições e Paradoxos. **Revista RA'E GA**. n. 12. Curitiba: Editora UFPR, 2006. p.7-19.

_____. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, E. A. Lazer nos Espaços Urbanos. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. v. 1 nº 1. Três Lagoas-MG: AGB TL, 2004. p. 54-69.

SILVA, F. C. da.; SOUZA, C. F. **Turismo e Lazer Urbanos em Espaços Públicos**: relevância dos processos de interação cultural para a gestão de parques. *In*: ANPTUR - VIII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Turismo. Balneário Camboriú, 2011.

SILVA, L. J. M.; EGLER, I. **O Estudo da Percepção em Espaços Urbanos Preservados**. I Encontro Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Indaiatuba/SP, 2002.

SILVA, L. J. M. **Parques urbanos**: a natureza na cidade - Uma análise da percepção dos atores urbanos. Brasília, DF, 100 f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Sustentável). UNB, Brasília, 2003.

SILVA, M. G. L. **Cidades turísticas**: identidades e cenários de lazer. São Paulo: Aleph, 2004.

SILVA, R. R. de S. **Avaliação Paisagística e Turística do Jardim Botânico de Curitiba, Paraná, Brasil**. 106 f Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal). UFPR, Curitiba, 2012.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. *In: Mana Estudos de Antropologia Social*. vol.11 nº.2. Rio de Janeiro, 2005. p. 577-591.

SIVIERO, A. P. Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: reflexões teóricas e articulações. **Revista RA'E GA**. n. 11. Curitiba: Editora UFPR, 2006. p. 51-59.

SMMA Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Parques e bosques**. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-smma-secretaria-municipal-do-meio-ambiente/267>. Acesso em: 01/07/2012.

SOUZA, P. C. A. de. **Funções sociais e ambientais de parque urbano constituído como unidade de conservação**: percepção dos usuários do parque natural municipal Barigui em Curitiba, Paraná. Curitiba, 144 f Dissertação (Mestrado em Gestão urbana). PUCPR, Curitiba, 2010.

SZEREMETA, B. **Avaliação e Percepção da Paisagem Sonora de Parques Públicos de Curitiba – Paraná**. Curitiba, 91 f. Dissertação (mestrado em Engenharia Mecânica). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

TARNOWSKI, C. M. L. **Percepção da paisagem**: estudos sobre vazios urbanos no centro de Curitiba-Paraná. Curitiba, 201 f. Dissertação (mestrado em Gestão Urbana). PUCPR, Curitiba, 2007.

TELLES, D. H. Q. **Análise sobre a situação socioambiental e do turismo na Vila de Encantadas, Ilha do Mel, Paraná**. 89 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

TOLEDO, F. S.; SANTOS, D. G. Espaço livre de construção – um passeio pelos parques urbanos. **REVSBAU**. v.7, n.2. Piracicaba – SP, 2012. p.10-23.

TONINI, H.; LAVANDOSKI, J. Enoturismo: experiências e sensações no Vale dos Vinhedos (RS). **Revista Turismo em Análise**. Vol. 22 n. 1. São Paulo: ECA USP, 2011. p. 25-43

TORRES, N. J. R. **Gestão do Patrimônio Histórico e Desenvolvimento Urbano Sustentável: Políticas Públicas para o incremento do Turismo em Curitiba**. Curitiba, 114 f. Dissertação (mestrado em Gestão Urbana). PUCPR, Curitiba, 2007.

TRIGO, L. G. G. A viagem como experiência significativa. *In*: PANOSSO NETO, A.; GAETA, C. (orgs.) **Turismo de experiência**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

TRINDADE, E. M. C. **Cidade Homem Natureza: Uma história das políticas ambientais de Curitiba**. Curitiba: Unilivre, 1997.

TUAN, YI-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNILIVRE Universidade Livre do Meio Ambiente. Disponível em <<http://www.unilivre.org.br/>>. Acesso em 28/08/2012.

URBS Urbanização de Curitiba. Disponível em <<http://urbs/transporte/linha-turismo>>. Acesso em 23/07/2012.

VALDUGA, V. Sujeito turístico e espaço turístico: possibilidades teórico-metodológicas para os estudos do turismo. **Revista Turismo & Desenvolvimento** (Online), v. 01, 2012. p. 481-492

VALENTIN, R. B. **Sobre lazer das tribos urbanas: o final de semana no Parque Barigui**. Curitiba, 293 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, 2009.

VIEIRA, V. B. **A gestão pública municipal no desenvolvimento do turismo nas áreas legalmente protegidas de Joinville (SC)**. 174f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, 2010.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA FINAL.....	158
APÊNDICE 2 - MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO PRÉ-TESTE DA PESQUISA.....	159
APÊNDICE 3 – DIAS DA PESQUISA DE CAMPO POR PARQUE.....	160
APÊNDICE 4 – TABELA COM O QUE OS TURISTAS MAIS GOSTARAM EM CADA PARQUE.....	161
APÊNDICE 5 - TABELA COM O QUE OS TURISTAS MENOS GOSTARAM EM CADA PARQUE.....	162

APÊNDICE 1 - MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA FINAL

Questionário para dissertação de mestrado em Geografia: A experiência dos turistas nos parques de Curitiba

Acadêmica: Maira Pedron - Universidade Federal do Paraná

Parque: _____

Data: ____/____/____

Hora: ____:____

- Procedência: _____

- Idade: _____ - Gênero: F () M ()

- Grau de escolaridade:

a. Não possui

b. Ensino Fundamental

c. Ensino médio

d. Ensino Superior

e. Pós-Graduação

Completo () Incompleto ()

- Profissão: _____

- Motivação da viagem:

a. Negócios

b. Eventos

c. Estudos

d. Visita a parentes/amigos

e. Lazer

f. Outros: _____

- Quantas pessoas viajam com você? _____
() Família () Namorado/a, Cônjuge () Amigos

- Primeira vez em Curitiba?

a. Sim b. Não.

- Se não, primeira vez neste parque?

a. Sim b. Não

- 1) Quais expressões podem traduzir sua experiência neste parque?

Enumere de 1 a 4, sendo 1 a mais importante e 4 a menos importante.

() "contemplei o local", "apreciei a paisagem", "me senti confortável"

() "me diverti", "aproveitei o passeio", "gostei"

() "aprendi coisas novas", "absorvi informações", "adquiri conhecimento"

() "realizei atividades onde pude fugir do cotidiano", "pratiquei esportes", "vivenciei experiências novas", "me envolvi com as atividades que realizei"

- 2) O que você considera mais importante em um parque como este?

Enumere de 1 a 4, sendo 1 o mais importante e 4 o menos importante.

() a localização dos equipamentos (banheiros, lanchonetes, playground)

() ser um local de encontro, lazer, conservação ou prática de esportes

() qualidade da infra-estrutura e os equipamentos existentes no parque

() História, meio ambiente e sociedade representadas no parque

- 3) Para você qual é a função deste parque? Priorize a importância enumerando de 1 a 4, sendo 1 o mais importante e 4 o menos importante.

() conservação da natureza

() local onde as pessoas podem se encontrar, se relacionar, caminhar

() local para desfrutar a natureza na cidade

() local onde é possível encontrar grupos de usuários bem diferentes / local capaz de transformar o seu entorno.

- 4) Que atividades você realizou neste parque?

a. Passeio / Caminhada

b. Esportes

c. Apresentações culturais

d. Contemplação

g. Outras: _____

e. Visita a espaços culturais (memoriais, museus, etc.)

f. Compras (souvenir, artesanato, gastronomia local, etc.)

- 5) O que você mais gostou durante seu passeio neste parque?

a. Espaços são bem cuidados

b. Beleza do local

c. Pessoas

g. Outros: _____

d. História

e. Natureza

f. Paisagem

- 6) O que você menos gostou durante seu passeio neste parque?

a. Infra-estrutura inadequada

b. Vias e sinalização de acesso deficientes

c. Má conservação das instalações

g. Outros: _____

d. Precariedade de limpeza

e. Equipamentos de lazer insuficientes

f. Nada

- 7) Você retornaria a este parque?

a. Sim

b. Não

Porquê? _____

- 8) Você recomendaria este parque para outras pessoas? a. Sim

b. Não

Porquê? _____

APÊNDICE 2 - MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO PRÉ-TESTE DA PESQUISA

Questionário:

1. Procedência:
2. Escolaridade:
3. Idade:
4. Gênero:
5. Motivação da viagem:
6. Com que frequência visita Curitiba?
7. Quais foram os pontos visitados?
8. Antes da viagem qual era a imagem que você tinha dos parques de Curitiba?
9. Como foi sua experiência nesse parque?
10. O que o levou a escolher este parque?
11. Seu passeio foi contemplativo ou você praticou alguma atividade? Qual?
12. Você considera que aprendeu alguma coisa aqui?

APÊNDICE 3 – DIAS DA PESQUISA DE CAMPO POR PARQUE

Data	Parque	Quantidade de entrevistas
25/11/2012	Jardim Botânico	15
01/12/2012	Tanguá	11
01/12/2012	Barigui	1
01/12/2012	Tingui	2
08/12/2012	Tanguá	10
11/12/2012	Jardim Botânico	4
12/12/2012	Jardim Botânico	5
13/12/2012	Pedreiras	7
15/12/2012	Pedreiras	13
18/12/2012	Pedreiras	4
21/12/2012	Pedreiras	3
21/12/2012	Tanguá	8
21/12/2012	Bosque Alemão	3
28/12/2012	Jardim Botânico	14
29/12/2012	Jardim Botânico	19
30/12/2012	Tanguá	23
30/12/2012	Barigui	3
03/01/2013	Jardim Botânico	6
04/01/2013	Passeio Público	4
05/01/2013	Pedreiras	38
06/01/2013	Jardim Botânico	24
06/01/2013	Barigui	6
08/01/2013	Jardim Botânico	7
09/01/2013	Barigui	3
09/01/2013	Passeio Público	2
10/01/2013	Jardim Botânico	10
12/01/2013	Barigui	5
12/01/2013	Jardim Botânico	36
14/01/2013	Barigui	1
14/01/2013	Pedreiras	10
15/01/2013	Pedreiras	5
15/01/2013	Barigui	2
17/01/2013	Passeio Público	2
18/01/2013	Pedreiras	10
19/01/2013	Pedreiras	30
19/01/2013	Barigui	4
19/01/2013	Passeio Público	4
19/01/2013	Bosque do Papa	6
20/01/2013	Barigui	1
20/01/2013	Unilivre	2
21/01/2013	Unilivre	14
22/01/2013	Bosque Alemão	4
22/01/2013	Tingui	12
23/01/2013	Bosque Alemão	9
23/01/2013	Bosque do Papa	6
23/01/2013	São Lourenço	3
24/01/2013	São Lourenço	3
26/01/2013	São Lourenço	4

Fonte: A autora (2013).

APÊNDICE 4 – TABELA COM O QUE OS TURISTAS MAIS GOSTARAM EM CADA PARQUE

Mais gostou / Parque	Botânico (140 questionários)	Pedreiras (120)	Tanguá (52)	Barigui (26)	Unilivre (16)	Alemão (16)	Tingui (14)	Papa (12)	Passeio (12)	S. Lourenço (10)
Espaços bem cuidados	14	6	3	1	1	1	1	1	-	1
Beleza do local	12	7	3	4	1	1	1	1	-	1
Pessoas	3	-	-	4	-	2	1	-	-	1
História/Cultura	-	1	-	-	-	1	4	4	-	1
Natureza	62	29	12	7	7	5	4	3	4	5
Paisagem	21	15	33	3	2	-	2	2	-	2
Arquitetura/Estrutura	14	14	2	2	-	2	1	1	1	-
Estufa Jd. Botânico	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ambiente do parque	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aprendizagem	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jardim das Sensações	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Museu Botânico	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tranquilidade	1	2	-	2	1	1	2	-	-	-
Nada	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-
Tudo	20	8	1	1	-	-	1	1	-	-
Teatro Ópera de Arame	-	33	-	-	-	-	-	-	-	-
Diferente	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Integração Construção e natureza	-	6	-	-	7	-	-	-	-	-
Lago	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-
Peixes	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Túnel	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Queda d'água	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-
Primeira impressão	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Passear	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Opções de lazer	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-
Urbanização	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Mirante	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-
Animais	-	-	-	-	1	-	-	-	9	-
Trilha	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-
Gastronomia	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Vivenciar o Parque	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Exposições	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-
Pista de skate	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

Fonte: A autora (2013).

APÊNDICE 5 - TABELA COM O QUE OS TURISTAS MENOS GOSTARAM EM CADA PARQUE

Menos gostou / Parque	Botânico (140 questionários)	Pedreiras (120)	Tangará (52)	Barigui (26)	Unilivre (16)	Alemão (16)	Tingui (14)	Papa (12)	Passeio (12)	S. Lour. (10)
Nada	99	87	25	21	12	7	11	9	8	8
Infraestrutura inadequada	7	6	3	3	1	4	1	-	1	1
Vias e sinalização de acesso deficientes	3	2	3	-	-	-	-	-	-	-
Má conservação das instalações	4	1	1	-	1	1	-	-	2	1
Precariedade da limpeza	2	2	6	-	-	-	-	-	-	1
Equipamentos de lazer insuficientes	2	2	-	-	1	1	-	-	-	1
Atendimento	1	-	1	-	-	1	-	1	-	-
Água suja/mal cheirosa	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-
Algo relacionado ao clima	7	1	1	-	-	2	-	1	-	-
Espaços fechados	6	9	-	-	1	-	-	-	-	-
Esperava mais coisas	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Muita gente	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-
Pouca coisa no museu	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pouca opção de alimentação	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Poucos banheiros	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Trilha isolada	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Piso vazado da ópera, medo de altura	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-
Preço dos produtos	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Arquitetura	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Faltam informações	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-
Desmatamento	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Faltam lixeiras	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Mirante	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Artificial	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Poucas árvores/sombra	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-
Pouco policiamento	-	-	1	1	-	-	-	-	1	-
Subida	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Não ter apresentações	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-
Trilha podia ser expandida	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Não aceitam dólares	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Proibição de cachorro no parque	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Presépio gigante feio	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-

Fonte: A autora (2013).